



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS

ALICE BRUNA FERNANDES BENEVIDES

A LÍNGUA DO OUTRO: LITERATURA MENOR EM *AMERICANAH*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE

Vitória da Conquista, Bahia

2026

ALICE BRUNA FERNANDES BENEVIDES

**A LÍNGUA DO OUTRO: LITERATURA MENOR EM *AMERICANAH*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre.

Orientador: Profº Drº Cássio Roberto Borges da Silva

Linha de pesquisa: Estudos Transdisciplinares das Linguagens.

Vitória da Conquista, Bahia

2026

B413l

Benevides, Alice Bruna Fernandes.

A língua do outro: literatura menor em Americanah, de Chimamanda Adichie / Alice Bruna Fernandes Benevides, 2026.

96 f. ; il.

Orientador (a): Dr. Cássio Roberto Borges da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, Vitória da Conquista, 2026.

Inclui referências F. 90 - 96

1. Americanah. 2. Literatura menor. 3. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977- - Crítica e interpretação. I. Silva, Cássio Roberto Borges da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras. III. T.

CDD Ni823



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DA UESB.

Aos vinte e dois dias do mês de maio de 2026, por meio digital/virtual, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, os membros da Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof.^a Dr.^a Zamara Araujo dos Santos (PPGCEL/UESB), Profa. Dra. Zoraide Portela Silva (PPGELS) e pelo Dr. Cássio Roberto Borges da Silva (PPGCEL/UESB), orientador, para julgar a dissertação “*A língua do outro: literatura menor em Americanah, de Chimamanda Adichie*”, de autoria de Alice Bruna Fernandes Benevides. Depois da apresentação pela candidata e arguição pela banca, deliberou-se pela aprovação, condicionando-se o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Linha de Pesquisa: Estudos Transdisciplinares das Linguagens, à entrega de versão definitiva da dissertação até 30 dias decorridos da data de defesa, conforme preconiza artigo 62, capítulo XXIV – Da Versão Final da Dissertação, da Resolução Consepe Nº 38/2020 – que aprova o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Nada mais havendo a ser tratado, a comissão examinadora encerrou a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após a sua leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pela candidata ao título de mestre.

Documento assinado digitalmente
gov.br CASSIO ROBERTO BORGES DA SILVA
Data: 22/05/2026 11:45:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vitória da Conquista, 22 de maio de 2026.

Orientador – Prof. Dr. Cássio Roberto Borges da Silva

Documento assinado digitalmente
gov.br ZAMARA ARAUJO DOS SANTOS
Data: 22/06/2026 09:20:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna – Profa. Dra. Zamara Araujo dos Santos

Documento assinado digitalmente
gov.br ZORAIDE PORTELA SILVA
Data: 20/06/2026 10:55:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa – Profa. Dra. Zoraide Portela Silva

Documento assinado digitalmente
gov.br ALICE BRUNA FERNANDES BENEVIDES
Data: 22/06/2026 12:14:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestranda – Alice Bruna Fernandes Benevides

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | ppgcel@gmail.com

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP 45.700-000
PABX.: (77) 3261 - 8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequiezinho
CEP 45.200 - 000
PABX.: (73) 3528 - 9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querido, km 4
Bairro Universitário
CEP.: 45031 - 300
PABX.: (77) 3424 - 8600

*“eu vou e levarei
meus irmãos
nas minhas veias
[...]
sou e chegarei
que qualquer futuro importa
me basta
que eu corro
que estamos
no fundo do mundo
em casa, na boca do céu”*

Giovani Cidreira

Estudo dedicado à Vic da Cruz, que será, para sempre, uma parte tão importante de mim.

AGRADECIMENTOS

Não seria eu se eu não houvesse uma dificuldade dolorosa em fazer o que parece simples. Então, esses agradecimentos surgem de forma difícil e lenta. Difícil porque o cansaço teve suas formas de me alcançar no trajeto dessa pesquisa; lenta porque é nesse tempo que sei caminhar.

Agradeço à minha mãe, Solange, Sol, por ter sido isso mesmo que seu nome remete: uma luz, às vezes poderosa demais a ponto de doer os olhos, mas sempre presente – minha mainha, obrigada por ter me lembrando constantemente que o chão não sairia do lugar. Agradeço a meus irmãos, Alex e Breno, que, cada um do seu jeito, desde sempre fizeram com que meus dias fossem mais bonitos de serem vividos, vocês são meus parceiros pra vida toda, ainda os escolheria para serem meus irmãos se essa tarefa fosse minha, tenho toda a sorte do mundo pelo raio ter caído duas vezes no mesmo lugar. Alex, que já estava no mundo quando eu surgi, me ensina como ver a vida com olhos mais gentis e me dá coragem para experimentar o mundo. Breno, com quem compartilho minhas peculiaridades mais aleatórias, me ensina todos os dias que a única coisa que podemos ser é nós mesmos, sem tirar nem pôr. Agradeço a meu pai, Josias, por ter sido um exemplo de educador e por ter me apresentado essa profissão que tão cuidadosamente cultivo agora.

Aos meus amigos, eu jamais teria conseguido passar por tudo isso sem vocês. Desde aqueles que conheci muito antes de pensar em ser psicóloga ou pesquisadora; os que encontrei durante minha jornada acadêmica, minhas irmãs e irmãos do coração e de profissão; até os que surgiram também só durante o mestrado, e todos aqueles que foram se ajeitando e preenchendo cada espaço do meu, às vezes pesado, coração. Não citarei nomes, visto que, surpreendentemente, tenho tantos amigos, mas tenho certeza que cada um de vocês se reconhece nessas palavras.

A vida não deixou de acontecer enquanto escrevia essas páginas e o pesar dos desenlaces também fizeram parte do texto que pude produzir, por isso mesmo, quero também agradecer àqueles que foram seguindo outros caminhos, mas que viram o início dessa trajetória.

Agradeço aos meus colegas de mestrado por terem feito esse processo ser muito mais leve e engraçado do que parecia possível. Especialmente, agradeço a Aline, minha dupla dinâmica, com quem compartilhei as dificuldades e as conquistas; e agradeço a Sabrina, que acolheu minha inquietude com sua delicadeza.

Agradeço ao meu orientador, Profº Drº Cássio Roberto, pela parceria na pesquisa e por ter acreditado que de uma bagunça organizada surgiria um texto mais organizado do que bagunçado. Obrigada pelos ensinamentos e pela exigência que, com toda certeza, fez com que eu desenvolvesse meu potencial no PPGCEL.

Agradeço a todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram com essa pesquisa. Agradeço a toda equipe do PPGCEL pelo apoio durante o curso. Agradeço imensamente aos funcionários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sem os quais a universidade não seria possível. Agradeço, também, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia por ter financiado esse estudo e possibilitado uma pós-graduação digna e possível.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de estudar algo completamente novo em nome do amor à literatura e à pesquisa. O gosto por fazer com que meus caminhos sejam um pouco mais difíceis pode parecer contraproducente, e é mesmo! Mas não cheguei até aqui para fazer girar máquina alguma que não a do meu desejo. Essa pesquisa é a minha forma de lembrar para mim e para todos que importam que a vida é minha, pego ela pelas mãos mesmo que ela teime em escorrer, e, destemidamente, quero vivê-la.

RESUMO

Como efeito da difusão da língua inglesa pelo mundo, seus usos têm se modificado paulatinamente, principalmente em contextos periféricos. A literatura de um território revela a complexidade histórica e cultural das comunidades humanas e é, por si só, um elemento constituinte da realidade da qual emerge. O presente estudo objetiva, através da análise do blog escrito pela personagem principal do romance *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, discutir como se dão os usos da língua inglesa na obra e explorar os encadeamentos dos usos da língua estrangeira no contexto pós-colonial, além de propor uma reflexão acerca dos dispositivos de biopolítica e necropolítica como essenciais para compreender o desenvolvimento do *self* nesse contexto. A ficção, no sentido apreendido pela presente pesquisa, antevê a comunidade futura, cria uma linguagem para um povo, permitindo que ele possa existir na esfera de uma língua formalizada, escrita, por meio das oralidades marginalizadas em relação ao padrão hegemônico, as quais tensionam a tradição escrita e radicalizam sua potência criativa ao inaugurar uma nova língua. A investigação apoia-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa, assentada em revisão bibliográfica e análise textual baseada na noção de literatura menor e nos componentes de uma filosofia da multiplicidade deleuze-guattariana. Através da articulação do campo teórico e a análise crítica da obra, examinou-se o uso minoritário da linguagem, desterritorializado, que emerge em uma língua maior, reconstruindo-a. Conclui-se que a língua inglesa no romance aparece de formas distintas, ora como elemento de dominação, ora como componente de restituição criativa do *self* da personagem principal.

Palavras-chave: *Americanah*; colonialismo; literatura menor; biopolítica; necropolítica.

ABSTRACT

As a result of the spread of the English language throughout the world, its uses have gradually changed, especially in peripheral contexts. The literature of a territory reveals the historical and cultural complexity of human communities and is, in itself, a constituent element of the reality from which it emerges. This study aims, through the analysis of the blog written by the main character in the novel *Americanah*, by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, to discuss how the English language is used in the work and explores the interconnections of the uses of the foreign language in the post-colonial context, in addition to proposing a reflection on the devices of biopolitics and necropolitics as essential to understanding the development of the self in this context. Fiction, in the sense understood by this research, anticipates the future community, creates a language for a people, allowing them to exist within the sphere of a formalized, written language, through marginalized oral traditions in relation to the hegemonic standard, challenge writing and radicalize its creative potential by launching a new language. This investigation employs a qualitative and interpretative approach, based on bibliographic review and textual analysis grounded in the notion of minor literature and the components of a Deleuze-Guattari philosophy of multiplicity. Through the articulation of the theoretical field and the critical analysis of the work, it examines the minority use of language, deterritorialized, which emerges in a larger language, reconstructing it. It concludes that the English language in the novel appears in distinct forms, sometimes as an element of domination, sometimes as a component of the creative restitution of the main character's self.

Keywords: *Americanah*; colonialism; minor literature; biopolitics; necropolitics.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – PALAVRAS INTRODUTÓRIAS E APORTE TEÓRICO	10
INTRODUÇÃO	10
1 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL.....	14
1.1 BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA.....	14
1.2 COLONIALISMO, COLONIALIDADE E TEORIAS CRÍTICAS DO COLONIALISMO	18
1.3 A LÍNGUA.....	23
 CAPÍTULO II – DA LITERATURA MENOR	26
2.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO, POLÍTICA E AGENCIAMENTO COLETIVO DE ENUNCIÇÃO.....	27
2.2 RIZOMA	31
2.3 POSTULADOS DA LINGÜÍSTICA	38
2.4 O QUE SE PASSOU?	48
 CAPÍTULO III – BROTO AÉREO FOLIOSO – UM BREVE ESTADO DA ARTE.....	52
 CAPÍTULO IV – ENTRE OBSERVAÇÕES E REDENÇÕES: RIZOMAS MIGRATÓRIOS EM <i>AMERICANAH</i>.....	56
4.1 SOBRE LÍNGUA, GEOPOLÍTICA E IDENTIDADE EM <i>AMERICANAH</i>	59
4.2 A EXPERIÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA EM <i>AMERICANAH</i>	62
4.3 LINHA DE SEGMENTARIDADE FIXA: INTERVENÇÕES MACROPOLÍTICAS NA MICROPOLÍTICA DO <i>SELF</i>	70
4.4 LINHA DE SEGMENTAÇÃO MALEÁVEL: CATEGORIZAÇÃO ÉTNICO-RACIAL PÓS-COLONIAL	73
4.5 LINHAS DE FUGA: REAPRENDER A FALAR.....	83
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	90

CAPÍTULO I – PALAVRAS INTRODUTÓRIAS E APORTE TEÓRICO

INTRODUÇÃO

*[...] conhecimento do opressor
esta é a língua dele
e mesmo assim preciso dela para falar contigo*
Adrienne Rich ([1968] 2018).

A língua desempenha um papel central na experiência humana, ela faz parte da maneira como nos comunicamos, como entendemos e construímos nossa identidade cultural. Para além da esfera cognitiva, a linguagem é também instrumento de poder, a partir do qual são exercidas práticas de dominação e localizadas posições de subalternidade (Foucault, 1999). A literatura tem um papel fundamental na forma como nos comportamos frente a um contexto sociopolítico marcado pelas desigualdades, conflitos e disputas de poder. Ela integra um conjunto de elementos que moldam o campo artístico e a cena cultural em determinado território. Além disso, a produção literária, assim como outras manifestações artísticas, pode simular uma experiência compartilhada, permeada por acontecimentos históricos. Ao compreender a organização social a partir de bases colonialistas, entende-se que o processo de colonização afetou e ainda afeta a existência das populações que foram subjugadas e, conseqüentemente, esse processo de violência sistêmica emerge na produção literária.

Para Quijano (2005), a colonização, indissociável de uma categorização racial baseada na suposição da inferioridade dos povos africanos e indígenas, impôs novas formas de divisão social do trabalho e de organização da vida cotidiana. As estruturas sociais preponderantes no ocidente moderno foram geradas sob a perspectiva de valores eurocêtricos, caudatários de um regime de poder constituído a partir de um pressuposto de superioridade biológica, intelectual e cultural do branco europeu. Essa estrutura social racializada favoreceu o controle das forças produtivas, naturalizando o trabalho forçado de pessoas negras e indígenas e, posteriormente, as práticas culturais foram, também, classificadas de acordo à mesma perspectiva que havia justificado a escravização. Assim, a repercussão tardia da colonização, na forma da colonialidade, estabeleceu um senso de valor estético que toma a Europa como o padrão de produção cultural e de perspectiva de mundo.

A crítica literária pode influenciar o cenário cultural, oferecendo ferramentas para impulsionar a disseminação da literatura. Contudo, ao refletir sobre a colonialidade do saber (Quijano, 2005), destacamos o risco de restringir o domínio das práticas culturais relevantes a um certo tipo de produção que se coloca a serviço de uma lógica eurocêntrica, efetuando rotulações subalternizantes, quando não racistas, ao tratar os objetos culturais oriundos de matrizes africanas ou ameríndias, como fizeram os pioneiros historiadores da literatura brasileira, em fins do século XIX.

Considerando os desdobramentos possíveis da literatura na vida social, e vice versa, é crucial compreender como os espaços artísticos se constituem como campos de disputa de perspectivas. De um ponto de vista de resistência ao processo de homogeneização massiva, é possível utilizar a língua e outras ferramentas herdadas do colonizador para subverter os discursos coloniais. Nesse sentido, é essencial, também, negar o campo da literatura como instrumento civilizatório¹, ao tensionar as noções de civilização, ser, arte que a colonialidade promove.

Como prática contemporânea da crítica literária nessa conjuntura, a noção de literatura menor (Deleuze; Guattari, 2017, p. 35) estabelece um outro olhar para a literatura produzida dentro de contextos não hegemônicos, já que “[u]ma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”, existe, nos usos peculiares e particulares de uma língua, um uso menor, que permite “[...] opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento [...]” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 53).

Neste estudo, consideramos as categorias desterritorialização, a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação, categorias de uma literatura menor, como ferramentas para delinear, na escrita de Chimamanda Ngozi Adichie, temas importantes para o campo literário contemporâneo. Dessa forma, a obra *Americanah* é, na presente pesquisa, um campo a partir do qual emergem reflexões acerca da colonialidade, da biopolítica e da necropolítica.

¹ Contrapõe-se aqui à perspectiva central nas trajetórias críticas de Antonio Candido e Alfredo Bosi. A crítica contemporânea questiona a premissa de que o texto literário possui uma função intrínseca de “humanização” ou de integração do sujeito em uma norma cultural hegemônica, frequentemente vinculada a um projeto de nação de matriz eurocêntrica. Ao negar esse caráter pedagógico, propõe-se uma leitura da literatura não como reforço da ordem ou do progresso moral, mas como espaço de dissidência, barbárie e irrupção de subjetividades que desestabilizam os marcos da civilização tradicional.

Compreendemos que as literaturas americanas e africanas, sobretudo aquelas produzidas por grupos étnicos subalternizados, são permeadas pela instituição de um sistema de colonização predatório de vida, e são indissociáveis do contexto político de onde emergem. Através da perspectiva objetiva de uma literatura que é popular, marginal, mas, sobretudo, menor, há a possibilidade de uma literatura que se torne “[...] realmente máquina coletiva de expressão, [...] apta a tratar, a carrear os conteúdos” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 39).

Objetivamos, a partir da perspectiva de uma literatura menor, compreender os elementos centrais na obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, considerando como corpus da análise o blog da personagem principal, fazendo fluir, a partir da análise, as condições da escrita, buscando compreender como as escolhas estéticas da autora e os conteúdos exercitados por ela demonstram aspectos materiais da vida pós-colonial. A literatura menor não será tratada na pesquisa como um conceito a ser elucidado, mas um meio através do qual serão tecidas as análises do corpus de pesquisa. Assim, será tratada como substrato metodológico, aparecendo de forma transversal na pesquisa.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana, nascida em Enugu e faz parte de uma família ibo. A autora cresceu na cidade universitária de Nsukka, cenário que inspirou, posteriormente, a escrita não só dos seus romances, mas também de ensaios feministas. Adichie faz parte da terceira geração da literatura nigeriana, grupo marcado por “[...] indivíduos corajosos que recusam ser silenciados” (Hewett, 2005, p. 74), juntamente com nomes como Helen Oyeyemi e Sefi Atta. Sua escrita se assimila com a de autoras da mesma geração porque movimenta uma literatura que desafia a tradição masculinista presente nas gerações anteriores.

A partir da discussão de temáticas caras à formação social nigeriana, como o chauvinismo religioso introduzido a partir da colonização moderna do país, Adichie retoma cuidadosamente, mas de forma afiada, as preocupações de escritores das gerações anteriores, demonstrando, a partir de seus personagens, o intenso caos pós-colonial na Nigéria (Hewett, 2005), o que dá o tom da experiência social na obra.

Adichie publicou, até a presente data, cinco livros ficcionais: *Hibisco Roxo* (2003), *Meio Sol Amarelo* (2006), *No seu pescoço* (2009), *Americanah* (2013) e *A contagem dos sonhos* (2025)². Além das obras de ficção, a autora também lançou livros não-ficcionais e ensaios

² Datas de lançamento originais, em inglês.

feministas: *Sejamos todos feministas* (2014), *Para educar crianças feministas: um manifesto* (2017), *O perigo de uma história única* (2019), e *Notas sobre o luto* (2021).

No Brasil, todos os livros da autora foram traduzidos e lançados pela Companhia das Letras. A obra da autora foi traduzida para mais de 30 línguas e sua recepção no Brasil motivou algumas visitas de Adichie ao país, entre elas, foram notadamente relevantes sua colaboração na *Festa Literária Internacional de Paraty*, em 2008; a entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 2021, e, em 2022, sua presença no *Salão Carioca do Livro* (Marcos, 2022). Mais recentemente, em 2025, participou da Bienal do Livro no Rio de Janeiro, onde divulgou seu oitavo livro, *A Contagem dos Sonhos*, e falou sobre o tema da maternidade, que a influenciou na escrita da obra (Espírito Santo; Marques, 2025).

Na entrevista ao programa de televisão *Roda Viva*, Adichie comentou sobre temáticas comuns em seus livros, ficcionais e não-ficcionais, como a necessidade de ensinar o feminismo às crianças, o feminismo enquanto assunto polêmico na Nigéria e a violência dos homens em relação às mulheres. Sobre o Brasil, a autora disse estar surpresa por não haver muitas pessoas negras ocupando lugares de poder e mesmo nos eventos para os quais foi convidada, manifestando sua percepção do racismo velado no Brasil.

A proposta desta pesquisa foi compreender a obra analisada sob a perspectiva da positividade das intensidades, na potência produtiva da diferença, o estudo foi guiado pela possibilidade de uma filosofia poética que questiona a binaridade da produção de desejo. Nessa perspectiva, não pretendemos analisar o lugar a que pertence a obra de Adichie, mas as territorialidades que essa escrita suscita e faz fugir e refletir sobre a literatura como parte de um jogo político que movimenta a máquina da língua, menor ou maior.

Considerando o aporte teórico adotado neste estudo, especialmente o da literatura menor, buscamos compreender os pontos de intersecção entre arte, filosofia e ciência, tentando encontrar, como preconizam Gilles Deleuze e Félix Guattari, ressonâncias para refletir sobre a escrita de Chimamanda Adichie, apontando a emergência, nesses pontos de encontro, de ponderações sobre biopolítica, necropolítica e colonialidade em *Americanah*.

O presente estudo está dividido em cinco partes. O primeiro capítulo, “Palavras Introdutórias e Aporte Teórico”, compreende uma introdução ao tema de pesquisa; a segunda seção do capítulo aborda o marco teórico conceitual, no qual são apresentados os conceitos e a base epistemológica que guia a teoria e a metodologia do estudo: biopoder e biopolítica; necropolítica, colonialismo e colonialidade.

O segundo capítulo, “Da Literatura Menor”, é dedicado à reflexão sobre essa perspectiva analítica proposta por Deleuze e Guattari. Nesta etapa, descrevemos as categorias propostas pelos autores para discutirem a literatura menor: desterritorialização, a ligação do individual com o imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação e os fundamentos basilares dessas categorias, como o rizoma e os postulados de linguística.

O terceiro capítulo, “Dos procedimentos preliminares à análise” conta com uma revisão de literatura realizada em plataformas de indexação de estudos acadêmicos, de forma a estabelecer um panorama geral acerca da produção sobre Chimamanda Ngozi Adichie e, em específico, sobre *Americanah*. No quarto capítulo, “Da Análise”, apresentamos os resultados das análises empreendidas sobre o blog da personagem principal do romance, chamado *Raceteenth or Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black*, de acordo com o aporte teórico proposto. No último capítulo, “Considerações Finais”, tecemos as conclusões alcançadas através da investigação realizada, apresentando uma síntese dos resultados e buscando consolidar o conhecimento construído nos capítulos antecedentes.

1 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

Para embasar teoricamente esta dissertação, bem como para justificar as escolhas metodológicas de pesquisa, empreenderemos a seguir a exposição de alguns tópicos fundamentais a propósito da articulação entre os temas do estudo e os princípios teórico-metodológicos aqui mobilizados.

Inicialmente, discutimos as concepções de *Biopolítica e necropolítica* utilizando os trabalhos em que elas foram originalmente concebidas (Foucault, [1976] 2005; Mbembe, 2016, respectivamente). Na segunda subseção, *Colonialismo, colonialidade e teorias críticas do colonialismo*, estabelecemos um panorama conceitual sobre as concepções propostas, buscando compreender sua construção e o cenário atual no campo de pesquisa sobre colonialismo.

1.1 BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA

Furtado e Camilo (2016) afirmam que o tema do biopoder é tratado por Michel Foucault como uma ideia básica em suas análises, de forma mais contundente no curso *Segurança*,

território, população, de 1978, mas destacam que a questão já era considerada desde suas conferências no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1974. Nessas aulas, Foucault defendia, a partir da utilização do conceito de “biopolítica”, que a medicina estava cada vez mais presente nos espaços públicos, consequência do desenvolvimento de uma tecnologia política que torna o corpo passível de intervenção estatal.

A concepção de biopoder permeia o trabalho de Foucault durante toda a década de 70. Cabe destaque a aula de 17 de março de 1976, no curso ministrado no *Collège de France*, em que Foucault (2005) aborda o nascimento do biopoder e sua relação com o corpo, a morte e o racismo, especialmente o racismo de Estado. Para Foucault (2005, p. 289-290), o biopoder se instala “[em] um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc.”.

Em termos gerais, o conceito de biopoder gira em torno de uma reflexão acerca do controle sobre a vida. Assim, para Foucault (2005), a soberania era um poder que fazia morrer e deixava viver e o biopoder consistia em um poder de regulamentação que fazia viver e deixava morrer. Posteriormente à apresentação do conceito de Biopoder, Foucault (2005, p. 303) discute as complexidades do exercício dessa regulamentação sobre a vida, tanto na perspectiva da vida-corpo quanto da vida-população, através dos paradoxos inerentes a esse tipo de exercício. Ele trata, principalmente, o paradoxo do poder atômico “[...] que não é meramente o poder de matar [...]” como algo difícil de ser contornado pelo poder político de sua época.

Essa dificuldade se dá porque “[...] no poder de fabricar e de utilizar a bomba atômica, temos a entrada em cena de um poder de soberania que mata, mas, igualmente, de um poder que é o de matar a própria vida” (Foucault, 2005, p. 303). Assim, o poder atômico representa a possibilidade de suprimir a própria vida. Então, de um lado, há o exercício da soberania através do poder atômico, mas sem a possibilidade de assegurar a vida e, de outro, suprime-se o poder atômico como forma de exercer o poder de assegurar a vida, mas excede-se, por esta via, o biopoder sobre o direito soberano.

A partir da discussão desse paradoxo central, Foucault (2005, p. 303-304) lança uma série de questionamentos:

[...] como vai se exercer o direito de matar e a função do assassino, se é verdade que o poder de soberania recua cada vez mais e que, ao contrário, avança cada vez mais o biopoder disciplinar ou regulamentador? Como um

poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida, de prolongar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências? Como, nessas condições, é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos, mas mesmo seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? Como exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder?

Para ele, é nessa contradição do biopoder que está inserido o racismo. Foucault (2005, p. 304) não compreende a emergência do biopoder como inauguração do racismo, mas foi ele que “[...] inseriu o racismo nos mecanismos do Estado [...]”, assim, para o autor,

[f]oi nesse momento que o racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo (Foucault, 2005, p. 304).

Sob esta perspectiva, Foucault (2005) compreende a questão do racismo como uma régua que delimita quem deve viver ou morrer. O poder, então, capta a diferenciação biológica das raças como forma de fragmentação desse contínuo de que se ocupa o biopoder. Por outro lado, o racismo faz funcionar uma lógica de extermínio do outro para autopreservação dentro desse sistema de regulamentação que já não é, simplesmente, o fundamento guerreiro de massacrar os inimigos para garantir a própria vida, mas de uma relação biológica em que

[a] morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (Foucault, 2005, p. 305).

Assim, para Foucault (2005, p. 306), “[a] raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização”.

De forma semelhante, considerando os efeitos do Estado moderno que estão inscritos no corpo e, especialmente, no corpo mutilado ou morto, Achille Mbembe (2016) conceitua a necropolítica, que diz respeito às formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte. Para Mbembe (2016, p. 146), a noção de biopoder, apesar de denominar com sucesso as formas de controle de um estágio de soberania do Estado-nação, não é suficiente para explicar

[...] as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”.

Daí a motivação para o desenvolvimento da noção de necropolítica. Mbembe (2016) localiza a reflexão proposta em seu texto na perspectiva de que na crítica política moderna há a prevalência da razão como um conceito central para a modernidade e também para a soberania. Para o autor, a diferenciação entre guerra e política se dá justamente no campo da razão, já que é “[...] a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento” (Mbembe, 2016, p. 124) que torna a política distinta da guerra e concretiza seu papel como exercício da razão na esfera pública.

O autor afirma que o discurso filosófico da modernidade assume a razão como verdade do sujeito. Trata-se de uma perspectiva que concebe a soberania como busca pela autonomia. Segundo o que apontam Silva e Santos Filho (2023, p. 10), é importante olhar para essa ideia com cautela, já que uma concepção de equidade subjacente à luta pela autonomia é

[...] um argumento limitado, uma vez que desconsidera, programaticamente, as restrições aos direitos elementares impostas aos grupos sociais subalternizados, particularmente, aos povos escravizados e aos povos originários em territórios afetados pela ocupação colonial.

Mbembe (2016) se interessa, no entanto, pela discussão da soberania que habilita e instrumentaliza o extermínio concreto de corpos humanos. Para esse debate, considera vida e morte como categorias mais adequadas e menos abstratas por permitirem compreender, em um resgate hegeliano, a ascensão do sujeito através da manutenção do trabalho da morte.

Negrís (2020) aponta que a necropolítica de Mbembe está conectada a outros conceitos, como biopolítica e racismo de Estado, em Foucault, Tanatopolítica, em Agamben, e um outro conceito de necropolítica de Sayak Valencia, que georreferencia o termo, captando suas particularidades em relação à realidade cultural mexicana. Apesar da composição teórica empreendida por Foucault na análise das tecnologias políticas ao longo dos séculos ser uma base importante para o desenvolvimento da ideia de necropolítica, em Mbembe, este conceito

[...] não é uma mera variação, continuidade ou derivação do racismo pensado por Foucault. A necropolítica trata de um mecanismo de poder peculiar que emerge do processo histórico de colonização dos povos da África e das

Américas, servindo de base para constituição do modelo de Modernidade europeia, que se perpetua até os dias de hoje por meio da globalização, do neoliberalismo e do colonialismo (Negris, 2020, p. 90).

Para Mbembe (2016, p. 130), “[q]ualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar a escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica”. Assim, é necessário, para compreender a complexidade e os limites da existência humana, entender as consequências do colonialismo e da colonialidade na organização da vida política, na diferenciação dos direitos legislados e dos direitos concretos, os quais, direta ou diretamente, dizem respeito ao direito à própria vida e morte e, diante desse conflito, também delimitam as possibilidades materiais de reafirmação do *self* e da condição de sujeito.

1.2 COLONIALISMO, COLONIALIDADE E TEORIAS CRÍTICAS DO COLONIALISMO

A Europa é indefensável
(Césaire, 1978, p. 13).

A forma como o Estado moderno opera sobre os corpos, decidindo quem deve morrer ou viver é explicitada através dos conceitos de biopolítica (Foucault, 2005) e necropolítica (Mbembe, 2016). Os processos de colonização exercidos por países europeus desde o século XV não se limitaram à ocupação dos territórios geográficos, mas desencadearam uma forma de organização de mundo que está, juntamente com as concepções de raça e racismo, na base do funcionamento desses mecanismos explorados por Michel Foucault e Achille Mbembe.

Sobre o processo de conexão entre povos, o poeta e ensaísta martinicano Aimé Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo* (1978), reconhece a importância de estabelecer contatos entre os mundos vividos por diferentes civilizações, entretanto, lança o seguinte questionamento: “[A] colonização pôs verdadeiramente em contato? Ou, se se prefere, era ela a melhor das maneiras para se estabelecer o contato? Eu respondo *não*” (Césaire, 1978, p. 15, grifo do original).

Sob esse ponto de vista, é importante reconhecer que não houve, no empreendimento colonial, qualquer tentativa de aproximação entre povos, mas uma investida violenta e desumanizadora, dela, “[...] é impossível resultar um só valor humano” (Césaire, 1978, p. 16).

O autor assevera que a colonização é um processo que, invariavelmente, destrói e destitui qualquer resquício de humanidade dos povos colonizados, assim como desciviliza o colonizador.

Esse “[...] veneno instilado nas veias da Europa e o progresso lento, mas seguro, do *asselvajamento* do continente” (Césaire, 1978, p. 17, grifo do original) é, sem dúvida, o projeto embrionário de um Estado homicida e suicida como o Estado nazista, examinado por Foucault (2005).

Enquanto o colonialismo se refere à dominação europeia de novas rotas de comércio e de outros territórios a partir do século XV, a colonialidade é um conceito desenvolvido por Anibal Quijano (1998) a fim descrever os desdobramentos do colonialismo nas relações de poder travadas na América, relações que impactam a definição de novas identidades baseadas em uma perspectiva eurocêntrica: os povos originários receberam a nomeação “índios”; os povos do continente africano foram denominados “negros” e os agentes que promoveram as guerras de “Emancipação” se identificaram como “europeus” ou “brancos”. Para o autor, essa distribuição é a base de toda a estrutura social nas Américas. Para Quijano (1998, p. 230):

[...] Fue impuesto así un patrón de poder cuyos ejes específicos eran:
a) la existencia y la reproducción continua de esas nuevas identidades históricas;
b) la relación jerarquizada y de desigualdad entre tales identidades “europeas” y “no-europeas” y de dominación de aquellas sobre éstas, en cada instancia del poder, económica, social, cultural, intersubjetiva, política;
c) debido a eso, las instituciones y mecanismos de la dominación societal, los subjetivos y los políticos en primer lugar, tenían que ser diseñados y destinados, ante todo, para la preservación de ese nuevo fundamento histórico de clasificación social, marca de nacimiento de la experiencia histórica americana, reproducida e impuesto después sobre todo el mundo, en el curso de la expansión del eurocéntrico capitalismo colonial.

A fim de estudar as implicações do jugo colonial europeu na organização social das Américas foram desenvolvidas abordagens que se diferenciam pela tradição teórica a que estão vinculadas e, principalmente, pela posição em relação à investida contracolonial. Para Faustino (2023, p. 122), “[...] o que configura os movimentos anticoloniais, em suas premissas teóricas e políticas, [...] é a aposta em uma práxis revolucionária que os libertaria do jugo colonial”, assim, a noção de anticolonial diz respeito a uma posição teórico-prática que possibilita e impulsiona os movimentos de libertação e revolução contra a máquina colonial.

Desde Quilombo dos Palmares, no século XVII, as rebeliões indígenas no Peru e na Bolívia, no século XVIII, até a Revolução Haitiana, entre os séculos XVIII e XIX, podemos compreender como a luta anticolonial é historicamente presente no contexto das Américas. A revolução negra do Haiti é, apesar das investidas anteriores que pretendiam desmontar o domínio colonial, considerada como o movimento que possui “[...] os traços definitivos do anticolonialismo histórico” (Pazello, 2023, p. 605).

Para Pazello (2023, p. 606), “[...] o anticolonialismo histórico serviu, ao mesmo tempo, de momento inaugural da crítica às bases coloniais da realidade social e de referência político-ideológica para os futuros processos de luta por libertação nacional/continental”. Assim, mesmo que os processos de independência não tenham significado a libertação da dominação europeia, tendo sobrevivido traços dessa submissão até os dias atuais, para o autor, foram esses movimentos anticoloniais que desencadearam investidas posteriores, como é o caso da revolução mexicana, em 1910.

O mesmo autor ainda diferencia o que se costuma chamar de anticolonialismo histórico, que designa aos movimentos revolucionários na América Latina do século XIX, e o anticolonialismo epistêmico, representado principalmente pela descolonização da Índia no século XX, seguida de vários processos de independência por toda Ásia, como no Vietnã. Ele ainda adiciona a África do Sul a essa primeira guinada de libertação do jugo colonial, que se retirou da *Commonwealth* da Grã-Bretanha em 1960. No entanto:

[...] foram os processos revolucionários africanos que, em geral, deram o tom da mudança qualitativa do anticolonialismo do século XX. Agora não mais como movimento somente político, inaugura-se também uma reflexão epistêmica de fundo, que redundará na elaboração de uma “teoria crítica” das mais inovadoras e importantes para superar as explicações de mundo tipicamente eurocentradas (Pazello, 2023, p. 607).

Nesse contexto, é essencial destacar o trabalho de Frantz Fanon, psiquiatra e psicanalista argelino-martinicano, um dos notáveis líderes da libertação da Argélia, “[...] Fanon ganhou notoriedade por seus escritos, sendo que *Os condenados da terra* acabou se tornando um verdadeiro testamento da epistemologia anticolonial” (Pazello, 2023, p. 607, grifo do original).

Ao situar o Terceiro Mundo na tormenta do colonialismo, Fanon evidencia como “[a] racialização do pensamento e a colonização intelectual são fenômenos que acompanham a situação colonial” (Pazello, 2023, p. 607) e, portanto, no pensamento fanoniano, é a partir do

enfrentamento contra a ocupação colonial que se prova a concretude de uma nação, e não através da cultura.

Diferentemente do que ocorre na divisão entre anticolonialismo histórico e epistêmico, o trabalho de Fanon e, mais especificamente, sua intervenção prática nas lutas de libertação da Argélia, não se dá na teoria apenas, já que a revolução, para Fanon, se manifesta “[...] como possibilidade de afirmação da dialética, a partir de um caminho hegeliano relativamente distinto daquele apontado pelo filósofo alemão: a violência” (Faustino, 2022, p. 92). Assim, através da concepção de violência como caminho de libertação, Fanon abole completamente a distinção dos campos teórico e prático, afirmando seu compromisso com uma luta intercontinental anti-imperialista.

De fato, apesar de Fanon, como aponta Faustino (2022, p. 122), “pertence[r] irredutivelmente à sua época”, seu trabalho transcende o emprego que foi atribuído a ele naquele momento e é, portanto, um elo fundamental para compreender o desenvolvimento dos movimentos revolucionários de libertação colonial que se seguiram na Guiné-Bissau, Angola, Zimbábue e Moçambique, como aponta Mbembe (2022).

O adjetivo “pós-colonial”, apesar da diversidade de sentidos que pode suscitar, refere-se, muitas vezes, a uma aplicação de cunho temporal, de forma que indica uma situação que herda implicações da situação colonial. A ideia de póscolonial (sem hífen) é apontada como alternativa ao adjetivo e aponta “[...] não uma situação, mas uma análise que consegue ir além das heranças epistemológicas coloniais – isto é, com certeza “pós”, mas no raciocínio e não no tempo: a análise é que é póscolonial [...]” (Cahen; Braga, 2018, p. 14).

De certa forma, pensar em pós-colonialismo é compreendê-lo como uma perspectiva de debate ajustada ao campo acadêmico, o que, para Pazello (2023), já indica suas possibilidades e limites. Ao mesmo tempo que as teorias pós-coloniais se apresentam como desacreditadas das narrativas da ação política, tendo, portanto, menos alcance prático, revela grande “[...] refinamento teórico, a partir de leituras tipicamente desconstrutivistas e pós-simbólicas”, o que “[...] ajuda a compreender uma série de fatores que ainda não estavam nítidos para os que se interessavam pela questão colonial” (Pazello, 2023, p. 608). Essa ideia de que exista uma separação entre a atividade intelectual e prática revolucionária não parece ser um argumento válido, já que a função enunciativa já abriga, por si só, uma função política (Foucault, 2008). Como apontado anteriormente, o próprio Fanon não distingue o campo teórico do campo prático.

O debate pós-colonial não se afilia a uma única tradição teórica, mas se mostra como uma perspectiva que tem a diáspora e o local da cultura como elementos centrais das reflexões que suscitam. Entretanto, “[...] em uma contradição assumida, dialoga preferencialmente com as teorias críticas europeias, desde a psicanálise e a semiótica até o pós-estruturalismo e a marcada presença de Foucault e seus continuadores” (Pazello, 2023, p. 609). Esse diálogo se justifica pelos locais de inserção dos principais teóricos dessa perspectiva, os quais estão inseridos, em sua maioria, no contexto universitário europeu.

Já o descolonialismo, na mesma perspectiva crítica ao colonialismo, se diferencia do anticolonialismo e do pós-colonialismo por uma questão temporal e espacial e, mais especificamente, por estabelecer uma nova concepção paradigmática. O descolonialismo surge na América Latina, na década de 1990, e é construído por pesquisadores que pretendem realizar a reflexão sobre a relação entre modernidade e colonialidade, tendo alguns dos seus principais representantes, Aníbal Quijano e Edgardo Lander, que sugerem uma perspectiva crítica à colonialidade do poder (Quijano, 2005) e à colonialidade do saber (Lander, 2005).

O descolonialismo surge a partir do que Dussel (2007) denomina giro descolonial, que descreve o processo de posicionamento contra a concepção colonialista e eurocêntrica da filosofia política. Dentro desse giro, os autores descoloniais consideram a modernidade e a colonialidade como “[...] porções de um mesmo todo” (Pazello, 2023, p. 610). Dessa forma, na perspectiva do descolonialismo, “[...] o estudo da questão colonial exige sua visualização geopolítica a partir do que é o ‘sistema-mundo colonial/moderno’, a integração mundial ou planetária a partir da expansão colonial e imperial, definindo suas fronteiras internas e externas” (Pazello, 2023, p. 611).

As teorias críticas do colonialismo, segundo o exposto, se diferenciam pelas necessidades teórico-práticas de seus pesquisadores. Grosfoguel (2006), por exemplo, compreende que as tendências dos estudos sobre o colonialismo na América Latina se distanciaram do que era proposto na corrente pós-colonial pela necessidade de romper a dependência com uma epistemologia europeia.

Ao localizar na questão racial a centralidade do debate sobre colonialismo, a teoria descolonial critica o paradigma de economia política e enfatiza “[...] a importância das hierarquias étnico-raciais nas relações internacionais” (Ferreira, 2014, p. 258). Apesar de essa ser uma crítica importante, esse deslocamento parece implicar, muitas vezes, na adoção de conceitos de raça e racismo baseados na organização de comunidades a partir de traços

biológicos, sem considerar outros aspectos necessários para a constituição de associações, como o status social, a política e a questão econômica.

De qualquer forma, como demonstra Faustino (2022), a localização teórica ou a afinidade de alguns grupos com a obra de um autor como Frantz Fanon é feita a posteriori, o que indica que um mesmo trabalho pode ser visto sob diversos prismas sem necessariamente *pertencer* a uma corrente teórica específica, não se trata, então de um encaixe da obra fanoniana mas das diversas possibilidades de tratamento que essa obra pode ter, dada a extensão de sua importância no debate sobre o colonialismo.

1.3 A LÍNGUA

Seguindo uma perspectiva teórica crítica do colonialismo, a concepção de língua elaborada por bell hooks (2017) é especialmente importante para o presente estudo. No capítulo 11 de *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, a autora desenvolve uma reflexão acerca do uso da língua, especialmente da língua inglesa, por populações subalternizadas, apontando como, historicamente, a língua foi utilizada como um instrumento de dominação. hooks (2017), na linha da Pedagogia Crítica desenvolvida pelo educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, demonstra como a educação pode servir como um meio para ressignificação desses usos e oferece uma análise minuciosa de práticas que operam nesse sentido.

No início do capítulo, hooks (2017, p. 223) salienta:

[c]omo o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo.

Essa citação já indica como, na visão da autora, a língua é um elemento que atravessa a experiência concreta de uma pessoa, algo que localiza o pensamento de hooks (2017) na esteira da negação da língua como mera ferramenta de comunicação, alinhando-a à concepção teórico-metodológica utilizada nesta pesquisa, baseada na literatura menor.

A reflexão empreendida por hooks (2017) sobre a língua foi inicialmente inspirada no poema *Queimar papel em vez de crianças*, de Adrienne Rich (2018), especialmente nos versos “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”. Inicialmente, hooks (2017) diz que enfrentou certa resistência ao pensar a língua como “língua do opressor”: ser reticente

a essa ideia é crucial, visto que a assimilação de línguas europeias no contexto da colonização foi um processo violento, que não poderia ser concebido dentro de margens tão rígidas, já que a “língua do opressor” foi obrigatoriamente transformada na “língua do território”.

Entretanto, a autora compreende que a concepção de “língua do opressor”, salvo a liberdade poética e a diversa possibilidade de interpretação suscitada por um poema, não se refere à língua aprendida e modificada pelos povos que foram submetidos a ela, mas à própria língua europeia como instrumento de opressão, dominação e diferenciação. Assim, separam-se duas línguas, ou como pensado por Deleuze e Guattari (2017), duas funções da língua: uma dominante, aterradora, territorial, eleita como padrão; e outra desterritorializada, despossuída, que faz o próprio uso padrão da língua dominante variar.

Sendo esses os dois possíveis usos da língua, podemos notar que populações subalternizadas estabelecem com eles relações muito distintas. Com a função dominante da língua, que chamaremos nesse estudo de *maior*, a relação empreendida é, inicialmente, de estranhamento. Existe, de fato, uma relação *eles-nós* criada por esse uso que é percebida através dos seus efeitos: “[...] sei que não é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar” (hooks, 2017, p. 224). Já a função desterritorializada da língua, que convencionaremos chamar de *menor*, estabelece uma conexão entre a língua perdida (no próprio processo de colonização, na mobilidade rural-urbana, na emigração, etc.) e a língua criada para realizar, entre outros efeitos, a manutenção da afetividade com o território perdido, seja ele objetivo ou subjetivo.

Depois de estabelecer a diferença entre a ideia de língua do opressor e função opressora da língua do colonizador, hooks (2017) imagina como se deu a passagem entre o momento de terror da perda de laços com o território de origem evocado pela obrigatoriedade do uso da língua inglesa e o momento de percepção de como essa língua poderia ser confiscada e transformada em um elemento de conexão entre colonizados. A autora compreende que, dada a situação que envolvia a destituição do poder pessoal dos africanos escravizados, a aprendizagem do idioma foi o início de um processo de recuperação desse poder suprimido.

Dessa forma, hooks (2017, p. 228) compreende que romper com a função padrão do inglês significou e significa, ainda hoje, a possibilidade de

[...] rebelião e [...] resistência. Transformando a língua do opressor, criando uma cultura de resistência, os negros criaram uma fala íntima que podia dizer

muito mais do que as fronteiras do inglês padrão permitiam. O poder dessa fala não é simplesmente o de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também o de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas – diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra hegemônica.

Assim, compreendemos que a forma mais eficiente de se opor à dominação iniciada pela colonização e perpetuada através da colonialidade é reivindicar o uso da língua menor como forma de “[...] intervir nas fronteiras e limitações do inglês padrão” (hooks, 2017, p. 228). Para isso, a autora aponta que é crucial reconhecer a resistência na adoção de usos destoantes do padrão, principalmente no ambiente acadêmico e nas organizações políticas.

Como forma de diluir essa resistência, hooks (2017) afirma que, em uma realidade multicultural, não podemos esperar que tudo que é dito seja prontamente compreendido ou compreendido da mesma maneira por todos. Sendo assim, a autora propõe que o ímpeto de dominar o sentido de tudo que é dito seja contornado ao valorizar o espaço do silêncio: ao invés de tentar “[...] conquistar a narrativa como um todo, que possamos conhecer em fragmentos” (hooks, 2017, p. 232). Nessa proposição, podemos captar o enaltecimento da multiplicidade como forma de celebração da língua, um uso que possa afastar a língua de um lugar de violência e dominação.

CAPÍTULO II – DA LITERATURA MENOR

[...] nós, povos marginalizados e oprimidos tentamos resgatar a nós mesmos e as nossas experiências através da língua [...] obrigamos o inglês a fazer o que queremos que ele faça. Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua (hooks, 2017, p. 233).

A concepção de literatura menor aparece, no trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari, numa intersecção complexa de áreas de conhecimento, sendo a teoria desenvolvida por esses autores composta em um momento de mal-estar na filosofia. Deleuze e Guattari propõem uma filosofia do desejo, em oposição, entre outras coisas, à tradição psicanalítica da falta e a uma filosofia com foco na representação e reprodução.

Como perspectiva crítica, a noção de literatura menor (Deleuze; Guattari, 2017) estabelece um outro olhar para a literatura produzida em contextos não hegemônicos. *Kafka: por uma literatura menor* traz, a partir da exploração da literatura de Franz Kafka, reflexões sobre desterritorialização, ligação do individual no imediato-político e agenciamento coletivo de enunciação, características que balizam a elaboração do próprio conceito de literatura menor.

Depois de discutir o que é proposto nessa obra, teceremos algumas reflexões acerca de temas cruciais para a concepção de literatura menor. São temas e conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari na série *Mil Platôs*, publicados na década de 1980. Focaremos as discussões propostas no Platô 1 “Rizoma – uma introdução” (Deleuze; Guattari, 1995a); Platô 4 “20 de novembro de 1923 - Postulados da linguística” (Deleuze; Guattari, 1995b); e Platô 8 “1874 – Três novelas ou ‘o que se passou?’” (Deleuze; Guattari, 1996).

O primeiro conceito a ser discutido, rizoma, é uma unidade de análise que precede a literatura menor em termos conceituais. É a base conceitual para compreender como opera o uso menor da língua. O segundo texto discutido, “Postulados de Linguística”, é lido como a base filosófica e crítica em que se inserem as discussões sobre língua no trabalho de Deleuze e Guattari. Por fim, elencamos como importante para a presente pesquisa o Platô 8, porque ele oferece uma possibilidade concreta de análise literária imanente.

2.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO, POLÍTICA E AGENCIAMENTO COLETIVO DE ENUNCIACÃO

Kafka: pour une littérature mineure foi publicado originalmente em 1975. No contexto de publicação conjunta de Deleuze e Guattari, é uma obra que está entre a primeira contribuição dos autores, *L'Anti-Édipe: Capitalisme et schizophrénie 1*, lançada em 1972, e a mais complexa, *Mille Plateaux: Capitalisme et schizophrénie 2*, de 1980. Em uma comparação com esses dois títulos, *Kafka: por uma literatura menor* se insere como uma experimentação pragmática que desafia a psicanálise e outras teorias estruturalistas, seguindo a crítica proposta em *O Anti-Édipo*, ao mesmo tempo que ensaia novas teorizações no campo da filosofia política e da linguagem, as quais serão desenvolvidas, de fato, na obra posterior, *Mil Platôs*. Assim, a inserção do livro entre essas duas obras não é, evidentemente, uma questão meramente temporal, já que o livro mostra-se como um texto que exhibe o estilo da crítica dos autores e compõe um campo prolífico para o desenvolvimento do cerne da teoria deleuzeguattariana. É, então, um grande *exemplo*, através do qual os autores puderam aperfeiçoar suas proposições que permanecem desafiadoras contemporaneamente como eram no final do século XX.

Inicialmente, através de um jogo irônico, Deleuze e Guattari (2017, p. 16) criticam veementemente a interpretação e o estabelecimento de relações binárias. Para os autores, não há motivo para tais atitudes “[...] enquanto não se vê por onde e em direção a que escoar o sistema, como ele devém, e qual elemento vai desempenhar o papel de heterogeneidade, corpo saturante que faz fugir o conjunto”. Ao invés disso, propõem uma experimentação crítica com a leitura da obra de Kafka, promovendo uma troca de sentidos simbólicos por sentidos direcionais.

O Capítulo 3 desse livro, “*O que é uma literatura menor?*”, empreende uma delimitação prévia do conceito de literatura menor. Os autores buscam, tomando como ponto de partida as discussões antes explicitadas sobre o campo dos estudos da linguagem, especialmente sobre a dimensão política e coletiva dos enunciados, delinear o que chamam de literatura menor. Os outros capítulos e mesmo todo o trabalho de Deleuze e Guattari envolvem reflexões essenciais para compreender o funcionamento dela. A primeira característica da literatura menor (2017, p. 35), “[...] é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização”. Em Kafka, essa desterritorialização é abordada pela impossibilidade que permeia a sua escrita, sendo um judeu em Praga, para quem o alemão aparece como uma língua artificial, mas quase obrigatória, enfim, na impossibilidade de não escrever e na impossibilidade de não escrever em

alemão, Kafka faz um uso outro da língua alemã, algo parecido com o que os afro-americanos fazem com o inglês contemporaneamente, o que, em uma instância normativa, mas ainda assim provocativa, levou à adoção do *African American Vernacular English* (AAVE).

A desterritorialização diz respeito, portanto, a esses deslocamentos territoriais da língua operada por comunidades colocadas à margem do funcionamento social hegemônico. Nesse sentido, esses movimentos da língua produzem gestos próprios de uma ética e de uma estética “menor”, em uma problemática social e política única.

A segunda característica da literatura menor é a ligação do individual com o imediato-político. Para os autores, diferentemente das “grandes” literaturas, na literatura menor o caso individual liga-se diretamente à política. Enquanto nas primeiras essas individualidades, casos particulares, de família, são dispensáveis e pouco marcantes, na literatura menor “[...] não acarreta nada menos [...] do que uma parada de vida ou de morte”³ (Kafka, 1911, p. 12 apud Deleuze; Guattari, 2017, p. 37). Essa questão será retomada em *Mil Platôs* quando os autores reafirmam que não há possibilidade de uma enunciação individual. A partir dessa retomada, tentam estabelecer o caráter social da enunciação, remetendo essa característica à redundância fixada entre enunciação e ato. Compreendemos que o que em *Kafka: por uma literatura menor* era atribuído como especificidade da literatura menor é ampliado para uma concepção geral do caráter social do enunciado, resguardadas as diferenças de funcionamento de uma língua maior e uma menor.

Por fim, a terceira característica da literatura menor é, justamente, o agenciamento coletivo de enunciação. Esse atributo, como analisamos antes, diz respeito à impossibilidade de enunciação individuada, ou seja, toda enunciação deve ser tratada sob a perspectiva da coletividade, especialmente, no campo da literatura. Uma peculiaridade que poderia ser considerada como negativa é, no caso da literatura menor, benéfica: “[...] o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz é necessariamente político, mesmo que os outros não estejam de acordo. O campo político contaminou todo o enunciado” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 37).

Estas três características demonstram que a ideia de menor “[...] não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama de grande (ou estabelecida)” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 39). Assim, mesmo que um escritor

³ Passagem do diário de Kafka, de 1911.

esteja objetivamente localizado em um país com literatura estabelecida, acaba por encontrar formas de escrever em sua própria língua, “[...] achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 39).

Posteriormente, os autores discutem a questão dos usos da língua e como pode-se fazer ecoar, de dentro de uma língua, “[...] uma literatura menor, e [...] fazê-la ecoar seguindo uma linha revolucionária sóbria [...]” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 40). Para essa questão, “[...] Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar sobre a corda bamba” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 41), ou seja, essa língua desterritorializada acaba por compensar esse efeito a partir da reterritorialização dos seus sentidos. Através da reterritorialização física do sentido, na figura da boca, dos dentes, do comer e do jejuar, Kafka retém dele apenas uma silhueta. Por exemplo, o som, em Kafka, que atravessa a desterritorialização da língua alemã em Praga, apenas deriva da linguagem sensata, mas não permite, de fato, uma organização em música ou canto. Qualquer organização do som que possa ser operada através do sentido é abolida pelas linhas de fuga “[...] para liberar uma matéria viva expressiva que fala por ela mesma e não tem mais necessidade de ser formada” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 43).

Para os autores, Kafka utiliza a metamorfose como uma negação da metáfora, já que, para ele, a metáfora é a desesperança da literatura. Na perspectiva da metamorfose, em que não há sentido próprio ou figurado, “[a] coisa e as outras coisas não passam de intensidades percorridas pelos sons ou as palavras desterritorializadas seguindo sua linha de fuga. Não se trata mais de uma semelhança entre o comportamento de um animal e o de um homem, ainda menos de um jogo de palavras” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 45), mas um “[...] *uso intensivo* assignificante da língua” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 45, grifo do original). A situação da língua alemã em Praga favorece esse uso ao desenvolver as tensões internas da língua de forma particular através do

[...] uso incorreto de preposições; o abuso do pronominal [...]; a multiplicação e a sucessão dos advérbios; o emprego das conotações doloríferas; a importância do acento como tensão interior à palavra, e a distribuição das consoantes e das vogais como discordância interna (Deleuze; Guattari, 2017, p. 46-47).

Enfim, uma nova flexibilidade que faz com que “[a] *linguagem* [deixe] *de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites*” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 46-47, grifo do original).

Através dessas metamorfoses e da particularidade do alemão nesse contexto,

Kafka não se orienta para uma reterritorialização pelo tcheco. Nem para um uso hipercultural do alemão, com promessas oníricas, simbólicas e míticas mesmo hebraizantes, como se encontram na escola de Praga. Nem para um iídiche oral e popular; mas, esta via que o iídiche mostra, ele a toma de uma maneira totalmente distinta para convertê-la numa escrita única e solitária. Já que o alemão de Praga é desterritorializado em muitos sentidos, ir-se-á sempre mais longe, em intensidade, mas no sentido de uma nova sobriedade, de uma nova correção inaudita, de uma retificação impiedosa, *reerguer a cabeça* (Deleuze; Guattari, 2017, p. 51, grifo nosso).

Assim, os autores trazem a imagem da posição da cabeça, nesse momento, não como o conteúdo do desejo bloqueado, mas como a emersão de um devir-menor, como a possibilidade de “[...] opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento, as zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa, um animal se enxerta, um agenciamento se instala”, enfim, uma possibilidade de “sonhar o contrário” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 53).

Outro aspecto a ser considerado quando se trata de literatura menor é a questão dos componentes de expressão, abordados no Capítulo 4 de *Kafka: por uma literatura menor*. Abandonando a dualidade de correspondências estruturais da cabeça curvada/retrato-foto e cabeça levantada/som como formas de conteúdo e formas de expressão em Kafka, Deleuze e Guattari (2017, p. 57, grifo do original) estabelecem a perspectiva de “[...] máquina de expressão capaz de desorganizar suas próprias formas, e de desorganizar as formas de conteúdos, para liberar puros conteúdos que se confundirão com expressões em uma mesma matéria intensa”.

Aqui, os autores estabelecem, a partir da ideia de máquina de expressão, uma diferença do fluxo entre conteúdo e expressão na literatura estabelecida e na literatura menor. Enquanto na literatura maior existe uma direção que vai do conteúdo à expressão, a literatura menor “[...] começa por enunciar, e só vê o que concebe depois” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 58). Em Kafka, essa quebra da forma a partir da expressão aparece como pacto diabólico nas cartas, devires-animais nas novelas e agenciamentos maquínicos nos romances. Os três elementos da máquina de expressão kafkiana conversam entre si, sendo que devires-animais atravessam, por vezes, os agenciamentos maquínicos dos romances, sem que, no entanto, haja uma única via para esses atravessamentos.

Tomando como base para reflexão as categorias propostas para uma literatura menor, compreendemos que as literaturas produzidas por grupos étnicos submetidos historicamente à marginalização, permeadas pela instituição de um sistema de colonização predatório de vida, são indissociáveis do contexto político de onde emergem. Através da perspectiva objetiva de uma literatura que é popular, mas, sobretudo, menor, há a possibilidade de uma literatura que se torne “[...] realmente máquina coletiva de expressão, apta a tratar e exercitar conteúdos” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 42).

Sendo a enunciação sempre um ato político e tendo, portanto, sempre um caráter social, como será desenvolvido posteriormente nos Postulados da Linguística, a crítica da literatura também precisa abandonar os pressupostos sistêmicos a que ela havia se apegado a partir da disseminação do estruturalismo na sociologia e na linguística. Isso significa abandonar as dicotomias estilísticas (cabeça erguida-abaixada; retrato-som, etc.), o “*close reading*” do *New Criticism*⁴, e a teoria materialista dos reflexos que concebia a literatura como mera representação de uma efetividade social que supostamente a precedia.

Assim, cabe a uma nova crítica literária a restituição da efetividade da função política do enunciado ficcional. A ficção, nesse sentido, antevê a comunidade futura, cria uma linguagem para um povo, permitindo que ele possa existir na esfera de uma língua formalizada, escrita, isso por meio, por exemplo, das oralidades marginalizadas em relação ao padrão hegemônico, oralidades que tensionam a tradição escrita e que radicalizam sua potência criativa ao inaugurar uma nova língua. É precisamente nessa tentativa de restituição que se insere a presente pesquisa. Ao analisar *Americanah* considerando a função dessa nova língua, pretendemos reafirmar o caráter social do enunciado, inclusive o ficcional, e sua indissociabilidade do ato.

2.2 RIZOMA

A concepção de rizoma no trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari envolve um complexo conjunto de ideias filosóficas que descrevem as práticas intelectuais de acordo com um funcionamento não linear, ou seja, a partir de uma perspectiva não binária descrita por meio

⁴ A “leitura cerrada” do *New Criticism* seria a ideia de que é necessário (e possível) realizar uma análise detalhada e imparcial de um texto como um objeto autônomo e independente, através do enfoque exclusivo em elementos formais como estrutura e figuras de linguagem.

de uma analogia com as formas de crescimento de algumas plantas rudimentares; com a arquitetura das colônias de formigas e com as tocas feitas por roedores.

Deleuze e Guattari (1995a) concebem o próprio livro como um exemplo do funcionamento rizomático, confluindo com o sentido botânico que o termo carrega. Deleuze e Guattari (1995a) levantam similaridades potenciais entre o modelo vegetal do rizoma e o modelo da racionalidade humana, já que podemos inferir que, assim como nos rizomas vegetais, a atividade humana não se desenvolve de forma linear, mas responde às diferenças do ambiente em que está inserida de uma forma multifacetada.

Deleuze e Guattari (1995a, p. [10]), nos parágrafos iniciais do capítulo introdutório de *Mil platôs*, elaboram uma provocação relativa ao estatuto do livro, levantando questões polêmicas a propósito da unidade do texto e do papel da autoria. Eles afirmam que, em um livro, “[...] há linhas de segmentaridade, estratos, territorialidade, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”. São essas linhas e a velocidade dos fenômenos que elas implicam que constituem um agenciamento, um arranjo de elementos que, a partir de sua dinâmica, produzem efeitos diversos.

Na reflexão deleuze-guattariana, *agenciamento* aparece com diferentes nuances semânticas, dentre as quais destacamos a diferença entre o *agenciamento maquínico de corpos* e *agenciamento coletivo de enunciação*. O *agenciamento maquínico* é examinado, inicialmente, n’*O Anti-Édipo* (Deleuze; Guattari, [1972] 2011) para compor a tese inicial da esquizoanálise, a teoria anti-edipiana, como o próprio nome do livro sugere. Esta tese é que o desejo é máquina, ou seja, diferentemente da teoria psicanalítica em que o desejo aparece como *representação*, a proposta de Deleuze e Guattari é conceber o desejo como *produção*. Essa breve explicação sobre a concepção central da reflexão desenvolvida pelos autores é apenas um panorama geral para compreender como a ideia de agenciamento é utilizada nesse campo teórico.

A noção de agenciamento para os autores funciona como um arauto para a concepção de rizoma. Segundo Mariana Barbosa (2024), na obra de Deleuze e Guattari, é um conceito demonstrado de forma plena a partir de *Kafka: por uma literatura menor*, em 1975, (Deleuze; Guattari, 2016), apesar de já ter sido citado anteriormente, em *O Anti-Édipo*, em 1972, mas não com a mesma consistência conceitual apresentada posteriormente.

O agenciamento não é uma simples coleção de objetos ou uma estrutura rígida, mas uma multiplicidade em movimento que conecta fluxos heterogêneos. Ele opera em duas dimensões simultâneas: por um lado, é um agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões

(dimensão material); por outro, é um agenciamento expressivo de enunciados e de atos de fala (dimensão discursiva). É definido pelas suas linhas de articulação, que o territorializam e lhe dão uma forma provisória e, ao mesmo tempo, pelas suas linhas de fuga, que o desterritorializam, abrindo-o para a transformação e para o encontro com novos fluxos.

Constituindo-se como um agenciamento, o livro não poderia ser atribuído a uma unidade subjetiva, como se faz ordinariamente, uma vez que se trata de uma multiplicidade. A noção de multiplicidade quando colocada nesta dinâmica implica em romper, por um lado, com o essencialismo da linguística estrutural, por outro, implica abandonar concepções referencialistas da linguagem.

Os autores dissertam sobre a existência de (pelo menos) três sistemas que configuram as formas de racionalidade, tratadas, então, sob a figura do livro: o primeiro modelo é o do livro-raiz, como imagem da árvore-mundo. Trata-se, nesse caso, do livro clássico que pretende imitar o mundo, refleti-lo. Nesse tipo de sistema, o discurso fica reduzido a uma lógica binária, que não consegue captar as multiplicidades. Esse modelo de razão possui um eixo central que se segmenta a cada nova relação de sentido construída, apoiando-se em uma lógica do Uno, do centro, da unidade. Ele pode se subdividir em diversas partes, mas isso não resolve a questão binária da dicotomia: quando muito, apenas a substitui por outras relações biunívocas.

A segunda figura do livro, o sistema-radícula ou raiz fasciculada, caracteriza-se pela destruição da extremidade da raiz principal, nessa secção conectam-se múltiplas raízes secundárias. Apesar de, neste caso, o modelo de racionalidade romper com a raiz pivotante, uma unidade ainda parece ser algo possível, em um momento anterior ou posterior ao ato axial de mutilação da unidade. A multiplicidade imediata ainda está, nesse caso, contida em uma estrutura, como apontam os autores: “[...] o sistema fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [13]), já que, mesmo que contrariada, a unidade ainda aparece como referência nesse sistema. No sistema fasciculado, o mundo é caótico, “[...] mas o livro continua sendo uma imagem do mundo [...]”. Este tipo de livro é o livro da modernidade, ainda preso a concepções essencialistas da linguagem.

Segundo os autores, “[é] preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, de uma maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõem, sempre $n-1$ ” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [13]). A ideia de $n-1$ rejeita a lógica binária da álgebra linear ($1+1=2$), e consiste em subtrair o múltiplo do uno. A esse tipo de sistema os autores dão o nome de rizoma. A multiplicidade, então,

enquanto princípio do rizoma, fixa a desvinculação da filosofia de Deleuze e Guattari da prática filosófica da representação, dos dualismos, do estruturalismo, enfim, da ideia de essência do objeto e de seu suposto simulacro na dimensão da linguagem.

As primeiras características destacadas na descrição analítica do rizoma são os princípios de conexão e de heterogeneidade. Segundo estes princípios, o rizoma pode se conectar em qualquer um de seus pontos e deve fazê-lo. Deleuze e Guattari (1995a, p. [14], grifo do original) comparam o rizoma novamente com a árvore, criticando a perspectiva de sistema arbóreo presente no gerativismo de Chomsky, que acusam de não ser abstrata o suficiente para “[...] atingir a *máquina abstrata* que opera a conexão de uma língua com os conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados, com agenciamentos coletivos de enunciação, com toda uma micropolítica do campo social”. Para os autores, as concepções tradicionais da linguística, mesmo quando tentam apoiar-se no explícito da língua, sem tecer suposições sobre o texto, ainda assim se apoiam em uma estrutura própria do modelo a que se referem, sem, no entanto, reconhecer a máquina abstrata que faz competir e movimentar as diferentes tonalidades da língua, por isso, não são perspectivas “abstratas o suficiente”.

A máquina abstrata opera, precisamente, na imanência dos agenciamentos e atua como o diagrama ou o mapa de forças que define as possibilidades reais de um agenciamento. A máquina abstrata é o núcleo mutável que pilota o agenciamento. O agenciamento é, portanto, a realização concreta e a manifestação história de uma máquina abstrata, enquanto esta é a potência diagramática que desenha as linhas de corte, de conexão e de fuga que fazem o agenciamento se mover, resistir ou se reinventar.

Diferentemente da concepção dicotômica da raiz, o rizoma conecta as cadeias semióticas indefinidamente, vinculando-as às disposições e distribuições de poder, demonstrando que só há possibilidade de conceber uma homogeneidade da língua dentro de um esquema de relações de força que se impõem de forma hegemônica. Não se pode, sequer, falar em “língua” enquanto unidade, o que existe, de fato, são aglomerações de atos diversos: patoás, gírias, línguas efetivamente marginais. Nesse sentido, “[n]ão existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [15]), ou seja, uma certa organização em torno da língua, derivada de fatores políticos, elege uma variante linguística como padrão, aniquilando, assim, a diversidade dos grupos sociais efetivos. Na perspectiva arborescente de Chomsky a discussão operava no plano estritamente da linguagem, nesse momento, no entanto, Deleuze e Guattari apontam para as

relações de poder envolvidas nos enunciados através da ideia de máquina abstrata. Esse mapa abstrato, para os autores, é algo que pode ser chamado de diagrama.

O diagrama remete aos princípios de cartografia e decalcomania, que serão melhor descritos posteriormente. Enquanto Deleuze busca romper com a noção de estrutura ou, ao menos, estabelecer um outro nível de funcionamento para a língua e a política, o que chama, posteriormente, de máquina abstrata, Guattari, enquanto psicanalista radical, critica a própria psicanálise e sua estrutura triangular. Essa inconformidade com os grandes sistemas baseados em estruturas fixas e globais, principalmente o marxismo e a psicanálise, é o mote inicial para a parceria entre os autores, que se concretiza no livro *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (2011). Dessa parceria, nos anos 80, surge uma nova teoria, nela, o rizoma é uma concepção fundamental.

O rizoma, diferente de buscar uma origem da língua, seguindo os princípios de conexão e heterogeneidade, obrigada “[...]a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [15]). Esse descentramento, para os autores, não é inerente ao uso da linguagem. Mesmo que esses usos possam comumente operar diferenças de poder e territorializações concretas, podem, também, dissolver esses processos. Dessa forma, a linguagem se apresenta como um meio, um contexto, de forma que a diferença entre esses usos se dá no alcance dos agenciamentos, locais ou globais.

O terceiro princípio é o de multiplicidade, segundo o qual o múltiplo, ao ser concebido como substantivo, deixa de ter relação com o uno, seja “[...] como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [15]). Esse princípio evidencia a eminência de um agenciamento, que amplifica as dimensões de conectividade das multiplicidades de um rizoma.

Nesse momento, os autores afirmam que um “[...] agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [15]). Os autores exploram esse conceito também em *Kafka: por uma literatura menor* (Deleuze; Guattari, 2017, p. 147), quando apontam que “[u]m agenciamento, [é] objeto por excelência do romance”, descrevendo duas possibilidades: agenciamento coletivo de enunciação e agenciamento maquínico de desejo.

Voltando ao terceiro princípio do rizoma, a multiplicidade, para os autores,

[o] ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [16-17]).

Aqui, notamos que a ideia de multiplicidade no trabalho de Deleuze e Guattari é central e, ao mesmo tempo, difícil de ser definida. Isso ocorre justamente porque a ideia de multiplicidade é que ela deve ser *produzida* e não está, portanto, dada, nem como realidade nem como conceituação. Para compreender a multiplicidade, é necessário atentar-se à porção inicial do platô, quando os autores discutem a necessidade de fazer o múltiplo ao subtrair-lo da unidade, e não propondo novas dimensões dela, o *n-1*.

Através desse princípio, o rizoma é percebido como tendo direções que se movimentam, sem fim nem começo, apenas meio, em um *plano de consistência*. De fato, o princípio de multiplicidade é tão caro à noção de rizoma que, em alguns momentos os dois termos são utilizados como sinônimos: essa transferência entre multiplicidade enquanto princípio do rizoma e multiplicidade como o próprio rizoma parece explicar o sentido que os autores almejam quando dizem que o livro *Mil Platôs* é, em si, também um rizoma, ou seja, todas as linhas do rizoma se conectam em qualquer ponto, não existindo fim ou começo, não há rizoma na totalidade e rizoma em partes (princípios), multiplicidade é rizoma, rizoma é multiplicidade.

O quarto princípio, de ruptura a-significante, refere-se à contraposição aos cortes significantes que separam ou atravessam uma estrutura: “[u]m rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segunda uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [17]).

É a partir desse princípio que se estabelece a impossibilidade de lidar com dualismos sob a perspectiva do rizoma – mesmo quando uma linha é finalizada a partir de sua explosão em uma linha de fuga, ainda há a possibilidade de essas linhas de reencontrarem, assim:

[f]az-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [17]).

Um rizoma, portanto, não pode ser quebrado ou subdividido e não há possibilidade de estabelecer, nele, um começo. Sob esse princípio, os autores entendem que um livro não é uma imagem do mundo, mas se conecta com o mundo: “[...] o livro assegura a desterritorialização

do mundo, mas o mundo opera uma reterritorialização do livro, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ele é disto capaz e se ele pode)” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [19]).

Com o quinto e sexto princípios, de cartografia e decalcomania, os autores estabelecem uma crítica à Linguística e à Psicanálise, que, segundo eles, “[...] consiste[m] em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [20]).

Esses princípios dizem respeito à impossibilidade de justificar o rizoma por modelos estruturais ou gerativos: “[e]le é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [20]). Os autores compreendem o rizoma como um mapa que, diferente de um decalque, apresenta diferentes entradas. Para Deleuze e Guattari (1995a, p. [21]), “[u]m mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’”, mas reconhecem que essa oposição mapa x decalque é a restauração de um dualismo, então, é necessário lembrar que o mapa pode, ele mesmo, ser decalcado e vice-versa. Dessa forma, a diferenciação do rizoma para as raízes, ou seja, de uma concepção de conexão e multiplicidade para uma de origem e estrutura é, então, uma questão de método.

A distinção entre performance e competência nos parece elementar nesse ponto da discussão. Primeiro, é importante compreender que essa é única vez que o termo performance é utilizado no volume I dos *Mil Platôs*, momento em que é estabelecida uma relação de performance com mapa e, em contrapartida, de competência com decalque. Essa relação diferencial é uma referência à discussão saussuriana entre *la langue* (a língua) e *la parole* (a palavra) e a posterior retomada por Chomsky do sistema gramatical enquanto *competência* e dos usos do sistema enquanto *performance*. Enquanto Chomsky acredita que o estudo da linguística deve focar a *competência*, esse conjunto de capacidades ou potências “inatas”, a ideia de Deleuze e Guattari (1995a) é apostar na *performance*, situada no plano dos acontecimentos, comportando uma multiplicidade inerente, o que forma, então, um campo de imanência.

Sobre a questão das múltiplas entradas do rizoma, destaca-se a ideia de *toca*, inspirada pela novela *A construção*⁵, de Kafka (1931), que tem, na obra de Deleuze e Guattari, a importância conceitual de ser uma “[...] versão animal do rizoma” (Deleuze; Guattari, 2016, p. 9)⁶. A toca é também rizoma, já que apresenta funções múltiplas “[...] de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [14]). Essa noção é um elemento importante para compreender o funcionamento das linhas de fuga na literatura de Kafka focada nas funções animais: a *toca*, o som animal, o *devenir-animal*, etc.

Enfim, a noção de rizoma implica uma impossibilidade ou inutilidade de começos e de fins nos livros, na língua, na política. Essa filosofia preocupa-se com um meio não localizável, um *entre*, um “[...] lugar onde as coisas adquirem velocidade” (Deleuze; Guattari, 1995a p. [36], trata-se, então, de destituir a lógica do OU e adotar o olhar do E, destituição da ontologia, da essência imutável, “[...] anular fim e começo” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [36]).

2.3 POSTULADOS DA LINGUÍSTICA

O quarto platô, “20 de novembro de 1923 – Postulados da linguística”, é dividido em quatro partes: I. A linguagem seria informativa e comunicativa; II. Haveria uma máquina abstrata da língua, que não recorreria a qualquer fator extrínseco; III. Haveria constantes ou universais da língua que permitiriam defini-la como um sistema homogêneo; e IV. Só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão.

As concepções informativa e comunicativa da linguagem designam o primeiro postulado da linguística. Para Deleuze e Guattari (1995b, p. [7]), a linguagem é política e, portanto, não é “[...] feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer”. Nesse sentido, abdicando da ideia de linguagem como ferramenta, os autores acreditam que as regras gramaticais, por exemplo, não são simples marcadores sintáticos, mas elementos baseados em uma composição de poder específica. Não há possibilidade de estabelecer um ponto inicial para o dito que seria não-linguístico: para os autores, a narrativa não consiste “[...] em comunicar do que se viu, mas em transmitir o que se ouviu, o que um outro disse. Ouvir dizer [...] A ‘primeira’

⁵ Em alemão, o título da obra é *Der Bau* que, em tradução literal, é, de fato, “A construção”. O termo *toca* é utilizado, nesta conexão entre Deleuze, Guattari e Kafka, porque o conto se trata da apresentação de um animal antropomórfico, assim como ocorre em *A metamorfose* (Kafka, 1915), sendo *toca* uma lembrança mais próxima da imagem dessa construção.

⁶ Nota da tradutora.

linguagem, ou, antes, a primeira determinação que preenche a linguagem, não é o tropo ou a metáfora, é o *discurso indireto*” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [8-9], grifo do original).

A linguagem seria a “[...] transmissão de palavra funcionando como palavra de ordem, e não comunicação de um signo como informação” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [9]), ou seja, a linguagem não implica passagem de uma informação captada por um primeiro e transmitida a um segundo, mas a troca entre um segundo e um terceiro, sendo que nenhum dos envolvidos teve acesso à origem da informação em si. Aqui, os autores retomam a ideia de mapa, explorada no primeiro platô, para afirmar que “[a] linguagem é mapa e não um decalque” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [9]).

Essa retomada resulta em uma concepção crítica acerca da questão da *competência* versus *performance*. Enquanto na introdução da obra os autores discutem a questão do essencialismo chomskyano, que prioriza a análise dos sistemas gramaticais como competência, nesse momento, os autores introduzem uma discussão acerca da teoria dos atos de fala de J. L. Austin. Essa teoria pressupõe que existem certas expressões, enunciados ilocutórios, que implicam acontecimentos efetivos. Ao invés de narrar algo, os atos de fala executam a ação descrita. Austin (1990, p. 24) oferece como exemplo a seguinte fala: “‘Batizo este navio com o nome de ‘Rainha Elizabeth’ quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio’”. Para Austin (1990), nesse tipo de fala, não há uma descrição do ato, mas o próprio ato, em si.

Considerando a perspectiva de atos de fala⁷, a linguagem seria mais comunicativa do que informativa, entretanto, Deleuze e Guattari questionam se a ideia de uma comunicação subjetiva, que daria conta de explicar o fato de que o performativo se refere a propriedades de termos autorreferenciados e não a atos propriamente ditos, poderia ser considerada como uma concepção mais adequada do que a de informação.

Para Deleuze e Guattari (1995b), as palavras de ordem não são uma categoria inerente a todos os enunciados, elas dizem respeito a uma “obrigação social” que o enunciado estabelece com os atos. Para os autores, a ideia de uma relação entre ato e enunciado é redundante, não há separação entre eles. Dessa forma,

⁷ Na concepção de atos de fala de J. L. Austin, diferente da “palavra de ordem” em Deleuze e Guattari, que privilegia a terceira pessoa e o caráter coletivo do agenciamento de enunciação, a intersubjetividade não anula o “eu”, mas depende de um compromisso performativo em que a primeira pessoa assume a responsabilidade pelo ato, o que contrasta com a desindividualização proposta na teoria deleuzeguattariana.

[a] linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [12]).

A significância e a subjetivação, nesse sentido, não podem ser vistas como independentes de uma dimensão pragmática da linguagem: “[...] ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem em um campo social dado” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [12]). Aqui, os autores reiteram uma noção fundamental de sua perspectiva sobre linguagem, que é essencial para a compreensão da noção de literatura menor: “[...] não existe enunciação individual, nem mesmo sujeito de enunciação” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [12]), ou seja, todo enunciado é coletivo. Para os autores, o caráter social da enunciação⁸, entretanto, não é explorado adequadamente, o que pode ser explicado por suas próprias características – “[...] não é suficiente por ele mesmo, e pode, ainda, ser extrínseco” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [13]).

Para dar conta de explorar o caráter social da enunciação seria necessário estabelecer sua conexão com os *agenciamentos coletivos*. “Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [13]), está aí, para os autores o valor do discurso indireto, não há, nele, a

[...] inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas um agenciamento coletivo que irá determinar como sua consequência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso

São os agenciamentos coletivos, então, que explicam as diferentes vozes em um discurso, não a diferenciação entre sujeitos. A noção de agenciamento coletivo, entretanto, parece difícil de ser definida, para concebê-la é necessário, para Deleuze e Guattari (1995b, p. [13]), perguntar “[...] em que consistem os atos imanentes à linguagem, atos que estão em

⁸ O enunciado, no sentido que os autores empregam esse termo, nesse momento, escapa do domínio sistêmico proposto no curso de Saussure a partir da oposição entre língua e fala, ou seja, entre sistema abstrato e efetividade do acontecimento. Para eles, assim como para Foucault, o tratamento do enunciado não poderia prescindir de sua conexão como as relações de força travadas no meio social, ou seja, o enunciado sempre implica uma dimensão de luta, sempre envolve uma questão de ordem política, sendo esta mais relevante que a questão científica da descrição sistêmica.

redundância com os enunciados ou criam palavras de ordem”. A partir disso, pode-se compreender que se trata de um “[...] conjunto de *transformações incorpóreas* em curso em uma sociedade dada, e que *se atribuem* aos corpos dessa sociedade” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [13], grifos do original).

Assim, esses agenciamentos coletivos estabelecem uma relação de instantaneidade dos enunciados com as alterações incorpóreas que eles impõem ao corpo social. Na história, esse ato instantâneo, que “[...] possibilita subitamente uma transformação semiótica” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [15]), pode ser observado no *decreto* segundo o qual o *reichmark*, moeda austríaca, deixava de ser uma moeda, dando lugar a uma nova moeda, o *rentenmark*, em 20 de novembro de 1923⁹, uma transformação aparentemente absurda, mas que *funcionou*: um *enunciado* que não é menos do que um *ato puro*.

Por fim, os autores apontam a relação do discurso indireto com a função da linguagem, que é a transmissão de palavras de ordem, e que está ligada aos agenciamentos e que, por sua vez, “[...] remetem às transformações incorpóreas que constituem as variáveis da função” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [20]).

O segundo postulado abordado nesse platô, “a máquina abstrata da língua”, envolve uma discussão acerca de duas formalizações que distinguem as modificações corpóreas e as modificações incorpóreas: formalização de *conteúdo* e formalização de *expressão*. Para Deleuze e Guattari (1995b, p. [21]), como tanto conteúdo quanto expressão possuem suas próprias formalizações, não é possível “[...] atribuir à forma de expressão a simples função de representar, de descrever ou de atestar um conteúdo correspondente: não há correspondência nem conformidade”.

Partindo da noção de que estas formalizações são independentes e heterogêneas e possuem, cada uma, suas próprias formalizações, os estoicos, supostamente, ao elaborarem o que Deleuze e Guattari compreendem como uma filosofia da linguagem, estabeleceram que o conteúdo seria, então, o corpo ou a trama de corpos e a forma de expressão seria o conjunto dos expressos dos enunciados.

⁹ É a data que dá título ao platô. Demonstra, justamente, a instantaneidade da palavra de ordem. Quando se estabelece um dia em que algo acontecerá se trata de uma data ou uma palavra de ordem? Aquilo que é estabelecido a partir de uma determinada data é, de fato, uma transformação incorpórea que se insere nos corpos e os modifica. A data implica um acontecimento histórico, e esse acontecimento é sempre único no tempo e no espaço. Não é uma essência, uma constante da língua, um par mínimo fonológico, uma proposição universal, é uma ordem, um ato, uma coerção ou, ao contrário, uma libertação.

Deleuze e Guattari (1995b) entendem que, nesse “tema estoico”, as transformações incorpóreas são tratadas como o *expresso* do enunciado, e os enunciados só são *ditos* porque são atribuídos aos corpos. Essa relação que as transformações incorpóreas (expressão) estabelecem com os corpos (conteúdo) não é de nenhuma forma uma relação de representação – propõe-se, aqui, uma inversão da lógica tradicional: a natureza física dos corpos já carrega suas próprias distinções, enquanto o que chamamos de *representação* perde seu status imaterial. As atribuições não corpóreas da expressão, portanto, não são representações ou referências ao corpo/conteúdo, mas intervenções: ato de linguagem.

Ao tentar compreender a maneira através da qual uma forma intervém na outra, os autores acreditam que a relação entre elas não pode ser compreendida como um paralelo, mas como uma independência funcional que implica uma

[...] passagem incessante de uma à outra [...] a independência das duas linhas é distributiva, e faz com que um segmento de uma reveze, sem cessar, com um segmento da outra, que se insinue ou se introduza na outra. Não cessamos de passar das palavras de ordem à “ordem muda” das coisas, como diz Foucault, e vice-versa (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [22]).

A ideia de intervenção de uma forma sobre a outra incorre no risco de idealismo em que a palavra de ordem simplesmente existe, instantaneamente, de forma divina. Para evitá-lo, seria necessário, então, determinar os pontos em que ocorrem essa intervenção, dada a ideia de reciprocidade entre as duas formas. Tanto expressão quanto conteúdo são conectadas à desterritorialização¹⁰ que as atravessa e, assim sendo, não há como estabelecer um primado de uma forma sobre a outra. Aqui, como no todo de sua obra, os autores fixam uma crítica ao materialismo e, simultaneamente, ao essencialismo. Não há, portanto, um primado do material sobre o discursivo, como reivindicado no materialismo histórico marxista, tampouco há superioridade do discursivo sobre o material, como o que está presente nos postulados idealistas kantianos ou na tradição teológica, eles propõem um outro caminho que demanda a primazia de uma dimensão ética sobre o poder econômico.

¹⁰ A noção de desterritorialização sempre se conecta à concepção de território que a acompanha. Em Deleuze e Guattari, *território* é um conceito amplo que não se restringe à perspectiva física do território. Para os autores, território contempla desde o físico até o mental, do psicológico ao social. Desterritorialização, aqui, implica a noção de que “[...] não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (Deleuze; Parnet, 1989).

Mesmo que “[o]s componentes semióticos [sejam] mais desterritorializados do que os componentes materiais [...] o contrário também ocorre” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23]). Assim, ao estabelecer que tanto conteúdo quanto expressão possuem graus de desterritorialização que os quantificam e que, por conseguinte, fazem com que as duas formas se movimentem para operar uma reterritorialização, pode se falar, para compreender esses graus, em “[...] *variáveis de conteúdo* que são proporções nas misturas ou agregados de corpos, e [...] *variáveis de expressão*, que são fatores interiores à enunciação” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23], grifos do original).

No caso do 20 de novembro de 1923, houve, ao mesmo tempo, uma desterritorialização da moeda alemã através da inflação e uma “[...] transformação semiótica do *reichsmark* em *rentenmark*, que predomina e torna possível uma reterritorialização” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23], grifos do original). Assim, a relação entre conteúdo e expressão não é a capacidade da expressão representar um conteúdo, mas “[é] por conjugação de seus quanta de desterritorialização relativa que as formas de expressão e de conteúdo se comunicam, umas intervindo nas outras, estas interferindo naquelas” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23]), o que retoma a concepção de que não há primado de uma forma sobre a outra, mas uma relação de intervenção mútua.

Sobre um agenciamento podemos compreender nele dois eixos, com seus segmentos correspondentes: um *eixo horizontal*, que abriga um segmento de conteúdo, segundo o qual ele é *agenciamento maquínico* (os corpos intervindo nos corpos e se misturando) e um segmento de expressão, segundo o qual é *agenciamento coletivo de enunciação*, “[...] transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23]); e um *eixo vertical*, que também abriga segmentos de conteúdo e expressão, segundo o qual um agenciamento teria “[...] *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e [...] *picos de desterritorialização* que o arrebatam” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [23], grifos do original).

A relação entre a forma de conteúdo e a forma de expressão não pode ser determinada pela capacidade da forma de conteúdo definir a forma de expressão, ou de a forma de expressão representar a forma de conteúdo. As duas formas reagem entre si, se interseccionam, mas não definem uma à outra, dada a independência entre elas. Deleuze e Guattari (1995b, p. [25]) compreendem que enquanto o conteúdo e a expressão, de certa forma, podem ter características determinadas a partir das lutas e conflitos que os atravessam, as *formas* aparecem “[...] isentas de qualquer luta e qualquer conflito, e sua relação permanece completamente indeterminada”.

Só se poderia, de fato, romper com essa indeterminação através de uma produção de sentido, que faria operar as expressões e os enunciados na produtividade. Os autores questionam, então, a aplicabilidade da produção de sentido à linguagem. Para eles, apesar de romper com as vias de informação, comunicação e representação, esse artifício “[...] recorre a um milagre dialético constante que transforma a matéria em sentido; o conteúdo, em expressão; o processo social, em sistema significante” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [25]).

Diferentemente disto, um agenciamento, em seu aspecto maquínico, remeteria à “[...] mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [25]), também, em seu aspecto coletivo, um agenciamento não funciona sob a perspectiva da produtividade, mas no sentido de uma “[...] máquina de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [25]). O valor desses elementos são determinados não em si mesmos, mas pelo nível desterritorialização que os quantificam, por isso, “[...] um campo social se define menos por seus conflitos e suas contradições do que pelas linhas de fuga que o atravessam” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [26]).

Por fim, no segundo postulado, os autores indicam um outro erro, que seria considerar que a forma de expressão é suficiente para estabelecer um sistema linguístico. Para eles, isso significaria pressupor uma máquina abstrata da língua, que funcionaria segundo constantes e que, quando impulsionada na direção da abstração, daria lugar às variáveis de expressão, que são internas à enunciação. Nesse momento, essas variáveis não podem ser destacadas das variáveis de conteúdo, já que estão constantemente em intervenção mútua. Assim, “[...] *[s]e a pragmática externa dos fatores não-linguísticos deve ser levada em consideração, é porque a própria linguística não é separável de uma pragmática interna que concerne a seus próprios fatores*” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [26], grifos do original).

Dessa forma, existe uma pragmática interna da língua, que contém seus fatores e determinações próprias e há uma pragmática externa, composta por fatores não linguísticos, mas que são levados para o interior da língua, como os agenciamentos coletivos que marcam os seus usos. Nesse sentido, assim como discutido no primeiro platô, os autores demonstram que o modelo arborescente de Chomsky não dá conta de compreender a sobrelinearidade das transformações incorpóreas, pois se baseia apenas em elementos lineares e variáveis internas. Para conceber os elementos sem ordem linear fixa, considerando os agenciamentos coletivos

que implicam os usos da língua, seria necessário, então, um modelo rizoma, segundo o qual a máquina abstrata da língua poderia ser suficientemente abstrata.

O terceiro postulado, “constantes ou universais da língua que permitiram defini-la como um sistema homogêneo”, envolve uma discussão sobre a essencialidade da noção de estrutura para a linguística, já que é a partir desse postulado abstrato da estrutura que a linguística reivindica um status de cientificidade. Independentemente de quais sejam as formas que essas invariáveis estruturantes assumem (árvores, universais da linguagem, constantes fonológicas, sintáticas, semânticas, etc.) todas elas permanecem juntas, já que o essencial para cada uma delas está presente ou é construído nas outras.

Apesar dos esforços para estabelecer uma pragmática, como no caso de Breckle, há ainda uma estrutura a que essa competência responde e que só funciona através de constantes universais que são inerentes ao sistema. De qualquer maneira,

[...] o problema mais geral concerne à natureza da máquina abstrata: não há qualquer razão para relacionar o abstrato ao universal ou ao constante, e para apagar a singularidade das máquinas abstratas, quando estas são construídas em torno de variáveis e variações (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [28-29]).

A partir da oposição entre Chomsky e Labov, tem-se maior clareza do que está em questão. Enquanto para Chomsky seria necessário destacar um sistema padrão de uma língua como referência de variação para os dialetos, Labov se recusa a estabelecer variantes distintas em cada sistema e a adotar a noção de homogeneidade independente de cada um deles. Ao invés disso, a variação, para Labov, impede que o sistema se homogeneíze. Mesmo assim, Labov, para Deleuze e Guattari (1995b, p. [30]), ignora que uma distinção entre sistemas é insuficiente e aleatória e que “[...] todo sistema está em variação e se define não por suas constantes e sua homogeneidade, mas, ao contrário, por uma variabilidade que tem como características ser imanente, contínua e regulada segundo um modo muito particular”.

Poderia se pensar, então, que um dado enunciado, em um sistema dito homogêneo, seria explicado através do contexto em que se apresenta e da relação que descreve, esse é o mecanismo adotado pela pragmática. No entanto, disso apenas seria extraída uma *pseudo-constante de conteúdo* que, para Deleuze e Guattari (1995b), também resulta em um procedimento insuficiente. Considerar a variação de um sistema linguístico é construir um *continuum* em que não há início ou fim.

Enfim, para Deleuze e Guattari (1995b, p. [34]), é necessário pensar em um “cromatismo generalizado”, é essencial

[c]olocar em variação contínua quaisquer elementos é uma operação que talvez faça surgir novas distinções, mas não reconhecendo qualquer de seus procedimentos como adquirido, não atribuindo a si mesma nenhum destes previamente. Ao contrário, essa operação refere-se, em princípio, simultaneamente à voz, à fala, à língua, à música. Nenhuma razão para fazer distinções prévias e de princípio. A linguística em geral ainda não abandonou uma espécie de modo maior, um tipo de escala diatônica, um estranho gosto pelas dominantes, constantes e universais. Durante esse período, todas as línguas estão em variação contínua imanente: nem sincronia nem diacronia, mas assincronia, cromatismo como estado variável e contínuo da língua. Por uma linguística cromática, que dê ao pragmatismo suas intensidades e valores.

Assim, em relação ao terceiro postulado discutido, os autores compreendem que a língua não pode ser pensada como um sistema homogêneo e universal, a máquina abstrata da língua, de fato, “[...] não possui regras obrigatórias ou invariáveis, mas regras facultativas que variam incessantemente com a própria variação, como em um jogo onde cada jogada se basearia na regra” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [37]), ou seja, ela não pode ser delimitada e explicada por constantes ou regras universais, mas só pode ser concebida em sua singularidade. Por fim, depreende-se que a máquina abstrata, sendo singular, é sempre “[...] designada por um nome próprio, de grupo ou de indivíduo, ao passo que o agenciamento de enunciação é sempre coletivo, no indivíduo como no grupo” (Deleuze; Guattari, p. [37-38]).

O último postulado discutido no quarto platô trata do alcance da possibilidade de “estudar cientificamente a língua” apenas “sob as condições de uma língua maior ou padrão”. Derivando a concepção discutida no terceiro postulado de que a língua é variável e heterogênea, questiona-se, então, a necessidade de homogeneização da língua para seu estudo científico. Para Deleuze e Guattari (1995b, p. [38]), trata-se de uma tentativa de estabelecer nas variáveis um conjunto de constantes, o que é, em realidade, um “[...] modelo político através do qual a língua é, por sua vez, homogeneizada, centralizada, padronizada, língua de poder, maior ou dominante”.

A própria ideia de uma língua-mãe diz respeito, no sentido discutido pelos autores, a uma relação de poder em que uma variável se estabelece como *maior* em relação às outras variáveis. Até mesmo as regras gramaticais e os marcadores sintáticos são, eles mesmos, sinalizadores de poder e se submeter a eles ou negá-los indica a posição social de adesão ou de resistência de um indivíduo.

As *instituições especiais* ocupadas por aqueles que ignoram a gramaticalidade, a fonética e a sintaxe de uma língua maior não podem, entretanto, ser consideradas como simples oposições a ela, “[é], antes, cada dialeto que se encontra afetado por uma zona de transição e de variação, ou melhor, é cada *língua menor* que se encontra afetada por uma zona de variação propriamente dialetal” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [39], grifo meu). O esforço empreendido pelos autores, ao pensarem em termos de língua maior e língua menor, não se refere a uma tentativa classificatória, para eles, “[...] não existem dois tipos de língua, mas dois tratamentos possíveis de uma mesma língua” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [41]), assim, pensar em maior e menor é contemplar duas funções de uma língua, as quais se co-constituem, não sendo possível estabelecer a função maior de uma língua sem compreender as funções menores que fazem a língua variar. Também não se pode dizer que a função menor de uma língua implica em um empobrecimento da língua padrão, mas uma “[...] sobriedade e uma variação que são como um [...] devir-menor da língua maior” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [43]).

Aqui estabelece-se uma postura filosófica que é, também, ética e política. A discussão proposta por Deleuze e Guattari (1995a; 1995b), a nosso ver, não implica em um “ostracismo” das teorias produzidas no campo da política e da linguagem que levam em conta o pressuposto de uma estrutura. No entanto, é essencial que o exercício intelectual passe por um posicionamento em que o intelectual tem, pelo menos, duas opções: colocar-se em uma das frentes hegemônicas de batalha, o liberalismo, o essencialismo, o estruturalismo, o materialismo; ou se colocar em uma posição de resistência a essa força hegemônica, em uma frente pragmática, imanente, na luta local. O discurso, como dispositivo de saber, serve aos dois posicionamentos. Em um, confirma a tese essencialista herdada dos pré-socráticos, a tese eurocêntrica, logocêntrica; no outro, trabalha para dissolver esse poder acumulado, mas tomando cuidado para não se transformar depois na mesma coisa.

Por fim, arrematando os quatro postulados, os autores afirmam que a questão das funções da linguagem é geralmente mal formulada porque ignora-se que é a palavra de ordem que “[...] efetua a condição da língua e define o uso dos elementos segundo um ou outro tratamento” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. [45]) e é, portanto, ela que deve ser trabalhada para capturar essa dupla possibilidade de tratamento das variáveis. É nesse sentido que buscamos empreender uma análise crítica do objeto de estudo proposto, a obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Buscamos, na perspectiva de resistir a uma força hegemônica, explorar como ocorrem os usos da língua inglesa em *Americanah*, relacionando as temáticas

tangentes abordadas neste estudo, a biopolítica, necropolítica e a colonialidade, à emergência da palavra de ordem na obra, pensando na literatura realizada por Chimamanda Ngozi Adichie como um meio para a discussão de temas importantes nos estudos da língua e da política.

2.4 O QUE SE PASSOU?

No oitavo platô, intitulado *1873 – Três novelas ou “o que se passou?”*, Deleuze e Guattari (1996) recorrem ao enredo de três novelas para discorrerem sobre as linhas sob as quais operam a tipologia dos discursos de ficção. Inicialmente, diferenciam a novela do conto e do romance através de uma relação de temporalidade: enquanto na novela a questão é “o que se passou?”, no conto ocorre o contrário – pergunta-se “o que acontecerá?”; já o romance integra elementos tanto da novela quanto do conto, de forma que algo sempre está acontecendo.

Como na novela algo aconteceu, mas ainda está a se descobrir o quê e/ou como aconteceu, ela está essencialmente relacionada a um segredo. A novela está sequenciada, para Deleuze e Guattari (1996, p. [60]), da seguinte maneira: “Que aconteceu? (modalidade de expressão), Segredo (forma), Postura do corpo (conteúdo)”.

A primeira novela analisada é *Na gaiola*, de Henry James. A protagonista da trama, uma jovem telegrafista, vive de forma bem definida, sua vida mimetiza o trabalho que realiza. Existe, ainda, uma contiguidade entre o telégrafo em que trabalha e a mercearia em que seu noivo trabalha, noivo este que planeja todos os aspectos de suas vidas, fazendo com que haja “[...] uma linha de segmentaridade dura em que tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, a passagem de um segmento a outro” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [62]).

Essa previsibilidade é abalada quando um casal abastado começa a trocar telegramas secretos, permeados de mistérios. Em oposição às linhas de segmentaridade dura que compõem a vida da protagonista, essa relação misteriosa introduz um fluxo maleável e um segredo, que é mantido pelo homem e que o coloca em perigo, segundo a interpretação da jovem telegrafista.

Apesar de muito diferentes entre si, essas linhas de segmentaridade “[...] não param de interferir, de reagir uma sobre a outra, e de introduzir cada uma na outra uma corrente de maleabilidade ou mesmo um ponto de rigidez” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [63]). Entretanto, há um ponto máximo de interação entre essas linhas, que envolve sua dissolução quando o segredo deixa de existir, quando nada acontece no relacionamento pontual entre telegrafista e telegrafante. O tensionamento que passa a existir por ocasião do segredo e a cumplicidade que

a telegrafista desenvolve com o telegrafante deixa de existir, e os dois voltam à sua segmentaridade dura, cada um com suas determinações e previsibilidades. Tudo de volta ao “normal”? Não exatamente:

[...] tudo mudou. Ela alcançou como que uma linha nova, uma terceira, uma espécie de *linha de fuga*, igualmente real, mesmo que ela se faça no mesmo lugar: linha que não mais admite qualquer segmento, e que é, antes, como que a explosão das duas séries segmentares. Ela atravessou o muro, saiu dos buracos negros. Alcançou uma espécie de desterritorialização absoluta (Deleuze; Guattari, 1996, p. [64]).

Nesta novela, os autores identificam, portanto, três linhas: “de segmentaridade dura e bem talhada, de segmentação molecular e em seguida a linha abstrata, a linha de fuga [...]” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [65]), que apresentam, cada uma, suas particularidades em relação ao que se fala e como se fala ou deixa de se falar, no entanto, apesar de tão diferentes, essas linhas não param de se misturar.

A segunda novela é *The crack up*, de Fitzgerald. Nela, a pergunta que delimita a novela, “o que se passou?”, é extensivamente repetida. Para Fitzgerald, existe o corte, o que Deleuze e Guattari (1996) compreendem como sendo uma linha de segmentaridade dura, há, também, um tipo de ruptura que segue uma segmentaridade outra: “[...] microfissuras [...] mais sutis e mais maleáveis” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [66]), estas, apesar de mais maleáveis, não deixam de ser linhas moleculares que produzem grande inquietação, elas envolvem todas as coisas e funcionam como uma micropolítica. Por fim, num terceiro tipo de linha, há a ruptura, em que

[...] não apenas a matéria do passado se volatilizou, mas a forma que aconteceu, de algo imperceptível que se passou em uma matéria volátil, nem mais existe [...] Nada mais pode acontecer nem mesmo ter acontecido [...] Meus territórios estão fora de alcance, e não porque sejam imaginários; ao contrário, porque eu os estou traçando (Deleuze; Guattari, 1996, p. [67]).

Na novela de Fitzgerald, há, portanto, também a distinção das três linhas observadas em *Na gaiola*: linha de corte (linha de segmentaridade dura); linha de fissura (linha de segmentação maleável); e linha de ruptura (linha de fuga). Para Deleuze e Guattari (1996), na resposta para o que aconteceu na novela de Fitzgerald não estão acontecimentos manifestos, mas pequenas movimentações de desejos. Assim, ao invés de grandes mudanças e deslocamentos do desejo, há pequenas rupturas. Mesmo que mínimas, da linha de fissura na novela se desenrola o cenário

de funcionamento de todas as coisas, o que os autores chamarão de micropolítica. Diferentemente do que ocorre nessa linha maleável, a linha de ruptura representa uma mudança muito mais ativa, um corte que impede que se possa voltar ao estágio anterior a ele.

A terceira novela é *História do abismo e da luneta*, de Pierrette Fleutiaux. Deleuze e Guattari (1996) se dedicam agora a pensar as linhas de segmentaridade sob a perspectiva da vigilância, do distanciamento e aproximação que ocorrem em cada segmento. Há dois tipos de vigilantes, um que corresponde à figura da luneta, que são os de visão curta; e um que se refere ao abismo, os de visão ampla. O que se vigia são os movimentos produzidos no abismo.

Os de visão ampla carregam a ambiguidade de notar tudo, todas as pequenas infrações que não são visíveis aos outros, no entanto, não têm agência: o recorte da luneta regula tudo, independente da previsão que fazem os vigilantes de visão ampla. Afetado por essa ambiguidade, “[u]m dia (que terá acontecido?) um de visão ampla abandonará seu segmento, se lançará em uma estreita passarela por cima do abismo negro, partirá pela linha de fuga, tendo quebrado sua luneta, ao encontro de um Duplo cego que avança na outra extremidade” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [70]).

Ou seja, estão aí, primeiro na separação entre vigilantes de visão curta e visão longa e, depois, no abandono dessa função, as três linhas de segmentaridade que tomam outras formas nas novelas anteriores. No caso de *História do abismo e da luneta*, a linha de fuga (um vigilante de visão ampla que abandona seu segmento) relembra a impossibilidade de a própria fuga ser vivida por qualquer pessoa ou qualquer grupo. Existe um componente particular no abandono desse segmento que não pode ser alcançado por todas as pessoas. A linha de fuga não é, contudo, uma estratégia individual a partir da qual se foge do mundo. Ela consiste em fazer o mundo fugir.

Essas linhas que se apresentam em formas singulares nas três novelas, no entanto, “[...] não querem dizer nada. É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [71]). As linhas de segmentaridade dura, de segmentação maleável e de fuga apresentam quatro problemas, pelo menos. O primeiro diz respeito ao *caráter particular* de cada uma, apesar de serem descritas ao longo das novelas como sendo mais ou menos fixas, raramente podem ser separadas de fato, já que

[...] a micropolítica não é menos extensiva e real do que a outra. A grande política nunca pode manipular seus conjuntos molares sem passar por essas

micro-injeções, essas infiltrações que a favorecem ou que lhe criam obstáculo; e mesmo, quanto maiores os conjuntos, mais se produz uma molecularização das instâncias que eles põem em jogo (Deleuze; Guattari, 1996, p. [72])

O segundo problema é a *importância respectiva* de cada linha. Quanto à linha de segmentaridade dura, não se pode dizer que ela ocorra *antes* que a linha de fuga, esta última “[...] está presente desde o início” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [73]). A linha de segmentaridade maleável, a linha de fissura, encontra-se, em sua ambiguidade, entre as linhas de segmentaridade dura e as linhas de fuga, pendendo ora para um lado, ora para outro. De qualquer forma, parece, apenas, que a linha de segmentaridade maleável exerce uma função interessante, é “[...] uma espécie de compromisso, procedendo por desterritorializações relativas, e permitindo reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [73]).

O terceiro problema é a *imanência mútua das linhas*, que diz respeito à impossibilidade de transcender, ou seja, as linhas trabalham umas nas outras e é, portanto, difícil de desamarrá-las. O último problema é, para os autores, o mais angustiante e se refere aos *perigos próprios a cada linha*. O perigo da linha de segmentaridade dura é justamente sua fixidez, a dificuldade de modificá-la. O perigo da linha de segmentaridade maleável é, por sua vez, a ambiguidade que ela apresenta. Mas é o perigo da linha de fuga que mais angustia: além da possibilidade de se misturar às outras linhas, dado o problema de imanência múltipla, existe, nela, o perigo da aniquilação, no momento mesmo em que tudo é compreendido.

As linhas, com seus respectivos riscos, constroem as etapas de uma novela e recaem umas sobre as outras, desenhando o que aconteceu, as circunstâncias do acontecido, e o que vai acontecer:

[n]ada passará pela lembrança, tudo aconteceu nas linhas, entre as linhas, no E que os torna imperceptíveis, um e o outro, nem disjunção nem conjunção, mas linha de fuga que não para mais de se traçar, para uma nova aceitação, o contrário de uma renúncia ou de uma resignação, uma nova felicidade? (Deleuze; Guattari, 1996, p. [75]).

CAPÍTULO III – BROTOS AÉREOS FOLIOSOS – UM BREVE ESTADO DA ARTE

O quarto romance de Adichie, *Americanah*, é o foco dessa pesquisa. Desde seu título, esse romance envolve discussões importantes acerca das diferenças culturais, tendo a língua inglesa como um marcador de poder dentro das relações sociais. Além disso, as situações vivenciadas pela personagem principal e por seus pares oferecem um ponto de vista privilegiado para pensar questões raciais e territoriais, principalmente no campo do corpo-indivíduo, mas também do corpo-país.

Ao abordar a questão racial como ponto de tensionamento nas relações (pessoais, acadêmicas, laborais), Adichie demonstra as modificações no modo de vida de pessoas racializadas quando em contato com uma heteroidentificação violenta, especialmente quando conflitos desse tipo ocorrem em contextos com possibilidade de trocas interculturais.

Akingbe e Adeniyi (2017) discutem a noção de sensibilidade nômade presente em vários personagens de *Americanah*, como a própria Ifemelu, personagem principal; Obinze, homem com quem Ifemelu mantém um relacionamento, e outros personagens não centrais, como Ginnika e Emenike. Cada um, a seu modo, busca na passagem de um país para o outro um sentido que possa alimentar as necessidades individuais e coletivas, que são retratadas várias vezes no romance.

Apesar de falhar, segundo Akingbe e Adeniyi (2017), na representação da transculturalidade como elemento apaziguador, Adichie traz elementos que auxiliam na percepção da literatura como campo importante e privilegiado de reflexão sobre as condições concretas de vida das pessoas que são atravessadas pela migração e pelo racismo.

Por ser o romance da autora que mescla a vivência da pessoa nigeriana dentro e fora do país, *Americanah* complexifica a extensão do uso da língua inglesa, de forma que levanta cenários importantes para a discussão do inglês em diferentes condições e mobiliza temas caros à linguística aplicada atual, como o monolinguismo, o pensamento de fronteira e a linguagem performativa de John Langshaw Austin (1990), entre outros.

Entre os principais resultados obtidos no levantamento bibliográfico preliminar, que guiou a direção da reflexão proposta pelo presente estudo, destaca-se o artigo *Literatura trans*fronteriza como respuesta a la violencia de/l género. Propuesta de ampliación del campo literario del norte de México a partir de la obra Adrift's Book de Sayak Valencia y los conceptos "necroescritura" y "desapropiación" de C. Rivera Garza*, de Marc Delcan Albors (2023). O

autor relaciona a temática da conformidade de gênero com os conceitos de necroescrituras e desapropriações para dar conta da complexidade da generalização cultural de masculinidades e feminilidades presentes no livro estudado.

Um outro texto que destacamos é a dissertação *Denúncias da literatura: as possibilidades de futuro de um presente gestionado pela necropolítica*, de Dener Oleo (2023), que buscou, através das contribuições teóricas de Michel Foucault, Judith Butler e Silvia Federici, investigar a relação entre literatura, corpo e vida. O autor analisa como a literatura tem um papel fundamental na criação de narrativas corporificadas e reivindica o campo literário como espaço de denúncia das diversas injúrias que recaem sobre os corpos. Para isso, Oleo (2023) examina as contribuições de autoras como Carol J. Adams, Conceição Evaristo e Margareth Atwood e propõe que as distopias ficcionais revelam elementos normalizados de disciplina, biopoder e necropoder.

A tese *Resistência e emancipação em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma escrita negra, feminista e decolonial*, de Dayse Rayane e Silva Muniz (2023) analisa *Americanah* a partir de um arcabouço teórico pós-colonial, afrodiaspórico e feminista, reconhecendo a poética adichieana como um marcador da tradição literária fora dos eixos da colonialidade. O estudo de Muniz (2023) é especialmente caro à reflexão estabelecida no presente estudo porque prioriza uma análise deslocada da racionalidade colonial, demonstrando caminhos para um estudo que enfatize a produção decolonial com o objetivo de destacar a possibilidade de construção de autonomia da mulher negra através da palavra escrita.

Na dissertação *A mulher, a negra e a estrangeira em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie: representações pós-coloniais de gênero, raça e nacionalidade no mundo contemporâneo*, a autora Maria Carolina de Moraes Florindo (2020), assim como Muniz (2023), utilizou as teorias pós-colonial e afrodiaspórica para sua análise, bem como se baseou nas contribuições do feminismo negro para compreender e examinar a trajetória da personagem principal do romance e a relação do cabelo, pele, nacionalidade com a construção da sua identidade e como esses elementos são essencialmente marcados pela diferença.

No texto intitulado *Uma visão crítica de Chimamanda Adichie*, Felipe Rodrigues (2020) realiza uma resenha do livro *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização e diáspora*, de Cláudio Roberto Vieira Braga (2019). Rodrigues (2020) analisa a olhar crítico de Braga (2019) e aponta sua adequação ao Congresso Internacional da

Associação de Literatura Comparada (ABRALIC) de 2019, cujo tema foi “Circulação, tramas & sentidos na Literatura”.

No livro *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização e diáspora*, Braga (2019) discute em quatro capítulos a relação da literatura de Adichie com temas caros à crítica literária contemporânea, como a questão da diáspora, a pós-colonialidade e a descolonização cultural. Considerando a realidade diaspórica característica de Minas Gerais, estado de sua origem, o autor localiza o cerne do estudo empreendido em sua obra na noção de que a sobrevivência humana depende da mobilidade.

Sendo as teorias de mobilidade humana como opções interpretativas o mote para o desenvolvimento da trajetória de pesquisa do autor, Braga (2019, p. 24), fazendo uma leitura de Cresswell (2006), viu na literatura adichiana a possibilidade de pensar a “[...] negociação entre a metafísica da fixidez e a metafísica do fluxo, que se apresentam entrelaçadas no alicerce do pensamento e da ação nas culturas humanas mais diversas [...]”.

Assim, o estudo desenvolvido pelo autor é um itinerário detalhado da pós-colonialidade nas narrativas de Adichie, especialmente em *Americanah*. Para pensar na possibilidade de descolonização cultural empreendida pela obra, o autor foca na relação do cabelo afro da mulher negra e nos significados negociados na “[...] subcultura do cabelo feminino no salão de beleza e os modelos femininos ao redor da personagem [Ifemelu], tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos” (Braga, 2019, p. 26). A visão do autor sobre *Americanah* é cara à pesquisa aqui empreendida, pois, do ponto de vista geográfico, nos fornece uma reflexão contundente sobre a questão da mobilidade humana como elemento chave na compreensão da sociedade contemporânea.

O texto *Los tránsitos de la pérdida: a propósito de Sobre el duelo de Chimamanda Ngozi Adichie*, de autoria de Miguel Angulo-Giraldo (2022), assim como o texto de Rodrigues (2019), é uma resenha. Nesse texto, Angulo-Giraldo (2022) examina as “Notas sobre o Luto” (Adichie, 2021), livro de ensaios que trata as incertezas e as dificuldades de Adichie em lidar com a perda de seu pai durante a pandemia de Covid-19. O autor busca circunscrever a reação da autora diante de aspectos rituais da morte e do morrer no povo ibo e sua rejeição a algumas dessas práticas culturais, principalmente frente aos aspectos de abandono e pressa para superar a perda, recorrentes no relato de Adichie.

O artigo *El arte negro es el Brasil*, de Andrea Giunta (2020), relata a comoção da autora quanto a uma série de retratos da artista brasileira Rosana Paulino, datada de 1997, que, através

de técnicas mistas, criou imagens pungentes utilizando fotografias suas e de sua família, com bordados pretos sobre suas bocas, olhos ou pescoços. Segundo Giunta (2020, grifo nosso), as “[...] *suturas* que cobrem as zonas do rosto remetem à obliteração do direito de ver, falar, respirar, engolir, pensar”.

Aqui, há uma percepção interessante sobre o material do corpo e o discurso da arte como enunciação coletiva. Trata-se de pensar o particular e os silenciamentos coletivos, que aparecem, na obra de Rosana Paulino, como a família e a negação de direitos, respectivamente. Esse tipo de entrelaçamento proposto pelo bordar pode remeter a outras linhas, as das tranças, em *Americanah*, por exemplo, que delimitam posições estéticas ligadas à identidade e carregam consigo as relações que se estabelecem nesses territórios de trocas que é o salão de cabeleireiras, como demonstrado por Adichie.

Os aspectos discutidos nos textos encontrados a partir da revisão bibliográfica, apesar de, com exceção do livro de Braga (2019), a tese de Muniz (2023) e a dissertação de Florindo (2020), não abordarem o trabalho de Adichie em *Americanah* através de concepções teóricas compatíveis com a proposta no presente estudo, são trazidos como forma de explicitar a percepção sobre o estilo de escrita de Chimamanda e sobre quão diversos são os temas que suas narrativas suscitam. Essa visão, inclusive ao contemplar outras obras da autora, é essencial para compreender a construção narrativa em seu quarto romance, assim como a forma de tratamento que é dada aos conteúdos exercitados nele. O presente estudo foca, diferentemente de todos os textos encontrados na revisão bibliográfica, na análise das entradas do blog *Raceteenth or Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black*, de autoria da personagem principal de *Americanah*, Ifemelu. Outras partes e aspectos do romance serão mobilizados de forma a estabelecer uma compreensão plena do enfoque teórico estabelecido na pesquisa.

CAPÍTULO IV – ENTRE OBSERVAÇÕES E REDENÇÕES: RIZOMAS MIGRATÓRIOS EM *AMERICANAH*

Realizaremos, a seguir, uma breve introdução ao corpus de pesquisa, o blog de Ifemelu. Durante toda a extensão do livro, são apresentadas 19 entradas do blog anônimo de Ifemelu. Os assuntos tratados nesses textos dizem respeito, principalmente, a um estranhamento da personagem principal com a questão racial nos Estados Unidos. Em uma espécie de manual para o negro africano que vive nos Estados Unidos, Ifemelu utiliza ironia e humor para problematizar questões da vida pessoal, como os romances vividos pelas personagens, e questões coletivas, como o significado da eleição de Obama para os negros americanos.

Americanah, em sua primeira página, dá indícios de como Ifemelu, a protagonista da trama, identifica as localizações geográficas por onde transita a partir de aspectos sensoriais despertados pelo ambiente, relegando o nome próprio ao papel de uma característica secundária na descrição de um lugar. Os sons, cheiros, temperaturas, todos aspectos que interferem em sua experiência sensorial nas cidades, mais do que a demografia, são elementos desenvolvidos à exaustão.

O romance apresenta narração em terceira pessoa, recurso de escrita comum para Adichie, entretanto, o fluxo de narrativo que a autora utiliza imprime também sensações de experimentação do mundo em primeira pessoa, marcando um primeiro impacto dessa escrita. Apesar de narrar em terceira pessoa, Adichie não parece se interessar por uma tipologia descritiva de matriz realista, ela faz um uso autoral do recurso, assumindo uma postura de narrador que não é nem personagem nem observador, mas que parece não estar em lugar nenhum, ele não é onisciente, pelo menos não o tempo todo.

As peculiaridades relacionadas à posição do narrador são bem demonstradas em momentos que, por exemplo, revela-se o que Ifemelu pensa ou decide fazer em uma situação para, logo depois, fazer o contrário ou tensionar essa escolha o máximo possível. Primeiro, o narrador revela a intenção e a pondera: “[...] se perguntassem o que ela fazia, ela diria vagamente ‘eu escrevo um blog de estilo de vida’ porque dizer ‘eu escrevo um blog anônimo chamado *Raceteenth*¹¹ or *Various Observations about American Black* (formerly known as

¹¹ A palavra *Raceteenth* é uma referência à *Juneteenth*, um feriado nacional dos Estados Unidos que comemora o dia em que Afroamericanos escravizados souberam que a escravidão havia acabado, anos após a Proclamação de Emancipação ter sido assinada (Gordon-Reed, 2021).

Negroes) by a Non-American Black¹², os deixariam desconfortáveis”, para, em seguida, revelar a decisão de falar a despeito das possíveis consequências: “[m]as ela disse, no entanto, algumas vezes” (Adichie, 2013, p. 4).

Através desse movimento, a autora revela a estrutura do seu pensamento antes do conteúdo. Os conflitos parecem centrais na construção dos personagens, da história de vida de Ifemelu, da história do seu país, dos seus pais, da imigração. Assim, podemos conhecer como funciona Ifemelu antes de saber quem é Ifemelu, ordem aparentemente invertida se considerarmos a estrutura de identificação inicial da personagem e a posterior construção psicológica gradual comum aos romances de formação e a algumas obras contemporâneas que compartilham um público-alvo jovem-adulto, especialmente feminino, a exemplo dos escritos por Sally Rooney e Elena Ferrante. O estilo adotado por Adichie, no entanto, é compatível com o caos pós-colonial (Hewett, 2005) abordado no conteúdo das suas obras, demonstrando uma preocupação, ou uma habilidade, de transparecer, na forma da sua escrita, o cerne do que é discutido em seus romances.

Ao analisar a “literariedade” de *Americanah*, Braga (2019, p. 141) demonstra que a forma de estruturação do romance, não linear e fragmentada, funde-se com os conteúdos retratados por ele, algo que o autor considera uma característica importante de uma “[...] literariedade pós-colonial diaspórica”. A narrativa *in media res* privilegia um momento médio na história de vida da personagem principal, de forma a destacar esse momento como crucial para o desenvolvimento do *self* e para a conclusão ou desdobramento de situações passadas, que são apresentadas através de analepses (*flashbacks*) (Braga, 2019).

Um parêntese narrativo importante e estruturante do romance é a escrita em primeira pessoa que Ifemelu empreende em seu blog. A ferramenta primeira pessoa-blog é empregada diversas vezes, cumprindo a função que o próprio nome do blog suscita: observação. A partir dos artigos exibidos “na íntegra” durante o livro, o leitor tem a possibilidade de experimentação de uma leitura em modo *natural*, o que opera tanto como quebra em relação à narração em terceira pessoa como conexão com a atividade de, de fato, ler.

A inserção dos *posts* do *blog* marcam uma interrupção na narrativa do livro. Além da modificação da terceira para primeira pessoa, essas entradas indicam a mudança entre caráter

¹² Raceteenth ou Várias Observações sobre Negros Americanos (anteriormente conhecidos como *Negroes*) por uma Negra Não-Americana na América.

narrativo, presente no restante da obra, e opinativo (Braga, 2019). Assim, para a pesquisa empreendida aqui, é necessário demarcar que a natureza do corpus de análise se diferencia do que é proposto na porção narrativa da obra e, portanto, pode emergir dessa análise considerações com alcance diferente em relação à análise da obra como um todo. Essa diferença, entretanto, compõe um meio interessante para o desenvolvimento da teoria definida, já que indica um caminho para pensar em linhas que fogem da unidade narrativa da obra e, portanto, de ideias que contribuem com uma desestruturação criativa.

Inicialmente, Ifemelu dá ao blog o nome: *Raceteenth or Curious Obsevation by a Non-American Black of Blackness in America*¹³. A mudança do nome para *Raceteenth or Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black* engendra algumas considerações: a despeito da escolha inicial de utilizar a voz passiva, de forma que a função do blog seja mais evidente do que a própria autora, Ifemelu arrasta sua identificação ainda mais para o fim do título posterior do ficheiro, afirmando a primazia do texto sobre a autoria, apesar de este segundo elemento verter tanta importância que, de certa forma, leva Ifemelu, ao fim do romance, a mudar o lugar de depositar suas observações para um outro blog, em que a autoria, dessa vez, precede o texto.

Outra mudança, que emana justamente da observação de Ifemelu, é a troca de “*Blackness in America*” para “*American Black (those formerly known as Negroes)*”. Nessa nova versão, enquanto Ifemelu se movimenta ainda mais em direção ao anonimato, pessoaliza o que é observado. Não somente observa um fenômeno de negritude na América, mas sua materialidade: os homens e mulheres negros, de fato. Assim, apesar de pensar a interação interpessoal entre pessoas negras e entre estes e pessoas não-negras, Ifemelu foca a reação intrapessoal que é resultado e causadora dessas interações. Enquanto observa e descreve suas observações, revela que sua autoria reside justamente na recusa da visão antropológica hegemônica empreendida na ciência moderna em relação aos negros americanos, tanto ao buscar abandonar uma visão biologicista, mas também enfrentando a própria crítica racial e baseada da ideia de identidade genômica, já que os pontos trazidos no blog desafiam mesmo a virada sociológica contemporânea nos estudos raciais. Ifemelu descreve não só o que observa nesses Outros, mas faz, assim como com os lugares, um panorama dos cheiros, sons,

¹³ Raceteenth ou Curiosas Observações por uma Negra Não-Americana da Negritude na América.

temperaturas que se apresentam nas relações que concernem os Negros Americanos e ela, Negra Não-Americana na *América*.

Enfim, as mudanças no título do blog sugerem múltiplos efeitos na escrita de Ifemelu e na sua posição como observadora. Ao se implicar geograficamente, mitigando a ambiguidade anterior (negritude na América/Negra Não-Americana na América), Ifemelu pode assumir um lugar de observação especialmente recorrente para mulheres negras: o lugar que Patricia Hill Collins (2016) chama de *outsider within*^{14,15}, que descreve um ponto de vista especial que essas mulheres têm perante à família, ao *self*, e à sociedade devido à sua histórica posição de visualização de uma realidade da família branca burguesa não evidente para outros grupos e, ao mesmo tempo, sua impossibilidade de pertencimento a essa família.

Enquanto a ambiguidade sustentava uma possibilidade (a de Ifemelu ser “*outsider outside*”), a versão posterior desvela a estranheza de *estar*, mas não *pertencer*, condição que é proveitosa para a perspectiva que Ifemelu imprime em suas observações, apesar do conflito e falta que esse estado anuncia.

Nas subseções de análise do blog, organizaremos as entradas de acordo com suas temáticas e, posteriormente, mapearemos a escrita de Ifemelu (e de Adichie) tendo como aporte teórico os autores e concepções descritos nas seções iniciais desta pesquisa.

A seguir, traremos uma discussão acerca da função da língua inglesa no percurso migratório da personagem principal da obra, abarcando reflexões acerca do uso particular da língua e os conflitos erigidos de seus outros usos particulares, os quais são, todos eles, constantemente colocados em embate com a função maior da língua inglesa britânica e estadunidense no romance.

4.1 SOBRE LÍNGUA, GEOPOLÍTICA E IDENTIDADE EM *AMERICANAH*¹⁶

A imposição de uma visão de mundo europeia implicou, em muitos lugares, o extermínio da diferença. Com a ocupação dos territórios e a escravização dos povos africanos,

¹⁴ Collins (2016) aplica o termo especificamente para mulheres afroamericanas, inicialmente, mas eventualmente o cita como lugar que comumente é ocupado por mulheres negras.

¹⁵ O termo *outsider* se refere a quem está fora, e *within* o que está dentro. Uma possível tradução seria “forasteira de dentro”. Entretanto, *outsider within* não é um termo que possui tradução indiscutível e, por isso, será usado no texto em sua forma original em inglês.

¹⁶ Seção do artigo “Reaprender a falar: *Americanah*, língua inglesa e identidade (Benevides; Barreto; Silva, 2026, no prelo).

com a sua transferência para o “Novo Mundo”, com o extermínio em massa dos habitantes originários das “Américas”, houve uma assimilação forçada, por populações subalternizadas, de diversos aspectos da cultura europeia. Um dos mais relevantes, conjuntamente com a religião, a organização familiar e a economia, foi a língua. Retomar esse histórico colonialista é essencial para compreender a difusão geopolítica da língua inglesa e seus impactos concretos na vida dos povos colonizados.

Para Lopes (2008), a língua é um instrumento imperial, o que significa dizer que a uniformização e padronização de uma língua dentro de um território é essencial para a construção e a manutenção da coesão política. Assim, apesar de abrigar inúmeras línguas, a oficialização de uma língua coloca em evidência o resultado de uma guerra em que o “vencedor” impõe sua organização social ao “vencido”, ou seja, ao refletir sobre uma língua, precisamos reconhecer um certo emaranhamento de fronteiras, de tal forma que, mais do que relacionar uma língua a um país, é preciso considerar as implicações *póscoloniais* (Cahen, 2018) da assimilação de uma língua *estranha* por sobreviventes do massacre produzido pelas “conquistas” europeias.

Esses encadeamentos inerentes ao exercício do poder político nos Estados nacionais, de acordo com Foucault (1999, p. 23), longe de “[...] suspender os efeitos da guerra”, tendem a “reinsserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros”.

hooks (2017) dedica a essas implicações um dos capítulos finais de *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Nesse texto, a autora comenta uma inquietação gerada pelo poema “Queimar papel em vez de crianças”, de Adrienne Rich. Tomando como ponto de partida para sua reflexão o verso “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”, hooks (2017) tece um argumento sobre o papel da língua no processo de construção da identidade, tomando para si sua própria agência.

Para hooks (2017, p. 224):

O inglês padrão não é a fala do exílio. É a língua da conquista e da dominação; nos Estados Unidos, é a máscara que oculta a perda de muitos idiomas, de todos os sons das diversas comunidades nativas que jamais ouviremos, a fala dos gullah, o iídiche e tantos outros idiomas esquecidos.

Assim, pensar a língua do opressor é pensar, por um lado, em como a língua pode ser transformada em um “território que limita e define” e, por outro, em um instrumento “capaz de envergonhar, humilhar, colonizar” (hooks, 2017, p. 224). Se no inglês padrão há resquícios da dominação e da destruição de corpos e de culturas, haverá também a possibilidade da criação de outros territórios simbólicos através de um *outro* inglês?

Ao examinar as condições de possibilidade de construção de uma língua outra, a autora mostra como as mudanças gramaticais e as escolhas lexicais tiveram um impacto na assimilação e na conversão da língua do colonizador em uma “contralíngua”. Como exemplo, hooks (2017, p. 227) refere-se à palavra *nobody* em detrimento de *no one* nas canções conhecidas como *spiritual*, cantadas por pessoas escravizadas durante os trabalhos na plantação: “Quando os escravos cantavam ‘Nobody knows de trouble I see -’, o uso da palavra ‘nobody’ tem um significado mais rico do que se tivessem usado a locução ‘no one’, pois o lugar concreto do sofrimento era o *corpo* (*body*) do escravo”. Na gramática inglesa, apesar do uso de *one* e *body* serem igualmente aceitos em conjunto com os quantificadores *some*, *any*, e *no*, *-one* é considerado mais formal, enquanto *-body* só costuma ser utilizado oralmente.

Ao adotar o uso “incorreto” das palavras, os negros transformavam a língua em um instrumento de resistência. Nesse mesmo sentido, hooks (2017) analisa o *rap* como um movimento contemporâneo que tensiona as fronteiras do inglês padrão, utilizando um vernáculo negro. No entanto, é importante ressaltar o risco de banalização desse procedimento que, ao ser apropriado, pode ser situado num lugar de mero entretenimento, de tal forma que o seu potencial de subversão fica ameaçado pela banalização caricata.

Segundo a autora, a língua inglesa formal é adotada amplamente nos espaços acadêmicos e sua aceitação é tão naturalizada que mesmo os alunos e professores negros que têm o *Standard English* como sua segunda ou terceira língua dificilmente questionam a utilização dessa forma em detrimento de sua língua primária. Nesse sentido, hooks (2017) demonstra a importância do uso do vernáculo negro, sobretudo, em espaços predominantemente brancos, apesar de reconhecer a dificuldade de aceitação dessa modalidade do inglês na escrita. Ela afirma: “quando comecei a incorporar o vernáculo negro em ensaios críticos, os editores me devolviam o artigo reescrito em inglês padrão. O uso do vernáculo significa que a tradução para o inglês padrão pode ser necessária caso se queira atingir um público mais amplo” (hooks, 2017, p. 229). Assim, a autora aponta a necessidade de reconhecer, nesses casos, que o *Standard English* é uma tradução, e encoraja seus alunos a escrever em sua língua primária.

A língua inglesa, no contexto descrito por hooks (2017), aparece muito mais como ferramenta de opressão do que como meio de libertação. Isso ocorre por uma questão histórica, já que o tempo da repressão exercida pela colonização europeia é muito maior do que o tempo de crítica dirigida a esse processo. Evidentemente, a longa tradição de transformação da língua inglesa nas comunidades que foram destituídas de sua própria língua e cultura demonstram que, ao passo que as investidas de dominação europeia ocorriam, essas comunidades criavam meios de sobrevivência, a fim de garantir a continuidade de seu legado cultural ancestral, isso, nas entrelinhas da história, mantendo seus próprios costumes e modos de falar por meio de estratégias de bilinguismo ou de poliglôto.

Em *Americanah*, como veremos adiante, a protagonista demonstra, inicialmente, desconforto diante de modos de falar que, usualmente empregados em países africanos, desviam-se da norma padrão. Esse incômodo demonstra que ela se sente pressionada a falar um inglês “verdadeiramente” americano e lança-se em uma busca incessante por uma proficiência utópica no inglês formal. Nesse sentido, ela não se furta de lançar um olhar crítico sobre os outros imigrantes que se apropriam de formas “desviantes” de falar o inglês, ou seja, o *African American Vernacular English* (AAVE).

4.2 A EXPERIÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA EM *AMERICANAH*¹⁷

O relato de Ifemelu, abordado na obra, articula-se em dois tempos: a vida adulta, figurada como tempo presente, e a adolescência, narrada como lembrança. Nas memórias de adolescência inserem-se ordinariamente personagens secundários que ganham contornos de pouca relevância, se considerarmos o conjunto do romance. A família de Ifemelu, apesar de ser economicamente desfavorecida, valoriza imensamente a educação, que é vista, principalmente pelo pai da protagonista, como uma forma de valorização pessoal, já sua mãe vê na educação uma possibilidade de ascensão social. Por conta dessas esperanças, sua família faz enormes sacrifícios para garantir uma educação de qualidade para a garota.

As distintas representações da língua no romance de Adichie podem, grosso modo, ser caracterizadas por quatro momentos distintos. O primeiro deles diz respeito a um inglês em que o sotaque não é um marcador contundente de diferença, mas de experiências culturais

¹⁷ Seção do artigo “Reaprender a falar: *Americanah*, língua inglesa e identidade (Benevides; Barreto; Silva, 2026, no prelo).

anglófonas a que os personagens têm acesso. Além disso, nota-se que, em vários excertos, efetua-se a inclusão de palavras em outros idiomas, principalmente o ibo, algo que está mais presente quando se trata de intervenções que retratam a família de Ifemelu. Assim, frases em inglês incluem expressões como *biko* (por favor) ou *kedu* (o quê? Como? Onde?) ou manifestam a marcação sonora *Oo*, utilizada em muitas línguas do oeste africano para indicar ênfase. Essa primeira forma funciona como um marcador de diferenças culturais entre Ifemelu e seus colegas de escola.

Entre as ações narradas no plano da memória, destaca-se a descrição do enlace afetivo entre a protagonista e Obinze. A narradora descreve, inicialmente, a atitude de Obinze diante de Ifemelu, enfatizando o contraste entre uma caracterização aparentemente ingênua da personagem principal e a experiência social mais “sofisticada” de Obinze:

She remembered the surprise on Obinze's face, a surprise he had quickly shielded, when he asked, "What's your phone number?" and she replied, "We don't have a phone." He was holding her hand now, squeezing gently. He admired her for being outspoken and different, but he did not seem able to see beneath that. To be here, among people who had gone abroad, was natural for him. He was fluent in the knowledge of foreign things, especially of American things (Adichie, 2013, p. 66-67).¹⁸

A cultura americana, manifestando-se ora como emblema de um saber histórico ora como prática de consumo cultural, destaca-se entre as qualidades do rapaz, as *coisas americanas* nas quais Obinze se mostra fluente: “*Everybody watched American films and exchanged faded American magazines, but he knew details about American presidents from a hundred years ago. Everybody watched American shows, but he knew about Lisa Bonet leaving The Cosby Show to go and do Angel Heart [...]*”¹⁹ (Adichie, 2013, p. 67).

Essa obsessão do rapaz pela cultura americana não encontra, contudo, respaldo no seio familiar, algo que fica em evidente em uma cena em que a mãe explicita sua discordância em relação a assimilação irrestrita da cultura anglófona, atitude que ela classifica sumariamente

¹⁸ Ela se lembrava da surpresa no rosto de Obinze, uma surpresa que ele havia rapidamente escondido, quando ele perguntou, “Qual o seu número de telefone?” e ela respondeu, “Nós não temos telefone”. Ele estava segurando sua mão agora, apertando-a gentilmente. Ele a admirava por ser extrovertida e diferente, mas não parecia ser capaz de ver por baixo disso. Estar ali, entre pessoas que já haviam viajado ao exterior, era algo natural para ele. Ele era fluente no conhecimento de coisas estrangeiras, especialmente coisas americanas. (tradução nossa)

¹⁹ Todos assistiam filmes dos Estados Unidos e emprestavam revistas americanas desbotadas, mas ele [Obinze] sabia detalhes sobre os presidentes americanos de cem anos atrás. Todos assistiam séries americanas, mas ele sabia que Lisa Bonet havia saído do *The Cosby Show* para fazer *Angel Heart*. (tradução nossa)

como “tolice”: “‘You know Obinze will only read American books? I hope you’re not that foolish.’ [...] *This boy is too besotted with America*”²⁰ (Adichie, 2013, p. 70).

Ao recusar os “livros adequados”, indicados pelo namorado, Ifemelu apoia-se no argumento da mãe dele. De certa maneira, a personagem principal se ampara nessa discordância de pontos de vista a fim de sustentar uma diferença de visão de mundo. Essa postura, que poderia ser concebida como inadequação aos gostos e interesses do namorado, reconfigura-se como crítica respaldada em experiências e conhecimentos ancestrais.

Sob uma perspectiva simplista, que supõe que o gosto pessoal não afeta as condições de influência do mundo externo sobre os valores adotados por uma pessoa ou por um grupo social, a “paixão” de Obinze pelos Estados Unidos pode parecer irrelevante para a visão que Ifemelu viria ter sobre o modo de vida americano quando, mais tarde, passaria a morar no país. Entretanto, é necessário considerar que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p. 33).

Fica evidente o choque entre a cultura que Obinze pretende adotar e aquela que constituiu a geração anterior, representada por sua mãe, uma geração que sentiu os efeitos da invasão britânica na Nigéria, ou seja, que sofreu uma transformação radical nos modos de vida objetivos e subjetivos dos nigerianos. A matriz cultural com a qual Ifemelu se identifica não fica evidente nesse momento da narrativa. Insinuam-se, contudo, potenciais conflitos e rupturas, o que se percebe, por exemplo, no desinteresse da protagonista em relação aos livros indicados por Obinze:

He gave her a copy of Huckleberry Finn, the pages creased from his thumbing, and she started reading it on the bus home but stopped after a few chapters. The next morning, she put it down on his desk with a decided thump. “Unreadable nonsense,” she said. “It’s written in different American dialects,” Obinze said. “And so what? I still don’t understand it.” “You have to be patient, Ifem. If you really get into it, it’s very interesting and you won’t want to stop reading.” “I’ve already stopped reading. Please keep your proper books and leave me with the books I like [...]” (Adichie, 2013, p. 67).²¹

²⁰ Você sabe que Obinze só lê livros Americanos? Espero que você não seja tão tola [...] Esse garoto é obcecado pela América.

²¹ Ele deu a ela uma cópia de *Huckleberry Finn*, as páginas amassadas pelo seu polegar, e ela começou a lê-lo no ônibus de volta pra casa, mas parou após alguns capítulos. Na manhã seguinte, ela colocou-o na mesa dele com um baque decidido. “Bobagem ilegível,” ela disse. “Está escrito em diferentes dialetos americanos,” Obinze

O motivo apresentado por Ifemelu para considerar *As Aventuras de Huckleberry Finn* como uma “bobagem ilegível”, isto é, a escrita em diferentes dialetos, indica, nesse momento, sua preferência pela língua padrão. Essa situação representa um prenúncio da posição da protagonista em relação aos diferentes usos do inglês nos Estados Unidos. Vivendo na América, Ifemelu discrimina, inicialmente, as variações linguísticas adotadas por imigrantes africanos, observando, por exemplo, as falas das trancistas africanas nos salões de beleza, ela dizia:

[...] when they spoke English to customers, it was broken, curious, as though they had not quite eased into the language before taking on a slangy Americanism. Words came out half-completed. Once a Guinean braider in Philadelphia had told Ifemelu, “Amma like, Oh Gad, Az someh.” It took many repetitions for Ifemelu to understand that the woman was saying, “I’m like, Oh God, I was so mad” ²²(Adichie, 2013, p. 9).

Quando Ifemelu inicia o processo de imigração para os Estados Unidos, o uso da língua inglesa e seu enfrentamento com a cultura anglófona ganha destaque novamente, contudo, agora, sob outros matizes. Nesse segundo momento, as expressões em ibo ainda estão presentes, mas apenas no vocabulário de Ifemelu que, com o tempo, também as abandona, em busca de se adaptar à forma americana de falar. Isso acontece principalmente depois que ela entra em contato com tia Uju, cuja identidade nigeriana já havia sido profundamente transformada pelo *American way of life*.

O momento que antecede sua ida à América²³ é marcado por um ritual que se assemelha ao luto, envolvendo inclusive a partilha dos bens entre as amigas mais próximas. Ao se reunirem para compartilhar os pertences, Ifemelu e suas amigas imaginavam a vida no novo continente: um lugar em que se pode ter qualquer tipo de vestido. Há, também, a expectativa de uma mudança radical de identidade: “[...] *next time we see you, you will be a serious Americanah*”

disse. “E daí? Eu continuo não entendendo.” “Você tem que ser paciente, Ifem. Se você realmente se envolver, é muito interessante e você não vai querer parar de ler.” “Eu já parei de ler. Por favor, fique com seus livros adequados e me deixe com os livros que eu gosto [...]”.

²² Quando elas falavam inglês aos clientes, era cheio de erros, curioso, como se não tivessem se acostumado totalmente com a língua antes de adotar gírias americanizadas. Certa vez, uma trancista guineana na Filadélfia disse para Ifemelu “*Amma like, Oh Gad, Az someh.*” Levou muitas repetições até que Ifemelu entendesse que a mulher estava falando “Eu tava, tipo, oh meu Deus, muito puta”.

²³ Escolhemos utilizar, em alguns momentos, a palavra América para se referir aos Estados Unidos. De fato, “Estados Unidos” só é citado seis vezes durante toda a obra, de forma que América/americana/o representa o nome do país e também uma idealização sobre o modo de vida e existência dos estadunidenses.

²⁴(Adichie, 2013, p. 100). A palavra *Americanah* é utilizada, na maioria das vezes, de forma irônica e jocosa, como apontamos anteriormente, contudo, nesse caso, a autora emprega o termo ironicamente como valorização do estilo de vida que será adotado por Ifemelu.

Esse tipo de dissonância demonstra a complexidade entre o pensar, o dizer e o fazer, que nem sempre se complementam. Este exemplo demonstra a capacidade de Adichie de captar tensões interpessoais e intrapessoais em níveis subconscientes, a ponto de explorar conflitos sutis, como é o caso da redução irônica apontada no excerto referido acima.

Enquanto a mãe profetiza a bonança da filha relatando um sonho em que Jesus teria dito que Ifemelu prosperaria na América, enquanto Obinze lembra que, nos Estados Unidos, Ifemelu poderá estudar algo que realmente a interessa, a sogra, contrariando-os, expressa certo pessimismo quanto ao que significa para a Nigéria a partida de pessoas como Ifemelu: “*Nigeria is chasing always its best resources*”²⁵ (Adichie, 2013, p. 100). Aqui, há uma referência à “fuga de cérebros”, um processo multifatorial que envolve a migração de pessoas instruídas de um território a outro, principalmente em busca de melhores condições de formação ou de trabalho. Trata-se de um fenômeno que, para Okoli, Nebeife e Izang (2020, p. 161):

[...] afeta criticamente o índice de desenvolvimento de recursos humanos do país [Nigéria], pois profissionais nigerianos em diversos campos, especialmente os setores de saúde e educação, saem diariamente do país para Europa, América e Canadá, entre outros países desenvolvidos, em busca de melhores oportunidades.

Inicialmente, o romance descreve uma quebra de expectativas de Ifemelu sobre a América: não está frio, os prédios e placas não brilham, pessoas urinam nas ruas, assim como na Nigéria. Essa discrepância entre o país imaginado por Ifemelu e a realidade com a qual ela se depara não impede, efetivamente, a manifestação de um sentimento de inadequação da protagonista e, conseqüentemente, a necessidade de auto ajustamento, principalmente em relação à língua. À primeira vista, o novo espaço se assemelha ao antigo, mas afetivamente as diferenças são gritantes: o abraço rápido da Tia Uju, o silêncio constrangedor durante a viagem de carro do aeroporto até sua nova casa e a própria relação da tia com aquele espaço.:

²⁴ Da próxima vez que virmos você, você será uma verdadeira *Americanah*.

²⁵ A Nigéria está expulsando seus melhores recursos.

Aunty Uju's cellphone rang. "Yes, this is Uju." She pronounced it you-joo instead of oo-joo. "Is that how you pronounce your name now?" Ifemelu asked afterwards. "It's what they call me." Ifemelu swallowed the word "Well, that isn't your name." Instead she said in Igbo, "I did not know it would be so hot here." (Adichie, 2013, p. 104).²⁶

A questão do nome, apresentada nessa cena é emblemática. Ela remete às concessões feitas por pessoas negras, especialmente aquelas de países que foram colonizados, em relação à sua cultura, no geral, e à sua língua, em específico. Essa passagem lembra um argumento de Fanon (2008, p. 34): assim como o negro antilhano se aproxima do homem branco, ou seja, do “homem verdadeiro”, tão mais se aproprie da língua francesa, Uju renuncia ao próprio nome em busca de uma identidade americana, já que “o homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (Fanon, 2008, p. 34). Ora, a língua inglesa tornada oficial na Nigéria já é um elemento comum tanto para Ifemelu quanto para Uju, o que entra em disputa a partir do momento em que elas estão nos Estados Unidos é o *modo de falar*, que expressa não só uma estilística, mas, implicitamente, denota um *modo de vida* e, essencialmente, um *dever-humano* baseado em um modelo de “perfeição”, um *Ideal do Ego*²⁷ que, no caso do negro, trata-se de um Ideal do Ego que é branco (Souza, 1983).

Nesse segundo cenário, ela assume uma posição de estranhamento em relação a cultura local. Dessa vez, diferente do que acontecia entre os amigos de colégio na Nigéria, a posição equânime que lá prevalecia desmantela-se completamente, já que, sob o ponto de vista das personagens que haviam imigrado a mais tempo, Ifemelu não domina as “formas de dizer” propriamente Americanas. Assumindo a posição de *estrangeira*, a protagonista do romance, traída por suas próprias expectativas em relação à América (que não deixam de ser introjetadas), fica isolada em um novo cenário, ao qual é mandatório se adequar. Nessa tentativa, a língua inglesa converte-se em um parâmetro elementar para mensurar o seu sucesso no processo de ajustamento cultural.

Depois de dedicar um bom tempo a essa tarefa inócua, a personagem finalmente começa a perceber que não seria possível contornar sua identidade étnica e de gênero: uma mulher negra nigeriana. Sobre essa percepção, Ifemelu escreve um dos posts no seu blog, *Raceteenth or*

²⁶ O celular de tia Uju tocou. “Sim, aqui é Uju”. Ela pronunciou *you-joo* ao invés de *oo-joo*. “É assim que você pronuncia seu nome agora?” Ifemelu perguntou mais tarde. “É como eles me chamam”. Ifemelu engoliu as palavras “Bem, não é o seu nome”. Ao invés disso, ela falou em ibó, “Eu não sabia que estaria tão quente aqui”.

²⁷ Ideal do ego diz respeito a uma instância da Ordem simbólica “que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem” (Souza, 1983, p. 33).

Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black, abordando sua experiência racial migratória. A entrada desse post denomina-se: “*To My Fellow Non-American Blacks: In America, You Are Black, Baby*”, nele, Ifemelu trata, de maneira irônica, as formas como americanos homogeneízam a experiência de distintos grupos étnicos a partir de características fenotípicas.

Essas alteridades migratórias (Heil, 2020) são parte importante das discussões sobre a diferença da experiência de pessoas negras dentro e fora da África. Chimamanda relata ter se deparado com essa “descoberta”, o fato de “ser negra”, apenas quando migrou para os Estados Unidos (Reese, 2018). Enquanto no Brasil a negritude tem contornos incertos, nos Estados Unidos, há uma estruturação racial bem definida, o que usualmente se designa pela expressão “uma única gota de sangue” (Munanga, 2022), entretanto, essa diferença racial parece envolver todos os africanos em diáspora. A mesmo tipo de percepção levantada por Adichie em relação aos Estados Unidos é relatada por africanos que residem no Brasil (Heil, 2020; Mungoi, 2012).

A fim de “soar como uma Americana”, Ifemelu transforma-se em uma observadora atenta dos hábitos de fala locais. Esse ajustamento é o que consideramos como a terceira forma de apresentação da língua inglesa na trajetória da protagonista. Na narrativa esse marco é encenado por meio de um telefonema em que um operador de telemarketing tenta vender ligações internacionais para a protagonista. Ao final da ligação, ao pedir as informações de Ifemelu, o homem se impressiona quando ela diz que cresceu na Nigéria, pois ela “soa totalmente Americana”. Ifemelu agradece.

Essa “vitória”, contudo, entre as metamorfoses de identidade sofridas pela protagonista, envolve uma sensação de “triunfo cheio de ar”, vazio, perdido, o que resulta em uma decisão inusitada: parar de fingir um sotaque Americano. Essa modificação cria uma turbulência na relação entre Ifemelu e a América. A reação de Ifemelu manifesta-se como uma redescoberta de sua identidade primária. Trata-se, portanto, de uma peripécia nuclear que nos conduz ao desfecho do romance, quando a protagonista retorna à Nigéria.

Nesse último momento, um momento de síntese, Ifemelu volta a dar o “devido valor” ao seu próprio *eu* remanescente: “*This was truly her; this was the voice with which she would speak if she were woken up from a deep sleep during an earthquake*” (Adichie, 2013, p. 175)²⁸.

²⁸ Aquela era mesmo ela; essa era a voz com que ela falaria se fosse acordada de um sono profundo durante um terremoto.

Assim, o sotaque “natural”, o seu inglês nigeriano, finalmente ganha sentido para a protagonista da narrativa e indica o início de um processo de reconstrução do ego. Nesse momento, seu referencial identitário pode incluir uma gama de modelos em relação aos quais Ifemelu já não se sente inadequada.

Nas cenas do romance que ocorrem na Nigéria, a diferença interpessoal no inglês falado parece ser demarcada por dois elementos: a escolha de vocabulário e grau de formalidade nos usos da língua. A questão do sotaque, central para o objetivo utópico de “soar como uma verdadeira americana”, não parece ser um motivo de estranhamento na Nigéria, o que sugere uma certa unidade no sotaque entre o círculo familiar da personagem ou entre seus amigos.

Como citado anteriormente, a diferenciação na forma de falar dentro do cenário nigeriano, na obra, parece se dar no campo da formalidade e do vocabulário empreendido em cada grupo e não no sotaque, como é o caso do cenário estadunidense. Além disso, Obinze, em específico, adota um vocabulário que não diz respeito à adequação aos grupos a que pertence, mas às suas aspirações pessoais. Seu interesse pela cultura estadunidense, entretanto, não é, necessariamente, acaso ou fruto de uma simpatia individual: a difusão da língua inglesa como ferramenta política teve grande influência dos Estados Unidos no pós Segunda Guerra Mundial, já que, então, a Grã-Bretanha se encontrava economicamente e politicamente enfraquecida (Rajagopalan, 2013).

Enquanto política linguística, a questão do inglês em países do chamado Círculo Externo, como é o caso da Nigéria, está intrinsecamente ligada à colonização britânica, entretanto, a expansão política e econômica dos Estados Unidos no século XX deu novas conotações e usos para o inglês, inclusive em territórios que ele já era, por imposição do colonialismo europeu do século XIX, a língua oficial. Nesse sentido, a dupla Obinze/Estados Unidos-mãe de Obinze/Grã-Bretanha demonstra um conflito geracional baseado justamente na dualidade colonialismo inglês/imperialismo estadunidense.

Na jornada linguística de Ifemelu destacamos quatro momentos. O primeiro diz respeito ao falar inglês na Nigéria, quando as diferentes vivências culturais são os elementos que operam diferenciações entre os modos de falar inglês. O segundo momento, um momento híbrido entre Nigéria e Estados Unidos, tem como característica a inclusão de vocabulário ibo em formulações frasais do inglês americano, momento que designa, contraditoriamente, o distanciamento dos falares nigerianos e as reconfigurações africanizadas do padrão linguístico colonialista. O terceiro momento designa o desejo utópico de adequação aos vários elementos

que caracterizam o uso “padronizado” da língua: o sotaque, o vocabulário, o tom de voz, a busca por “soar como uma americana”. Por fim, o último momento é caracterizado pelo abandono definitivo desse desejo utópico e, conseqüentemente, pela percepção da diferença, que não é apenas uma diferença linguística, mas de uma diferença étnica, cultural e social. A percepção dessa diferença constitui-se como fundamento elementar da resistência ao colonialismo, pedra de toque para a conversão do padrão em um instrumento de luta.

4.3 LINHA DE SEGMENTARIDADE FIXA: INTERVENÇÕES MACROPOLÍTICAS NA MICROPOLÍTICA DO *SELF*

A primeira etapa da análise do blog chamaremos de linha de segmentaridade fixa, em uma espécie de *bricoleur* com o platô 8 “Três novelas ou ‘o que se passou?’”, resguardando as diferenças entre novela e romance e, especialmente, dando conta na prática de como se haver com uma análise rizomática de uma obra de ficção. Os posts do blog foram enumerados, para fins de análise, do número 1 ao 19, por ordem de aparição no romance.

A linha de segmentaridade fixa, ou linha dura, segundo o que é proposto por Deleuze e Guattari (1996), denota uma rigidez e remete à formação instituída do sujeito. Nessa linha, propomos analisar a construção social da forma de falar inglês na Nigéria, considerando as intervenções do Estado e da história nos aspectos culturais, como a língua, e a conseqüente influência desses aspectos nas relações interpessoais e individuais mostradas em *Americanah*.

O primeiro post do blog (no romance) está na página 105 do livro²⁹, uma página depois do encontro de Ifemelu com Tia Uju e o conseqüente estranhamento da protagonista com o novo mundo, costumes e formas de falar que encontra ao chegar nos Estados Unidos. Consideramos que há uma sequência do fim de um momento da língua inglesa entre a comparação entre o inglês nigeriano e o inglês estadunidense e o início do blog que não é um mero acaso. O propósito do *Raceteenth* está, de fato, localizado ao longo da busca de Ifemelu por soar como uma americana, e demonstra a passagem da personagem principal da negação de sua forma de falar à significação pessoal do seu sotaque, escolha lexical e, finalmente, local de moradia. O que sugerimos aqui é, então, que a linha de segmentaridade fixa que explicita o

²⁹ Na versão em inglês editada pelo selo *Collin Modern Classics*, da Harper Collins.

contexto histórico da língua inglesa na Nigéria e o contexto ontológico do inglês de Ifemelu se localiza nos dois primeiros tempos da língua inglesa no romance.

Os dois primeiros momentos da língua inglesa em *Americanah* são construídos e descritos em meio à contemplação da organização social que Ifemelu faz parte. Assim, a linha de segmentaridade fixa do romance diz respeito ao funcionamento social desse cenário em que a protagonista se insere e no qual a língua é um elemento discriminador. Nesse contexto, a educação, enquanto mecanismo regulamentador (Foucault, 2005), é apresentada como forma de direcionamento do desenlace dos personagens: para a família de Ifemelu, significa a promessa da mudança de status econômico; para a família de Obinze, é a continuação de um legado familiar. Independente dos sentidos atribuídos à educação formal, ela consiste em um componente da complexa rede que faz funcionar o poder sobre a vida e sobre a morte: o biopoder.

A língua irrompe, no cenário da colonização, como um duplo. Ao mesmo tempo que a obrigatoriedade da assimilação da língua do colonizador é uma expressão da dominação violenta sobre o corpo do escravizado, a criação de novas formas de falar essa língua e a manutenção de traços e vocábulos da língua extirpada demonstram o nascimento de uma raiz contracolonial dentro do próprio processo colonial, desde seu início.

Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo. Esse é o segundo elemento paradoxal do mundo colonial como manifestação do estado de exceção. Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la. Rompendo com sua condição de expatriado e com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfas das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente era possuído por outro (Mbembe, 2016, p. 132)

Mbembe (2016) pensa na necropolítica especificamente como aplicação da noção de soberania e do direito de matar, utilizando como categorias de análise a vida e a morte. Apesar de sua análise ser centrada nos efeitos corporais da organização política do Estado moderno, é importante considerar como outros elementos menos objetivos, como a língua e a religião, são ferramentas sutis, mas eficientes, para a manutenção da violência como estratégia de soberania e das posições dessa relação até a contemporaneidade.

Por outro lado, a criação de uma contralíngua pelos povos colonizados a partir da junção de fragmentos das línguas em estado de proibição com a língua do colonizador demonstra “[...] um espírito de rebelião que tomava posse da língua como local de resistência” (hooks, 2017, p. 227). Sobre isso, hooks (2017, p. 227) aponta como as músicas cantadas por pessoas escravizadas, comumente chamadas de *spirits* são exaltadas pelo seu conteúdo de resistência, e acrescenta que a forma de expressão dessas canções (especialmente a construção gramatical) “[...] reflete o mundo quebrado, despedaçado, dos escravos”.

É justamente à forma de expressão do inglês na Nigéria, e especialmente do inglês de Ifemelu, que se referem os dois primeiros momentos da língua inglesa no romance, antes que o blog, uma forma de desenvolver o conteúdo americanizado, apesar de crítico, se insira no enredo, auxiliando a possibilidade de uma nova forma de expressão do inglês de Ifemelu: o falar como uma americana.

Nessa perspectiva, o terceiro post “*Understanding America for the Non-American Black: What Do WASPs Aspire To?*”³⁰ aparece como uma complementação do segundo post, já que elabora melhor a compreensão de Ifemelu sobre os WASPs. É nesse texto que é apresentada a expressão “olímpiada da opressão”, referindo-se a uma hierarquia em termos de quem sofreu mais ou menos enquanto grupo (nesse caso, em uma comparação entre pessoas negras e judias). Para Ifemelu, a expressão é utilizada por liberais americanos inteligentes “[...] *to make you feel stupid and to make you shut up*”³¹ (Adichie, 2013, p. 205). Entretanto, para a protagonista, apesar da intenção hostil em que a expressão é utilizada, há, de fato, uma olímpiada da opressão, visto que apesar de negros, asiáticos, hispânicos e judeus serem discriminados por pessoas brancas, são discriminados de forma diferente e cada um “[...] *secretely believes that it gets the worst shit*”³² (*idem*). Ainda, todos os grupos minoritários acreditam que são melhores que pessoas negras. Então, para Ifemelu, a branquitude é a aspiração final, os privilégios que os WASPs têm, não necessariamente seus traços fenotípicos.

Essa ideia corrobora com a concepção de Fanon (2008) sobre o devir do homem negro e a de Souza (1983) sobre o Ideal do Ego das pessoas negras. Os dois autores, apesar de falarem de cenários geográficos distintos, compartilham uma compreensão similar sobre o lugar de desejo e de futuro reservado para pessoas negras no mundo pós-colonial. Para Fanon (2008, p.

³⁰ Entendendo a América para o Negro Não-Americano: o que os WASPs querem?

³¹ [...] para fazer você se sentir burro e calar a boca.

³² [...] secretamente acredita que a merda que sofre é pior.

26), o negro “[...] devido a uma série de aberrações afetivas, [...] se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo”. Quando o autor aponta que o único destino do homem negro é branco, diz respeito à posição de humanidade que só é ocupada, devido às movimentações colonialistas, pelo branco.

Nessa mesma direção, Souza (1983, p. 33) aponta que “[é] preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir”, estrutura simbólica que no campo psicanalítico é denominado Ideal do Ego. O trabalho de Souza (1983) contribui com a análise realizada a partir da compreensão de que a estrutura sob a qual a identidade do negro é constituída, o Ideal do Ego do negro, é branco, de forma similar ao que aponta Fanon (2008).

Esse post exhibe o conteúdo de uma linha fixa, dura, em que “[...] o espaço social implica [...] um aparelho de Estado” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [94]). A concepção de Ifemelu sobre a organização racial, étnica e religiosa nos Estados Unidos demarca a existência de segmentos muito bem determinados, caixas em que as vivências podem ser enquadradas e que revelam um funcionamento geral que é difícil de ser modificado. A autora, de certo modo, age diante da dificuldade de movimentar essa codificação, criando outras que, ao sobrepô-la, possam não contradizê-la, mas fazê-la fugir, implicando uma velocidade de desterritorialização que, por sua vez, torna maleável a linha que, antes, era fixa.

4.4 LINHA DE SEGMENTAÇÃO MALEÁVEL: CATEGORIZAÇÃO ÉTNICO-RACIAL PÓS-COLONIAL

Em uma linha maleável, que se localiza entre os efeitos e imposições da linha fixa e da constante desterritorialização exigida pela linha de fuga, podemos observar os posts que apresentam uma tentativa de negociação entre o território, linguístico e geográfico, perdido e aquele que está sendo construído ou conquistado, se quisermos explorar esse fenômeno nas palavras da personagem principal. Em termos da importância respectiva das linhas, “[...] a segmentaridade maleável não seria mais do que uma espécie de compromisso, procedendo por desterritorializações relativas, e permitindo reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [73]), é por isso que, embora se aplique nesta análise uma divisão entre as linhas, elas não cessam de se intercruzar. Não se tratam de *coisas* distintas, mas de *funcionamentos* diversos de uma mesma coisa, como veremos a seguir.

O blog de Ifemelu inicia-se, no enredo, uma página depois do fim da comparação direta entre o inglês nigeriano e estadunidense e termina, cronologicamente, após a *conquista*

linguística da personagem. Compreendemos, então, que o blog está inteiramente localizado no processo de americanização do inglês de Ifemelu. Assim, trata-se de uma ferramenta que conta a história da construção desse processo, quando Ifemelu alcança seu objetivo de soar como uma americana. O conteúdo dos posts dizem respeito ao produto das observações da personagem que, pouco a pouco, assimila não só o modo de falar, mas a visão de mundo estadunidense, algumas vezes através da crítica, outras através do assentimento do seu lugar como *mulher negra*.

Um primeiro bloco de posts se refere à elaboração sobre raça e racismo nos Estados Unidos que Ifemelu promove através de histórias cotidianas e humor afiado. Nessa categoria estão os posts nº 2, 5, 8, 11 e 19. O post nº 2 do blog de Ifemelu é intitulado “*Understanding America for the Non-American Black: American Tribalism*”³³. No texto, Ifemelu fala sobre classe, ideologia, região e raça como formas do tribalismo americano. Ifemelu explica cada uma das categorizações e se detém mais especificamente sobre o tribalismo de raça. Aqui, a protagonista explica que os brancos sempre ocupam o topo e os negros sempre são colocados no nível mais baixo. Sobre a questão da branquitude, Ifemelu explica que estes brancos no topo da hierarquia racial são os com família anglo-saxã e protestante, em contraste, especialmente, com judeus que, apesar de, aos olhos dela, não serem tão facilmente diferenciáveis, não são considerados como *branquíssimos* ou WASPs³⁴ como os primeiros.

“*To My Fellow Non-American Blacks: In America, You Are Black, Baby*”, o quinto post do blog, é dedicado a uma discussão que contrapõe questões étnicas, raciais e geográficas. Ifemelu aborda a perspectiva de que a partir do momento em que uma pessoa negra não americana chega aos Estados Unidos, ela passar a ser vista simplesmente com uma pessoa negra, sendo homogeneizada nessa categoria racial, independente da identificação étnica e geográfica. A massificação identitária é tamanha que mesmo o entendimento de referências racistas nichadas parecem ser cobradas de pessoas negras não americanas. Há, portanto, um tipo de expectativa quanto à preparação dessas pessoas para fazer parte desse grupo, ainda que forçadamente, que vai desde a compreensão de termos, piadas e ofensas até a assimilação de gestos e costumes, como o “*black nod*”³⁵.

³³ Entendendo a América para o negro não-americano: tribalismo americano”

³⁴ White anglo-saxon protestant – Branco anglo-saxão protestante

³⁵ Aceno negro.

A questão da raça e da migração é um tema amplamente estudado, tanto em estudos teóricos-propositivos, como a reflexão proposta por Luena Pereira (2020), como em estudos aplicados (Lustosa, 2024) e na literatura (Baeninger; Peres, 2011). Dois pontos em comum na maioria dos estudos que lida com a relação raça-migração são: 1) pessoas com pele retinta provindas de países africanos dificilmente entram em contato com a auto e heteroidentificação racial como pessoas negras até experienciarem a migração, o que ocorre, com mais frequência, é que em seus países de origem as pessoas se diferenciam através de uma concepção muito mais étnica do que racial; 2) o conceito de negro, enquanto classificação racial, funda-se no processo de colonização.

O oitavo post, intitulado “*So What’s the Deal?*”, é mais breve:

They tell us race is an invention, that there is more genetic variation between two black people than there is between a black person and a white person. Then they tell us black people have a worse kind of breast cancer and get more fibroids. And white folk get cystic fibrosis and osteoporosis. So what’s the deal, doctors in the house? Is race an invention or not? ³⁶(Adichie, 2013, p. 302)

O questionamento de Ifemelu diz respeito à origem da categoria “raça” ser biológica ou social, um debate importante na construção de caminhos entre a superação da discriminação racial e a construção de políticas adequadas para a saúde da população negra. Munanga (2003) aponta como, inicialmente, a ideia de raça é capturada da Botânica e da Zoologia não como uma forma de estabelecer as diferenças concretas entre pessoas, mas como meio para “[...] legitimar as relações de dominação e sujeição entre classes sociais”. Nesse primeiro momento, não houve, sequer, a necessidade de diferenças fenotípicas entre esses grupos para justificar a discrepância de acessos.

Posteriormente, as diferenças fenotípicas foram usadas para fundamentar a ideia de inferioridade de pessoas negras, inclusive através de estudos comparativos que supostamente demonstravam uma correlação positiva entre o formato do nariz, a cor da pele, o tamanho do crânio, entre outras características, com comportamentos socialmente desviantes. No contexto brasileiro, esses estudos eugenistas foram a base para o desenvolvimento do aporte teórico da

³⁶ Eles dizem que raça é uma invenção, que há mais variação genética entre duas pessoas negras do que entre uma pessoa negra e uma pessoa branca. Depois, dizem que nós, negros, temos um tipo pior de câncer de mama e temos mais hiperplasia. E pessoas brancas têm fibrose cística e osteoporose. Então, qual é a real? Raça é uma invenção ou não?

Escola Baiana de Medicina no século XIX sobre antropologia cultural, tendo como figura principal Nina Rodrigues. Entretanto, no século XX, pesquisas no campo da genética determinaram uma maior frequência de determinadas características, inclusive doenças hereditárias, em algumas raças, ao mesmo tempo, esses estudos demonstraram que o perfil genético de indivíduos de raças diferentes pode ser mais próximo do que entre indivíduos da mesma raça, como a própria Ifemelu aponta. Os dados obtidos a partir do avanço dessa área permitiu a criação de um consenso sobre raça como um conceito inoperante do ponto de vista científico (Munanga, 2003).

A provocação de Ifemelu, no entanto, é bastante pertinente do ponto de vista da manutenção de saúde, por exemplo. Enquanto a noção de inferioridade do negro foi desconstruída através dos avanços científicos, essas mudanças não necessariamente se refletem na vivência concreta das pessoas negras na contemporaneidade. O que se observa, de fato, é uma iniquidade em saúde diretamente relacionada à questão racial, desde o atendimento primário em saúde (Durand; Heidemann, 2021) até o especializado (Lages et al., 2017; Paulista; Assunção; Lima, 2019; Leal et al., 2017).

Já o décimo primeiro post, *“Job vacancy in America – National Arbiter in Chief of ‘Who’s Racist’³⁷”*, trata do paradoxo da existência do racismo, mas de nenhum sujeito que atribui práticas racistas a si. Ifemelu demonstra que há uma ideia de que, correntemente, o racismo é considerado como algo do passado e só é verdadeiramente atribuído a práticas de violência física, como o linchamento. Por isso, ela ironiza que há a necessidade de haver alguém com função de classificar quem é racista ou não, *“[o]r maybe it’s time to just scrap the word ‘racist.’ Find something new. Like Racial Disorder Syndrome. And we could have different categories for sufferers of this syndrome: mild, medium, and acute³⁸”* (Adichie, 2013, p. 315).

Por fim, o post nº 19, *“Just this evening³⁹”*, relata que o Professor Bonitão (alcunha para Blaine, o ex-namorado negro estadunidense de Ifemelu) havia sido parado pela polícia por suspeita de porte de drogas. Ifemelu fala que o índice do uso de drogas entre negros e brancos nos Estados Unidos é a mesma, mas imagneticamente existe uma referência racial para a palavra “drogas”. A ligação da imagem do negro a elementos que simbolizam uma quebra do contrato

³⁷ Vaga de emprego nos Estados Unidos – Árbitro Nacional em Chefe de “Quem é racista”.

³⁸ [o]u talvez esteja na hora de descartar a palavra ‘racista’. Encontrar algo novo. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E então poderíamos ter diferentes categorias para quem sofre da síndrome: leve, mediana e aguda

³⁹ Apenas esta noite

social e o colocam como epicentro de um desequilíbrio faz parte da divisão racial que permite que o Estado opere sua soberania, tanto em relação ao direito de deixar morrer (Foucault, 2005) quanto ao que se refere às ferramentas diretas de fazer morrer (Mbembe, 2016).

Na contemporaneidade, cessadas as divisões concretamente postas a partir de um funcionamento racista do Estado amparado legalmente (pelo menos de forma explícita), nota-se que a sucessão de divisões simbólicas são mantidas principalmente a partir da construção do conhecimento, em que ainda impera o eurocentrismo. Para Lander (2005), os saberes modernos, amparados em um discurso hegemônico de modelo civilizatório neoliberal, apresentam uma eficácia neutralizadora que massifica a experiência das sociedades, colocando-as em um espectro de desenvolvimento que tem como ápice o modelo eurocêntrico de organização social.

No âmbito da vivência cotidiana, o processo de normalização do neoliberalismo se traduz em experiências como a relatada no post nº 19: existe um Outro antropológico que ameaça o funcionamento social, o qual é sempre o mais distante possível do Um europeu. Na perspectiva do fazer político, esse mesmo processo é evidenciado a partir da movimentação de grandes potências imperialistas, como é o caso dos Estados Unidos. O segundo bloco de posts se refere a Barack e Michelle Obama, e é um compilado de reflexões sobre o significado deles para pessoas negras, estadunidenses ou não. Aqui, a raça aparece como um elemento pacificador, ao mesmo tempo que a cosmovisão neoliberal insiste em se impor – um lembrete incessante de que qualquer elemento pode ser assimilado para fazer funcionar a máquina soberana do Estado.

Nesse bloco, inicialmente apresentamos o post nº 4, “*Why Dark-Skinned Black Women—Both American and Non-American—Love Barack Obama*⁴⁰”. Essa entrada traz uma discussão acerca da questão da diferença de valorização em relação ao tom da pele de pessoas negras. Primeiramente, Ifemelu fala sobre como muitos negros estadunidenses sentem orgulho em ter antepassados indígenas, o que, para ela, significa um afastamento parcial da negritude, de forma que não ocupam a “escala mais baixa” de pessoas negras na América. Considerando, então, que a cor de pele mais clara evidencia oportunidades de representação midiática, por exemplo, Ifemelu aponta que mulheres retintas amam Barack Obama porque, diferentemente de outros homens negros poderosos, ele é casado com uma mulher retinta, o que pode significar a abertura de espaços para elas em áreas em que são subvalorizadas.

⁴⁰ Por quê mulheres negras retintas – tanto americanas quanto não americanas – amam Barack Obama.

O sétimo post, “*A Michelle Obama Shout-Out Plus Hair as a Race Metaphor*”, é dedicado a falar do cabelo como metáfora racial nos Estados Unidos. Ifemelu aponta que é criada uma contradição entre cabelo crespo e beleza ou profissionalismo. Muitas vezes, quando pessoas negras utilizam seu cabelo crespo natural, são questionadas sobre o que fizeram com ele e, ainda, consideram o “ato” como revolucionário, político ou artístico. Ifemelu escreve: “*I have natural kinky hair. Worn in cornrows, Afros, braids. No, it’s not political. No, I am not an artist or poet or singer. Not an earth mother either. I just don’t want relaxers in my hair—there are enough sources of cancer in my life as it is*”⁴¹ (Adichie, 2013, p. 297).

Para Souza (1983, p. 34), “[...] a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer ‘mancha negra’”, algo apontado no sétimo post através de uma atividade de apagamento sistemático das características que conectem a pessoa negra a sua negritude. Entretanto, “[o] cotidiano é pródigo em situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão” (Souza, 1983, p. 37), portanto, apesar de Ifemelu, no post mencionado, afirmar que usar o cabelo natural não é político ou revolucionário, se trata de um movimento dissociado da percepção da impossibilidade de realização de uma identidade satisfatória diante dos conflitos concretos colocados pelas condições de opressão a que o negro está imerso.

A questão do cabelo da mulher negra é um aspecto central em *Americanah*. O cenário do *Mariama African Hair Braiding* é um ponto de virada no romance (o momento em que Ifemelu trança o cabelo para voltar à Nigéria), mas é, também, um lembrete da complexidade da personagem, através das contradições que não cessam de aparecer no discurso da personagem. Assim, mesmo que Ifemelu seja, como o post nº 7 aponta, “[...] uma mulher africana em um grau avançado de emancipação” (Braga, 2019, p. 64), ela tende por caminhar individualmente nessas percepções de mudança de perspectiva, demonstrando irritação com outras mulheres africanas que não compreendem o subtexto da obrigação estética.

“*Obama Can Win Only If He Remains the Magic Negro*”⁴² é o décimo segundo post do blog. Para Ifemelu, um “Negro Mágico” é um homem negro que demonstra sempre gentileza e inteligência e nunca é ameaçador, ou seja, um homem pacifista e longe da reatividade que tenta ensinar aos brancos o triste preconceito que há em seus corações, mas sempre de forma branda

⁴¹ Eu tenho o cabelo crespo natural. Uso ele nagô, afro, com tranças. Não, não é político. Não, eu não sou artista ou poeta ou cantora. Não sou

⁴² Obama só pode ganhar se continuar sendo o *negro mágico*.

e compreensiva. Como Ifemelu aponta, esse é um personagem existente em muitas histórias ficcionais, especialmente no cinema, fenômeno que Fanon (2008, p. 47, grifo do original) nomeia de “negros do tipo: *y’a bon banania*”, que se trata da representação visual e comportamental de um homem adulto estereotipado como infantil e abestalhado. O homem negro só pode deixar de ser visto como uma ameaça quando infantilizado e apartado da possibilidade do pensamento crítico e intelectual, já que “[...] do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado” (Fanon, 2008, p. 47).

O último post desse bloco é nº 15, “*Is Obama Anything but Black?*”⁴³. É uma escrita ainda afiada, mas menos brincalhona do que o resto das entradas do blog. Nesse post, Ifemelu fala sobre como muitas pessoas, principalmente pessoas não negras, avidamente afirmam que Obama não é negro, mas birracial, multirracial, etc. Independentemente da árvore genealógica, entretanto,

[...] *race is not biology; race is sociology. Race is not genotype; race is phenotype. Race matters because of racism. And racism is absurd because it’s about how you look. Not about the blood you have. It’s about the shade of your skin and the shape of your nose and the kink of your hair*⁴⁴ (Adichie, 2013, p. 337).

Aqui, notamos um tom menos irônico e um posicionamento mais ativo de Ifemelu quanto à questão racial. Ao mesmo tempo que há um contraste do post nº 15 com o post nº 8 pelo tom da escrita, ainda permanecem resquícios do desarranjo que a questão racial opera em Ifemelu. No trecho “[a]nd racism is absurd because it’s about how you look. Not about the blood you have”, ao mesmo tempo que contrapõe a ideia de classificação racial por “uma gota de sangue”, dominante nos Estados Unidos, a protagonista ainda sugere uma relativização possível da inferiorização racial, mesmo que não concorde com ela.

A eleição e reeleição de Barack Obama se tornou um processo importante na discussão da semiótica das propagandas eleitorais, principalmente no que se refere à questão racial. Em uma tentativa de equilíbrio entre a assimilação das forças políticas antirracistas e a supremacia

⁴³ Obama é alguma coisa além de negro?

⁴⁴ [...] *raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é sobre genótipo, mas fenótipo. Raça importa por causa do racismo. E racismo é absurdo porque é sobre como você se parece. Não sobre o sangue que você tem. É sobre o tom da sua pele e o formato do seu nariz e a curvatura do seu cabelo.*

do discurso neoliberal nos Estados Unidos, sua campanha difundiu a ideia de uma realidade pós-racial baseada em sua dupla ascendência. Para Kitossa (2011), o complexo intrincamento discursivo produzido por esse jogo político por um lado apaziguou o receio que pessoas brancas tinham do governo de um presidente negro, por outro, difundiu a ideia do fim do racismo espelhado em sua vitória. Ainda, acrescentamos que, se para os brancos essa ambiguidade significou uma segurança e uma afirmação de sua inimizabilidade pelo racismo nos Estados Unidos, para os negros a ascensão de Obama demonstrava a possibilidade de representatividade no mais alto cargo executivo de uma potência mundial. Essa noção de vitória coletivizada, amparada na repetição do slogan “yes, we can⁴⁵”, foi incorporada por diversos públicos, inclusive por uma parcela de pessoas negras da elite intelectual, como é o caso de Ifemelu e Blaine.

Não podemos deixar de citar que independente da romantização de um “nós” propagado pela campanha eleitoral de Obama, seu governo não decepcionou em mostrar mais do mesmo da lógica imperialista estadunidense: seguindo a mesma racionalidade de divisão centro/periferia, Obama deu continuidade ao projeto de opressão sistemática da “periferia dos Estados Unidos” seguindo a lógica clausewitziana da guerra como continuação da política por outros meios. A estratégia de imagem do Negro Mágico, bondoso e incapaz de fazer o mal, entra na equação como funcionamento da inversão desse aforismo, que para Foucault (2005, p. 23) seria “[...] a política é a guerra continuada por outros meios”. Enfim, uma combinação perigosa e tecnológica que é capaz de reinventar cotidianamente o direito soberano do Estado sobre a vida da população.

Na trajetória linguística de Ifemelu, a assimilação do discurso de vitória do povo negro dos Estados Unidos aparece como a etapa final de se tornar *Americanah*: não só falava como uma americana, seu objetivo principal, mas se emocionava como uma, se sentia parte da história de triunfo do povo negro da América. Não por acaso, a noite do êxito de Barack Obama é também um último suspiro do seu romance com Blaine e, conseqüentemente, do seu projeto de se tornar uma *Americanah*.

Um terceiro bloco nessa linha se relaciona intimamente com o primeiro bloco, mas diz respeito, especificamente, a novas elaborações sobre uma identidade pós-colonial que é diversa e confusa, mas potencialmente pujante. O post nº 1, “*Understanding America for the Non-*

⁴⁵ Sim, nós podemos.

American Black: What Hispanic Means”, retrata a construção de uma “nova raça” extremamente heterogênea, o hispânico. Ifemelu, ao descrever pessoas que podem ser consideradas como hispânicas – pessoas que parecem birraciais, indígenas do México, pessoas de pele mais clara de Porto Rico – conclui que qualquer falante de espanhol que não seja da Espanha “[...] *voilà, you’re a race called Hispanic*” (Adichie, 2013, p. 105).

“*Friendly Tips for the American Non-Black: How to React to an American Black Talking About Blackness*”, post nº 13, se trata de um texto comparativo em que Ifemelu retoma a ideia de que há uma hierarquia de opressão nos Estados Unidos. Embora reconheça que os Estados Unidos foi responsável por um enorme caos pós-colonial, a protagonista coloca em perspectiva o tratamento dado a pessoas negras em comparação com qualquer outro grupo étnico e como esse tratamento molda a vivência dessas pessoas.

O post seguinte, “*Traveling While Black*”, relata a ideia de um amigo de um amigo de Ifemelu que está escrevendo um livro com o mesmo título do post. Nesse livro, o autor pretende replicar os guias que falam sobre o que esperar em viagens quando se é homossexual ou mulher, mas na perspectiva de o que esperar quando se é reconhecidamente negro. “*It’s not like anybody is going to shoot you but it’s great to know where to expect that people will stare at you*” (Adichie, 2013, p. 330).

And then another friend says, “Native blacks are always treated worse than non-native blacks everywhere in the world. My friend who was born and raised in France of Togolese parents pretends to be Anglophone when she goes shopping in Paris, because the shop attendants are nicer to black people who don’t speak French. Just like American Blacks get a lot of respect in African countries”.

Aqui a questão da nacionalidade e da língua é trazida como índice de hostilidade/hospitalidade que pessoas negras receberão ao visitarem outros países. Notamos que há a indicação da adoção de estratégias de redução do nível de hostilidade que incluem a omissão da língua falada e outros traços étnicos, dada a impossibilidade da omissão fenotípica.

O 16º post é intitulado “*What Academics Mean by White Privilege, or Yes It Sucks to Be Poor and White but Try Being Poor and Non-White*” e fala sobre como o conceito de privilégio está sempre relacionado a alguma outra coisa. Por exemplo, quando se fala de privilégio branco, a noção está relacionada a certos indicadores, de forma que o privilégio de uma pessoa branca é constatado em comparação a uma outra pessoa não-branca de mesma posição social que ela. Como exemplo, Ifemelu aponta que se um homem branco pobre e um

homem negro na mesma condição social que o primeiro forem presos por posse de drogas, há uma maior probabilidade de que o homem branco seja indicado para tratamento enquanto o homem negro provavelmente será mandado para a cadeia.

“*Understanding America for the Non-American Black: A Few Explanations of What Things Really Mean*” é o décimo sétimo post do blog. Ifemelu aborda o desconforto que os estadunidenses sentem com a concepção de raça, de forma que sempre que se fala em raça, tendem a adotar um comportamento de desvio ao dizer que classificar uma situação como uma questão racial é simplista. Depois, a autora satiriza a noção de diversidade, apontando que, para pessoas brancas, uma vizinhança diversa significa 9% de pessoas negras e, para pessoas negras, significa 40% de pessoas negras. Por fim, Ifemelu aborda como o desconforto com a questão racial é estendido à linguagem, de forma que, muitas vezes, estadunidenses utilizam o termo “cultura” quando querem se referir à raça, além do uso de diferentes termos para evitar considerar que a questão central da diferença no país é racial.

Por fim, o post nº 18 é chamado “*Understanding America for the Non-American Black: Thoughts on the Special White Friend*”. Este é um post que se conecta com o post nº 10 “*Open Thread: For All the Zipped-Up Negroes*”, em que Ifemelu convida pessoas negras que não falam sobre experiências que se relacionam à questão racial para manter todos confortáveis a falar sobre suas histórias. Já o 18º post aponta como o Amigo Branco que entende é um bom presente para o Negro Fechado a Zíper, já que são pessoas que, tendo consciência racial e privilégios de acesso e possibilidade de serem ouvidos, podem dizer coisas que pessoas negras não podem. Ifemelu discute o conceito de meritocrática, ou seja, a ideia de que pessoas brancas conquistaram seus empregos e posições acadêmicas, enquanto pessoas negras só ocupam esses espaços por serem negras. Na realidade, a autora compreende que o que ocorre é o inverso: desde o estabelecimento dos Estados Unidos, pessoas brancas conseguem ocupar certas posições justamente por serem brancas. Apesar de essa constatação ser alcançada a partir de um caminho cognitivo relativamente simples, Ifemelu convida as pessoas negras a deixarem o Amigo Branco que Entende falar sobre isso, já que quando pessoas negras apontam a contradição do pensamento meritocrático são “[...] *accused of a curiosity called ‘playing the race card’*” (Adichie, 2013, p. 361). Enfim, o post é um convite para que pessoas brancas com consciência racial possam utilizar de seu lugar de privilégio para apontar questões que, quando ditas por pessoas negras, são desconsideradas ou hostilizadas.

4.5 LINHAS DE FUGA: REAPRENDER A FALAR

“[...] o inglês será capaz de carregar o peso de minha experiência africana... Mas terá que ser um novo inglês, ainda atrelado a sua ancestralidade, porém modificado para moldar-se aos seus novos contornos africanos” (Achebe, 1975, p. 65).

Por fim, a linha de fuga associa-se à reinvenção, à proposição de uma desterritorialização que permita a fuga ao que foi instituído, é importante frisar “[...] que a linha de fuga *não vem depois*, está presente desde o início, mesmo se espera sua hora e a explosão das outras duas” (Deleuze; Guattari, 1996, p. [73]). Assim, mesmo dentro do funcionamento das linhas duras e maleáveis, já podemos vislumbrar breves caminhos que desembocarão, posteriormente, nas linhas de fuga.

Os últimos momentos da língua inglesa abordados em *Americanah* coincidem com uma sequência de fins e mudanças para Ifemelu: fim do relacionamento com Blaine, fim do blog, decisão de voltar para Nigéria. Consagrando o estilo narrativo do romance, a volta para a Nigéria é precedida de uma *jornada* até o salão de trancistas, cena inicial do livro. A assimilação total de uma negritude americanizada é demonstrada pelo acúmulo de conhecimento sobre o comportamento dos estadunidenses e dos imigrantes nos Estados Unidos. Diferente da jovem Ifemelu que se decepcionou com a realidade tão distante dos livros e do imaginário de Obinze, uma década depois ela se mostra uma mulher que reconhece os caminhos e os cheiros reais desse país, o calor, as respostas automáticas, enfim, uma mulher que fala como uma americana.

O fim de *Raceteenth* é descrito logo no início do romance como parte de uma mudança na vida de Ifemelu. Optamos por transcrever um excerto integral que conta sobre o fim do blog e também traz sentimentos de Ifemelu sobre ele:

*Often, she would sit in cafés, or airports, or train stations, watching strangers, imagining their lives, and wondering which of them were likely to have read her blog. Now her ex-blog. She had written the final post only days ago, trailed by two hundred and seventy-four comments so far. All those readers, growing month by month, linking and cross-posting, knowing so much more than she did; they had always frightened and exhilarated her. SapphicDerrida, one of the most frequent posters, wrote: **I’m a bit surprised by how personally I am taking this. Good luck as you pursue the unnamed “life change” but please come back to the blogosphere soon. You’ve used your irreverent, hectoring, funny and thought-provoking voice to create a space for real conversations***

*about an important subject. Readers like SapphicDerrida, who reeled off statistics and used words like “reify” in their comments, made Ifemelu nervous, eager to be fresh and to impress, so that she began, over time, to feel like a vulture hacking into the carcasses of people’s stories for something she could use. Sometimes making fragile links to race. Sometimes not believing herself. The more she wrote, the less sure she became. Each post scraped off yet one more scale of self until she felt naked and false*⁴⁶(Adichie, 2013, p. 5, grifo do original).

O blog que começou como uma ferramenta de descrição das observações de Ifemelu em um “novo mundo” e como um guia de comportamento para pessoas como ela, converteu-se um elemento de sua ansiedade quanto ao que ela havia se tornado. As descrições das escolhas de terminar o namoro com Blaine e finalizar o blog criam uma relação de contiguidade entre elas: “[...] *layer after layer of discontent had settled in her [...] her relationship with him was like being content in a house but always sitting by the window and looking out*⁴⁷” (Adichie, 2013, p. 7); “[t]he more she wrote, the less sure she became. Each post scraped off yet one more scale of self until she felt naked and false⁴⁸” (Adichie, 2013, p. 5). A decisão de voltar para a Nigéria tem um tom diferente, Ifemelu diz a Blaine que voltará para seu país porque *tem* que fazê-lo: a volta aparece como única alternativa a um modo de vida que não consegue mais manter. Mesmo com todas as pendências resolvidas, passagem comprada, envio do carro para a Nigéria, venda de suas posses no Estados Unidos, a protagonista só sente que está realmente voltando quando conta a novidade para Obinze que, a partir desse momento, começa a aparecer como uma possibilidade de futuro na Nigéria.

⁴⁶ Frequentemente ficava sentada em um café, aeroporto ou estação de trem observando estranhos, imaginando suas vidas, e se perguntando quais teriam lido seu blog. Que agora era seu ex-blog. Ela havia escrito o último post fazia apenas alguns dias, e até agora tinha duzentos e setenta e quatro comentários. Todos aqueles leitores, cujo número crescia a cada mês, divulgando seus posts nas mídias sociais, sabendo tão mais do que ela; eles sempre a deixavam amedrontada e inebriada. DerridaSafista, uma das comentaristas mais frequentes, escreveu: *Estou um pouco surpresa com o quanto estou levando isso para o lado pessoal. Boa sorte nessa “mudança de vida” que você não explicou qual é, mas, por favor, volte logo para a blogosfera. Você usou sua voz irreverente, desafiadora, engraçada e provocadora para criar um espaço onde era possível ter conversas reais sobre um assunto importante.* Leitores como DerridaSafista, que viviam citando estatísticas e usavam termos como “reificar” em seus comentários, deixavam Ifemelu nervosa, ansiosa por inovar e impressionar; e ela, com o tempo, passou a se sentir como um abutre se alimentando das carcaças das histórias dos outros em busca de algo que pudesse usar no blog. Às vezes, a ligação que Ifemelu fazia entre um fato e a questão racial era frágil. Outras vezes, ela própria não acreditava no que estava dizendo. Quanto mais escrevia, menos certa estava. Cada post arrancava mais uma escama de seu eu, até que ela passou a se sentir nua e falsa

⁴⁷ [...] camadas e camadas de descontentamento haviam se assentado sobre ela [...] seu relacionamento com ele era como estar satisfeito dentro de uma casa, mas ficar sentado diante da janela olhando para fora o tempo todo.

⁴⁸ [...] quanto mais ela escrevia, menos certa estava. Cada post arrancava mais uma escama de seu eu, até que ela passou a se sentir nua e falsa.

Raceteenth or Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black é, de acordo com a análise que propomos, um diário da americanização de Ifemelu: inicia-se com um estranhamento da cultura do país, passa-se à observação cuidadosa dos costumes, à descrição deles, posteriormente estabelece-se uma crítica e alternativas a esses costumes e, por fim, dado o “sucesso” do processo de americanização, há uma assimilação desse imaginário anteriormente criticado. O momento em que o atendente de telemarketing diz que Ifemelu fala como uma americana, dando a ela o reconhecimento buscado ao longo de uma década de observações cuidadosas, é descrito de forma semelhante a como o blog a faz sentir: 1) uma vitória vazia/ 2) se sentia nua e falsa.

Tendo completado um ciclo de transformação adoecedor, simbolizado na descrição da sua sensação perante à “vitória” e também pela tentativa de suicídio de Dike, seu sobrinho, Ifemelu entende que *tem* que voltar à Nigéria, mas este é um processo também complexo, que envolve redescobrir o seu lugar e a sua prática de vida. Não é por acaso que, dada a volta para reencontrar no inglês falado na Nigéria o *seu* próprio inglês, Ifemelu tenta refazer a cena do blog em território nigeriano, mas através da ferramenta jornalística, em que seu nome precede o texto. No contexto estadunidense, a elite intelectual considera que Ifemelu tem uma voz irreverente e provocadora capaz de estabelecer um espaço para conversas reais; na Nigéria, o blog “*The small redemptions of Lagos*⁴⁹” têm avaliações discrepantes.

O novo blog de Ifemelu também se tornou um sucesso e traduzia com excelência a complexidade de sua experiência. Em comparação com o primeiro blog, o segundo mostra o resultado formativo de quem Ifemelu é e não de quem ela gostaria que fosse. Os comentários feitos nos posts demonstram a recepção da complexidade do olhar da personagem: alguns preferem se ater à experiência estética das fotos dos posts; outros apontam de forma contundente a visão exteriorizada de Ifemelu sobre Lagos, ora como uma crítica à autora, ora como enaltecimento.

Apesar dos posts do seu novo blog alcançarem um efeito positivo para Ifemelu, é interessante notar que a vivência da escrita que antes era tão central na narrativa da protagonista do romance passa a ser dissolvida pela retomada da possibilidade de ser feliz ao lado de Obinze. O conflito em manter um relacionamento com Obinze, que então era um homem casado, faz com que Ifemelu decida pelo afastamento, e prossiga com um modo de vida que a agrada – se

⁴⁹ As pequenas redenções de Lagos

sentir em casa, escrever em seu blog, se familiarizar à complexidade de estar em constante movimento.

A descentralização da escrita da personagem principal, a nosso ver, não é um aspecto negativo na narrativa, apenas recoloca essa atividade como parte de uma vida em que Ifemelu não precisa construir uma nova identidade, mas se ater à sua própria realidade. Assim, enquanto *Raceteenth* era simultaneamente um laboratório dos resultados de suas observações e um sustentáculo de sua nova identidade americana, *The small redemptions of Lagos* é uma captação autoral do olhar diaspórico de Ifemelu.

O final de *Americanah* é a disposição de todas as multiplicidades que constituem e são constituídas no desenvolvimento de Ifemelu, contemplando todo o plano de exterioridade (a macropolítica, a biopolítica, a necropolítica, o colonialismo) que não cessa de atravessar a construção do self diaspórico pós-colonial. Nas contradições da personagem e na conjunção dela com Chimamanda, que só é possível dada a especificidade dessa escrita menor, cria-se um cenário desterritorializado em que tudo existe e tudo pode ser exterminado: a mulher africana consciente e fortalecida pela sua própria ancestralidade se contrapondo à *americanah* que critica silenciosamente o funcionamento ancestral das mulheres africanas; a recusa de finalizar o livro para evitar um clichê americanizado e a excessiva finalização do próximo romance baseado em uma tragédia real, com direito à Nota da Autora justificando a necessidade do excesso⁵⁰.

Esse procedimento de “deixar em aberto” faz jus à essência contraditória de Ifemelu, e refere-se, em última análise, ao funcionamento rizomático desse tipo de literatura:

[h]á ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito (Deleuze; Guattari, 1995a, p. [17]).

⁵⁰ Nos referimos a “A Contagem dos Sonhos”, de 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, propomos uma análise crítica do uso da língua inglesa no livro *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, especialmente a partir do blog de Ifemelu, personagem principal do romance. Iniciamos a pesquisa delimitando uma base teórica consistente que nos permitiu desenvolver um trabalho de análise coerente. O conceito de biopolítica, elaborado por Foucault (2005), abarca o funcionamento do Estado moderno no campo da vida e morte da população. O racismo entra, no pensamento foucaultiano, como a régua que delimita os contornos e justificativas para a escolha de quem deve viver e quem deve morrer. Essa função homicida, que tem como justificativa uma suposta autopreservação, não é apenas uma característica do Estado moderno, mas uma condição essencial do seu funcionamento.

Já a ideia de necropolítica evidencia as zonas de morte social a que os corpos são relegados. Mbembe (2016) compreende que, no contexto do discurso da razão como verdade do sujeito e da política como exercício da razão na esfera pública, a ideia de soberania é vista como busca da autonomia e é essa concepção que justificaria e instrumentalizaria o extermínio concreto de corpos humanos. Diferentemente do conceito de biopolítica, necropolítica, para Mbembe (2016), não diz respeito a uma extensão ou variação do racismo, mas um mecanismo de poder iniciado nos processos de colonização da África e da América, o qual funciona como um pilar para a concreção dos ideais europeus de Modernidade, que se perpetuam até a atualidade.

Essa manutenção de um ideal eurocêntrico de razão, verdade, política e vida, no geral, perdura e é concretizada através do que Quijano (1998) conceitua como colonialidade do saber e Lander (2005) como colonialidade do ser. Os autores compreendem que o processo de colonização realizado por países europeus compôs, pelo menos, dois grandes momentos: inicialmente, ações concretas de dominação dos corpos através da escravização e extermínio de uma diversidade de povos africanos e originários dos continentes americanos; e, posteriormente, a permanência dos pressupostos estéticos, intelectuais e políticos na composição das sociedades pós-coloniais, os quais invadem a vida cotidiana dos países explorados no momento anterior, além de estabelecer o funcionamento do Estado e das relações políticas mundiais. Dessa forma, a colonialidade é o sistema segundo o qual processos violentos de exploração e dominação se perpetuam através de estratégias refinadas que localizam a

política como uma forma de continuação da guerra, para retomar a inversão do aforismo de Clausewitz proposta por Foucault (2005).

No presente estudo, inspirados pela aposta estética, mas também ética e política, de Deleuze e Guattari (1995a; 1995b; 2011; 2017), discutimos as vicissitudes políticas da língua e linguísticas da política, utilizando os posts do blog de Ifemelu em *Americanah* como um meio, *milieu* ou, ainda, um contexto no qual concorrem linhas de segmentaridade que nos fazem apreender de suas brechas a abstração do funcionamento da língua. Nesse sentido, buscamos uma aproximação da ideia de literatura menor desenvolvida pelos autores. Inicialmente, fizemos uma discussão acerca do rizoma, compondo reflexões acerca de suas características e compreendendo como esse platô e a obra de Deleuze e Guattari, no geral, faz referências e problematiza as teorias mais celebradas e estabelecidas da área da linguística.

Em contraposição à rigidez das teorias estruturalistas e essencialistas da linguagem, Deleuze e Guattari se posicionam em uma frente contra-hegemônica, apostando na luta local como caminho para a celebração de uma pragmática e imanência da língua. Nas análises iniciais do objeto de pesquisa, notamos como existe uma definição dos tempos da história e do desenvolvimento da personagem principal, Ifemelu, que podem remeter à existência das linhas de segmentaridade propostas por Deleuze e Guattari (1996).

Na linha de segmentaridade fixa, discutimos sobre os posts e aspectos do blog *Raceteenth or Various Observations about American Black (formerly known as Negroes) by a Non-American Black* que remetem a uma rigidez e à formação instituída do sujeito. Nessa linha, propomos analisar a construção social da forma de falar inglês na Nigéria, considerando as intervenções do Estado e da história nos aspectos culturais, como a língua, e a consequente influência desses aspectos nas relações interpessoais e individuais na obra.

Na linha de segmentaridade maleável, analisamos posts que apresentam uma tentativa de negociação entre o território perdido e um outro que está sendo construído ou conquistado. Podemos notar, nesse momento da análise, uma constante movimentação dos conteúdos em direção ora à linha de segmentaridade dura, ora à linha de fuga.

Finalmente, no campo da linha de fuga, abordamos reflexões sobre a decisão de Ifemelu em finalizar o blog, voltar para a Nigéria e iniciar um novo ficheiro, abandonando o anonimato. De fato, esse movimento cria dinâmicas de libertação e identificação, ao mesmo tempo que remete a perigos próprios da linha de fuga: o perigo de se extinguir, e de voltar a uma proposição fixa do *self*. Em outras palavras, o ato de desterritorialização a que remete a linha de fuga

implica na possibilidade de reterritorializações tanto no campo da autoafirmação, no caso de Ifemelu de sua forma de falar e de sua identidade, mas também de destinos fixos, como a repetição de padrões de submissão a uma categorização étnico-racial instituída sob o prisma da necropolítica.

A literatura, principalmente essa literatura menor (Deleuze; Guattari, 2017), pode criar um contexto que, afastado das noções subalternizantes do colonialismo europeu, permite proposições práticas que vão de encontro a uma lógica descolonizada. Nesse sentido, Adichie, através de uma personagem tão complexa, por vezes contraditória, como Ifemelu, indica as movimentações de uma mulher nigeriana em direção à América e, posteriormente, em direção a seu lar, territorial e simbolicamente. A língua aponta, em nossa análise, como um elemento ora de dominação, ora de libertação.

Assim, compreendemos que o uso que se faz da língua é o que determina seus efeitos não só literários, mas na vida política daqueles que a vivem.

Por fim, talvez falar sobre descolonialidade nos usos da língua inglesa, e sobre os desafios que essa proposição implica, é reconhecer, como aponta Ailton Krenak⁵¹, que há mundos que constantemente estão colidindo entre si, e que há, dentro dessa guerra de mundos, uma guerra de narrativas. Assim, construir politicamente e poeticamente novas narrativas é um caminho possível para compor esse embate. Os movimentos realizados por Chimamanda indicam a potência desses saberes sujeitados (Foucault, 1999) que irrompem como forma de contrapor o colonialismo contemporâneo através da linguagem e da língua.

⁵¹ Aqui, nos referimos a uma entrevista feita por Jaider Esbell a Ailton Krenak, no contexto do III Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=601s&ab_channel=UnBTV. Acesso em: 29 set. 2024.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. The African writer and the English Language. In: OKPEWHO, I. (Ed.). **Chinua Achebe's Things Fall Apart: A Casebook**. New York: Oxford University Press, 1975, p. 55-65.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução nossa. London: 4th State, 2013.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notes on grief**. Toronto: Random House of Canada, 2021.

AKINGBE, Niyi; ADENIYI, Emmanuel. 'Reconfiguring Others': Negotiating Identity in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah*. **Rupkhata Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, [S. l.], v. 9, n. 4, 2017. Disponível em: <https://rupkatha.com/V9/n4/v9n405.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ALBORS, Marc Delcan. Literatura trans*fronteriza como respuesta a la violencia *de/l* género. Propuesta de ampliación del campo literario del norte de México a partir de la obra *Adrift's Book* de Sayak Valencia y los conceptos "necroescritura" y "desapropiación" de C. Rivera Garza. **Connotas. Rev. crit. teor. lit.** [online], n.27, p.7-35, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36798/critlit.v0i27.473>. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2448-60192023000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2024.

ANGULO-GIRALDO, Miguel. Los tránsitos de la pérdida: a propósito de Sobre el duelo de Chimamanda Ngozi Adichie. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 303–308, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/202224318>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/kSyhtRKXBH9CycKp5Ntk8Np/?lang=es>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta Guimarães. Refugiados africanos em São Paulo, Brasil: espaços da migração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, Lisboa, nº 24, p. 97-110. Disponível em: <https://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf#page=392>. Acesso em: 15 fev. 2026.

BARBOSA, Mariana de Toledo. Língua e política em Hjelmslev e Deleuze & Guattari: prolegomenos ao conceito de agenciamento. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 36, e202430393, 2024. DOI: 10.1590/2965-1557.036.e202430393. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfilos/a/7vRX5YMXc8hbSNrD4zxtnBM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2026.

BENEVIDES, Alice Bruna Fernandes; BARRETO, Aline de Souza; SILVA, Cássio Roberto Borges da. Reaprender a falar: *Americanah*, língua inglesa e identidade. 2026. **No prelo**.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora UnB, 2019.

CAHEN, Michel. Introdução - o que pode ser e o que não pode ser a colonialidade: para uma aproximação “pós-póscolonial” da subalternidade. *In*: CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (Orgs.). **Para além do pós(-)colonial**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 31-74.

CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy. Preâmbulo: anticolonial, pós(-)colonial, decolonial: e depois? *In*: CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (Orgs.). **Para além do pós(-)colonial**. São Paulo: Alameda, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CRESSWELL, Tim. **On the move: mobility in the modern Western world**. New York: Routledge, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 1995a. (Vol. 1)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 1995b. (Vol. 2)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Vol. 3)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris, 1989.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DURAND, Michelle Kuntz; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Buss. Saúde das mulheres quilombolas: diálogo com a literatura. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 12, p. 203–210, 2021. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.7226. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7226>. Acesso em: 17 fev. 2026.

DUSSEL, Enrique Domingo. **Política de la liberación**: historia mundial y crítica. Madrid: Trotta, 2007.

ESPÍRITO SANTO, Thaís; MARQUES, Ana Luiza. Na Bienal, Chimamanda Ngozi Adichie diz que falar sobre negritude e questões femininas ‘é lutar contra a opressão’. Guia RJ. G2. 13 de junho de 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/guia/guia-rj/noticia/2025/06/13/na-bienal-chimamanda-ngozi-adichie-diz-que-falar-sobre-negritude-e-questoes-femininas-e-lutar-contr-a-opressao.ghtml>. Acesso em: 04 dez. 2025.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas**: teoria, política e subjetividade. 2. Ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 255-288, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/LMbr7mNnPDM7CXV5L59MkFR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2025.

FLORINDO, Marília Carolina de Moraes. **A mulher, a negra e a estrangeira em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie**: representações pós-coloniais de gênero, raça e nacionalidade no mundo contemporâneo. 2020. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.16.3.34-44>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692016000300003&script=sci_abstract. Acesso em: 10 jun. 2025.

GIUNTA, Andrea. El arte negro es el Brasil. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistaz.letras.ufrj.br/el-arte-negro-es-el-brasil/>. Acesso em: 07 mar. 2026.

GORDON-REED, Annette. **On Juneteenth**. New York: Liveright Publishing Corporation, 2021.

GROSGOUEL, Ramón. The epistemic decolonial turn: beyond political-economy paradigms. **Cultural Studies**, [S. l.], v. 21, n.2-3, p. 211-223, March/May 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601162514>. Acesso em: 26 ago. 2025.

HEIL, Tilmann. Alteridades migratórias atuais: africanidade e europeidade em questão no Rio de Janeiro. **Brésil(s)** [online], v. 3, dez. 2020. DOI: 10.4000/bresils.8918. Disponível em: <https://journals.openedition.org/bresils/8918>. Acesso em: 10 abr. 2025.

HEWETT, Heather. Coming of age: Chimamanda Ngozi Adichie and the voice of the third generation. **English in Africa**, Centurion (África do Sul), v. 32, n. 1, p. 73-97, 2005. DOI: Disponível em: https://www.academia.edu/926927/Coming_of_Age_Chimamanda_Ngozi_Adichie_and_the_Voice_of_the_Third_Generation. Acesso em: 02 abr. 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KITOSSA, Tamari. Obama deception?: empire, ‘postracism’ and White Supremacy in the campaign and election of Barack Obama. **Journal of Critical Race Inquiry**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <https://jcri.ca/index.php/CRI/article/view/3553>. Acesso em: 18 fev. 2026.

LAGES, Sônia Regina Corrêa; SILVA, Ariane Macthelly da; SILVA, Diego Patrick da; DAMAS, Júlia Martins; JESUS, Mariana Augusto de. O preconceito racial como determinante social da saúde - a invisibilidade da anemia falciforme. **Gerais: Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 109-122, jun. 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n1/11.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana Granado Nogueira da; PEREIRA, Ana Paula Estever; PACHECO, Vanessa Eufrauzino; CARMO, Cleber Nascimento do; SANTOS, Ricardo Ventura. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 1, 2017. DOI: 10.1590/0102-311X00078816. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2026.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. **Revista D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28316/19879>. Acesso em: 03 out. 2024.

LUSTOSA, João Heitor Nogueira Castro. **Corpos em migração: venezuelanos em Sergipe e a incorporação da condição de imigrante/refugiado a partir da raça/etnia**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2024.

MARCOS, Marcela. Chimamanda Ngozi Adichie, escritora feminista e uma das maiores intelectuais da atualidade. **Estudar Fora**. Fundação Estudar. 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/chimamanda-ngozi-adichie/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n32.p122%20-%20151>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 11 out. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. 2. Ed. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ, 05 de novembro de 2003.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 36, n. 105, p. 117–129, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7dxnhTYxMskypKpS6FcW98L/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, Ano XX, No 38, p. 125-139, jan./jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/remhu/a/zLCvJT9C8M4XvNttL8zwNZk/?format=pdf&lang=pt&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 abr. 2025.

MUNIZ, Dayse Rayane e Silva. **Resistência e emancipação em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma escrita negra, feminista e decolonial**. 2023. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2023.

NEGRIS, Adriano. Entre Biopolítica e Necropolítica: uma questão de poder. **Ítaca**, Rio de Janeiro, n.36, v. Esp., p. 79-102, 2020. DOI: <https://doi.org/10.59488/itaca.v0i36.31835>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31835>. Acesso em: 07 jul. 2025.

OKOLI, Al-Chukwuma; NEBEIFE, Chigozie Joseph; IZANG, Markus Arum. Eleições e déficits democráticos na quarta república da Nigéria: um comentário. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 147-172, Jan./Jun. 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/100199/58878>. Acesso em: 12 set. 2024.

OLEO, Dener. **Denúncias da literatura**: as possibilidades de futuro de um presente gestionado pela necropolítica. 2020. 196f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2020.

PAULISTA, Janaína Santos; ASSUNÇÃO, Paula Gonçalves; LIMA, Fernando Lopes Tavares de. Acessibilidade da População Negra ao Cuidado Oncológico no Brasil: Revisão Integrativa. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S. l.], v. 65, n. 4, p. e-06453, 27 jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2019v65n4.453>. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/453/526>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PAZELLO, Ricardo Prestes. Teorias críticas do colonialismo. **InSURgência**: revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 9, n. 1, p. 601-614, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/45253>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 63, n. 2, p. 1-14, mai./ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.170727>. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/pt_BR/article/view/170727. Acesso em: 10 fev. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura, y conocimiento en América Latina. **Ecuador Debate**, Quito, p. 227-238, ago. 1998. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/6042/1/RFLACSO-ED44-17-Quijano.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/14118>. Acesso em: 08 dez. 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O ensino de línguas como parte da macro-política linguística. In: GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcelo Alvaro de.; CARVALHO, A. M. (Orgs.) **Linguística aplicada e ensino**: língua e literatura. Campinas: Pontes/ALAB, 2013. p. 47 – 73.

REESE, Hope. Chimamanda Ngozi Adichie: tornei-me negra na América. Intelectuais Públicos. **JSTOR Daily**. 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://daily.jstor.org/chimamanda-ngozi-adichie-i-became-black-in-america/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

RICH, Adrienne. **Que tempos são estes e outros poemas**. Tradução de Marcelo Lotufo. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2018.

RODRIGUES, Felipe Fanuel. Uma visão crítica de Chimamanda Adiche. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Manaus, v. 22, n. 39, p. 178–180, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304X20202239ff>. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rblc/a/4YkSWJJZmPQ75Jch58DJ8k/?format=html&lang=pt>>.
Acesso em: 7 mar. 2026.

SILVA, Cássio Roberto Borges da; SANTOS FILHO, Adão Ferreira dos. Foucault e Mbembe: Biopoder, Necropolítica e Etnia. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. e238229, 2023. DOI: 10.52641/cadcajv8i2.107. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/107>. Acesso em: 6 mar. 2026.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.